

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA

MIRAMI GONÇALVES SÁ DOS REIS

ASPECTOS SOCIOLINGUÍSTICOS DA VARIEDADE CACERENSE

CÁCERES – MT

2020

MIRAMI GONÇALVES SÁ DOS REIS

ASPECTOS SOCIOLINGÜÍSTICOS DA VARIEDADE CACERENSE

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Stricto Sensu em Linguística, da Universidade do Estado de Mato
Grosso, para obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Prof^a Dra. Jocineide Macedo Karim.

Co-orientador: Prof. Dr. Antônio Carlos Santana de Souza

CÁCERES-MT

2020

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar - CRB1 2037.

R375a Reis, Mirami Gonçalves Sá.

Aspectos sociolinguísticos da variedade Cacerense / Mirami Gonçalves
Sá Reis. – Cáceres, 2021

136 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim).

Trabalho de Conclusão de Curso (Tese/Doutorado) – Curso de Pós-
graduação Stricto Sensu (Doutorado) Linguística, Faculdade de Educação e
Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso,
2021.

Orientadora: Dra. Jocineide Macedo Karim.

Coorientador: Dr. Antonio Carlos Santana de Souza.

1. Língua Portuguesa. 2. Sociolinguística. 3. Variação Linguística. 4. Falar
Nativo. I. Karim, J. M., Dra. II. Souza, A. C. S. de., Dr. III. Título.

CDU 81'27(817.2

MIRAMI GONÇALVES SÁ DOS REIS

ASPECTOS SOCIOLINGUÍSTICOS DA VARIEDADE CACERENSE

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Jocineide Macedo Karim
(Orientadora – PPGL/UNEMAT)

Prof. Dr. Antônio Carlos Santana de Souza
(Avaliador Externo PPGLETRAS/UEMS)

Profa. Dra. Mônica Cidele da Cruz
(Avaliadora Interna – PPGL/UNEMAT)

Profa. Dra. Marília Silva Vieira
(Avaliadora Externa – POSLLI/UEG)

Profa. Dr. Albano Della Pria
(Avaliador Interno-PPGL/UNEMAT)

SUPLENTE

Prof. Dr. Taisir Mahmudo Karim
(Avaliador Interno-PPGL/UNEMAT)

Profa. Dra. Nilce Maria da Silva
(Avaliadora Interna-PROFLETRAS/UNEMAT)

APROVADA EM: ____/____/____

Ao cacerense "boca tchato e pé ratchado", todo o meu respeito, admiração e amor. Em especial ao Tio Liba, cuja fala despertou em mim, aos dez anos de idade, a curiosidade em querer saber o porquê da pronúncia de palavras como: catchorro, Vassuncê, proferidas por ELE, ser diferente da minha.

AGRADECIMENTOS

*Senhor, em ti me firmei desde o meu nascimento, tu és o meu protetor desde o ventre de minha mãe:
em ti esperei sempre. (SL 79.6)*

Eu Te louvo e eu Te agradeço por eu ser quem sou e por teres colocado em minha vida

O meu pai José Gonçalves de Sá, um exemplo de ser humano. Meu orgulho. Meu ídolo. Com ele aprendi a respeitar o meu semelhante, a ser o que sou e amar aos livros.

A minha mãe Luíza Flora Passano de Sá, uma mulher empreendedora - "pau para qualquer obra" -, destemida, companheira que viveu para seu esposo, filhos, netos, bisnetos e ajudar o próximo.

O meu esposo Adilson Domingos dos Reis, "Amor", a minha Força e o meu Porto Seguro, que há 53 anos está ao meu lado na minha/nossa caminhada, compartilhando das minhas alegrias, tristezas... Pelas horas em que deixava seus afazeres e cochiladas para socorrer-me em minhas trapalhadas com o computador. Por contatar com possíveis entrevistados e, acompanhar-me e gravar as entrevistas. Amor, não se esqueça que Amo você infinitamente, e, lembre-se "... tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas." (Antoine de Saint-Exupéry).

Os meus filhos Adilmira Catherine, a filha-amiga, o meu braço direito em todas as horas; Adilson Domingos Sá dos Reis Filho, o filho-amigo, o meu incentivador-mor e Ana Paula, a minha Luz, a minha Fortaleza e minha Esperança.

Os meus netos, minhas alegrias sempre renovadas, Luana, a minha primogênita, a minha meiguice e primeira alegria como avó, Isabela, mais uma alegria em minha vida. Obrigada pelo 'Oi vó', João Felipe, meu pequeno grande homem, meu companheirinho de todas as horas, minutos e segundos. Meu grilo falante e Lucas, um cacerense por adoção; meu pequenino amado, com seu sorriso e olhar, bálsamo para a minha alma.

A minha filha-nora "Lia" sempre a me animar com seu alto astral. MUITÍSSIMO Obrigada.

Fábio Guedes, "meu neto mais velho", obrigada pela sua amizade, carinho e atenção.

Os meus irmãos Maria Aparecida, Maury, Marísia, Odiner, Adilson, Ana Tracema, José, Jonira Fátima e Ronilce Sebastiana; cunhados Ricardo, Paulo, Denise Maria, Sebastiana, Bety e Julieta meus fãs e incentivadores.

Agradecimento especial à minha irmã Ana Tracema e à minha cunhada Sebastiana pela indicação e contato com pessoas para eu entrevistar.

Meus sobrinhos Amarildo, Marcelo, Gabriel, Eduardo, Rafael, Tássia, Jorian, Jorine, Ricardo Júnior, Márcio José, Ana Julieta, Adilson Júnior, Robson, Rogério, Renata, Felipe Cauê, Rodrigo, Ugor, Rayane, Rayne, Sebastiana, Raynibel, Fabricia, Renata, Marcel, Paulo Roberto, Marcelo, Roberto Paulo, Keine, Rosângela Aparecida, Simone, sempre carinhosos.

Gratidão e Carinho aos meus professores do Colégio Imaculada Conceição – CIC, onde dei os meus primeiros passos ao mundo do conhecimento científico. Onde fui muito bem acolhida e respeitada.

Ao Prof. Dr. Gilvan Müller de Oliveira, da Universidade Federal de Santa Catarina (NEP/UFSC), que em 1997, quando lhe falei sobre o meu interesse em pesquisar e fazer o mestrado sobre a origem do falar cacerense, incentivou-me e deu-me as primeiras orientações para o meu pré-projeto. MUITÍSSIMO obrigada Professor Gilvan.

Ao Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida que em 2002, me aceitou como aluna especial para cursar sua disciplina Filologia Românica: crítica textual de manuscritos modernos em língua portuguesa, no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PL-UFME7) e, desde então, tem me auxiliado com o envio de suas produções que muito contribuíram para o meu crescimento intelectual e, dessa maneira, para que eu pudesse desenvolver a minha tese. MUITÍSSIMO obrigada Professor Mourí. Que Deus lhe pague!

A Prof^a Dr^a Jocineide Macedo Karim, minha orientadora, pelas sugestões, solidariedade e paciência.

O Prof. Dr. Antônio Carlos Santana Souza, meu Co-Orientador, pela colaboração, paciência e incentivo. Ana Di Renzo que se prontificou a ler o meu pré-projeto, e dar seu parecer.

Leila Salomão Jacob Bisinoto pela leitura, correção e sugestões para a elaboração definitiva do meu pré-projeto.

O Prof. Dr. José Leonildo Lima pela solidariedade e contribuição para os meus estudos.

O Prof. Dr. Janio Celso Silva Veiga, Coordenador do Curso de Letras, pelas palavras incentivadoras.

O Prof. Dr. Dimas Santana Souza Neves, Coordenador do Curso de Pedagogia, pelo apoio e compreensão.

O Agente Universitário do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística, Me. Douglas Ehle Nodari sempre educado e prestativo.

Os meus colegas e amigos Maria José (Mazê), Sandra Raquel, Nilce Maria, Nancy Yung, Taisir, Gleide, Valdir Silva e Valdir dos Santos pela solidariedade e pelas palavras encorajadoras, Nilce Maria pela amizade e solidariedade, e Mariza pela amizade, solidariedade e pelas discussões sobre o [o].

A Prof^a Francieli Lara e seu esposo José Gabriel pela amizade e solidariedade. Deus lhes pague.

Os meus ex-alunos dos cursos de Letras e de Pedagogia que me indicaram e contataram pessoas para

eu entrevistar: Zilmara (Letras), Vanusa (Letras), Suely pelas orações e palavras de ânimo (Pedagogia).

Os entrevistados que, carinhosamente, me acolheram em suas residências para as entrevistas tão essenciais à minha tese.

Especial agradecimento à minha aluna, da 1ª Esfera (2019|2) do Curso de Pedagogia, Daiane Maciel de Oliveira que se deslocou do sítio, onde mora, à minha residência para que eu pudesse entrevistá-la.

A Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat, por nos ofertar o Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística.

A Coordenação do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística, na pessoa do Prof. Dr. Albano Dalla Pria.

O professor Everaldo (FISK – Cáceres-MT) pela tradução, em Língua Inglesa, do Resumo da minha tese. Um belo gesto de solidariedade. Muito obrigada, Professor.

Obrigaaaaada! Senhor.

Obrigaaaaada! Senhora de Nazaré.

Les langues changent sans cesse et ne peuvent fonctionner qu'en ne changeant pas.¹

Charles Bally

¹As línguas mudam sem cessar e não podem funcionar senão não mudando. Tradução: Carlos Alberto da Fonseca; Mário Ferreira (1979, p. 15).

RESUMO

Este estudo, inscrito na área de concentração “Estudo de Processos Linguísticos”, na linha de pesquisa “Estudo de Processos de Variação e Mudança”, do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat, de natureza histórico-descritiva tem como objetivo não só descrever, mas, sobretudo, investigar os fatores sócio-histórico-culturais, linguísticos e extralinguísticos que justificam/contribuíram a/para a preservação, em pleno século XXI, de dois traços linguísticos característicos do português arcaico, presentes no “falar nativo” de nove bairros da comunidade de Cáceres-MT: a permuta da terminação nasalizada do ditongo decrescente -ão [ãw] para [õw~õ]: “pão” > [põw~põ], “solução” > [solu'sõw~solu'sõ]; e a realização das consoantes africadas alveopalatais surda [ʃ] e sonora [dʒ]: “chão” > [ʃõw~ʃõ], “xale” > [ʃale/ɪ], “janela” > [dʒa'nela], “gelo” > [dʒelo/ʊ], no lugar das consoantes fricativas pré-palatais surda [ʃ] e sonora [ʒ]: “chão” > [ʃãw], “xale” > [ʃale/ɪ], janela > [dʒa'nela] e “gelo” > [ʒ'elo/ʊ]. Fato que as diferencia das africadas das demais regiões brasileiras - Sudeste, Norte e Nordeste – onde elas se manifestam como africadas alveopalatais surda [ʃ] e sonora [dʒ] na pronúncia das oclusivas alveolares t/d seguidas da vogal i (oral ou nasal): “tia” > [ʃiã], “tinta” > [ʃiãta], “dia” > [dʒiã] e, em alguns casos quando diante da vogal átona final /e/: “trote” > [trɔʃɪ], “onde” > [õdʒɪ]. Ou como as ‘africadas baianas’ que ocorrem nos decursos -it- e -id- do português padrão, em que, frequentemente, desaparece o segmento condicionador /i/, como em “muito” > [muʃu], “oito” > [oʃu], “doido” > [doʒu]. As variantes “mato-grossenses”, incomuns no Brasil, por isso desconhecidas pela maioria dos brasileiros, ainda carece de estudos específicos, não apenas sobre o funcionamento da língua nos seus aspectos internos, como também sobre a vida social dos falantes, os processos históricos que determinaram a heterogeneidade linguística e as relações de força política que definem as práticas languageiras através do tempo. Há indícios, apontados por alguns pesquisadores, dentre eles Silva (1991) e Santiago-Almeida (2000) os quais afirmam que a ditongação das vogais nasais /õ/ e /ã/, em posição final de nomes e verbos, começa a processar-se durante o período do português arcaico, quando essa ditongação converge na direção do ditongo [ãw], que já no século XVI é típica do dialeto padrão de Portugal e possivelmente de dialetos do sardo. A respeito das variantes fonético-fonológicas africadas alveopalatais surda [ʃ] e sonora [dʒ], Silva Neto (1979) tem como hipótese mais provável que a pronúncia [ʃ] teria vindo para o Brasil com os colonizadores portugueses, porque nos séculos XVI e XVIII, em todo o território de Portugal usava-se /ts/. Já em relação à africada sonora [dʒ], ele afirma que, embora tenha existido no português antigo, desaparecera no século XV. Portanto, as marcas do

‘linguajar mato-grossense’ remontam ao século XVI, quando das grandes transformações do latim e por ocasião dos primeiros registros escritos do português. Marcas que, segundo os migrantes, são identificadoras do “falar nativo” das cidades fundadas no século XVIII que ficavam na rota de navegação, dentre elas a cidade de Cáceres, um dos quatro municípios que compõem a Microrregião do Alto Pantanal do Estado de Mato Grosso.

Palavras-chave: Língua Portuguesa, Sociolinguística, Variação Linguística, Falar Nativo.

ABSTRACT

This study, enrolled in the area of concentration “Study of Linguistic Processes”, in the research line “Study of Processes of Variation and Change” of the *Stricto Sensu* Postgraduate Program in Linguistics, at the University of Mato Grosso State – Unemat, of a historical-descriptive nature aims not only to describe, but above all, to investigate the differences and socio-historical-cultural, linguistic and extralinguistic factors that justify / contributed the / to the preservation, in the 21st century, of two typical linguistic traits of archaic Portuguese, present in native talk of nine neighborhoods of the community of Cáceres- MT: the exchange of the nasalized ending of the falling diphthong -ão [ãw] by [õw/õ]: bread “pão” [põw/põ], solution “solução” [solu'sõw/solu'sõ]; and the production of the voiceless alveopalatal affricate consonants [tʃ] and voiced [dʒ]: ground “chão” [ʃõw/ʃõ], shawl “xale” [ʃale/ɪ], window “janela” [dʒa'nela], ice “gelo” [dʒelo/ɔ], in place of the voiceless pre-palatal fricative consonants [ç] and voiced [ʒ]: ground “chão” [ʃãw], shawl “xale” [ʃale/ɪ], window “janela” [ʒa'nela] and ice “gelo” [ʒelo/ɔ]. Fact that differentiates them from the affricates of the other Brazilian regions - Southeast, North and Northeast - where they manifest themselves appear as voiceless alveopalatal affricates [tʃ] and voiced [dʒ] in the pronunciation of alveolar occlusives consonants t/d followed by vowel i (oral or nasal): aunt “tia” [ʃia], ink “tinta” [ʃita], day “dia” [dʒia] and, in some cases when placed in front of the unstressed final vowel /e/: prank call/trot “trote” [trõʃɪ], where “onde” [õdʒɪ]. Or like the ‘africadas baianas’ affricates from Bahia State, which occur in the -it- and -id- endings of the Standard Portuguese, in which frequently the conditioning segment /i/ disappears, such as in a lot “muito” [muʃu], eight “oito” [õʃu], crazy “doido” [dõdʒu]. The Mato-Grossenses variants, unusual in Brazil, so unknown by most Brazilians, still lack specific studies, not only on the functioning of the language in its internal aspects, but also on the life of the speakers, the historical processes that determine linguistic heterogeneity and the relations of political force that define the practices that define the language practices over time. There are indications pointed out by some researchers, including Silva (1991) and Santiago-Almeida (2000, 2005). Who state that the diphthongization of the nasal vowels /õ/ and /ã/, in the final position of names and verbs, it begins to process during the period of the archaic Portuguese, when this diphthong converges in the direction of the direction of the diphthong [ãw], that already in the sixteenth century is typical of the standard dialect of Portugal and possibility of sardo dialects. Regarding the phonetic-phonological affricates alveopalatals deaf as [tʃ] and sound [dʒ], Silva Neto (1979) has as more likely hypothesis that the pronunciation [tʃ] would have come to Brazil with the Portuguese colonizers and settlers because in the sixteenth and eighteenth centuries, in the whole territory of Portugal was used [ts]. In relation to the affricada [dʒ] he states that although it existed in the ancient Portuguese, it disappeared in the fifteenth Portuguese century. Therefore, the marks of mato-grossense language date back to the sixteenth century, when the great transformations of Latin and on the occasion of the first written records of the Portuguese. Marks that, according to the migrants, are identifiers of the native speakers of the cities founded in the eighteenth (18th) century, which were on the

navigation route, among them the city of Cáceres-MT, one of the four municipalities that form the microregion of Alto Pantanal of the State of Mato Grosso.

Keywords: Portuguese Language, Sociolinguistics, Linguistic Variation, Native Speak.

LISTA DE SIGLAS, ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

SIGLAS

PE	Português Europeu/de Portugal
PB	Português do Brasil/Brasileiro
BR	Brasil
PT	Portugal
PA	Português Arcaico
UNEMAT	Universidade do Estado de Mato Grosso
OP	Observação Participante

ABREVIATURAS

p./pp./págs.	(página/páginas);
séc./sécs.	(século/séculos);
a.C.	(antes de Cristo);
d.C.	(depois de Cristo)
s/d	(sem data);
Cf.	(confira/ confronto);
Et al./et alii	(e outros)
Etc.	(e outras coisas, e assim por diante)

SÍMBOLOS

ʃ	Fricativa alveopalatal/palatal surda (desvozeada). Exs.: xale > [ˈʃale̞ɪ], chave > [ˈʃave̞ɪ];
ʒ	Fricativa alveopalatal/palatal sonora (vozeada). Exs.: gente > [ˈʒẽte̞ɪ], janela > [ˈʒaˈnela];
a	Vogal oral baixa central aberta/não arredondada. Ex.: barata > [baˈrata];
ɐ	Vogal oral baixa átona final. Símbolo alternativo ([a~ɐ]). Ex.: casa > [ˈkaza~ɐ];
ã	Vogal nasal baixa central não arredondada. Ex.: lâ > [lã], manga > [mãga];
e	Vogal oral média-alta anterior não arredondada. Ex.: gema > [ˈʒema];
ɛ	Vogal oral média-baixa anterior não arredondada. Ex.: café > [kaˈfɛ], bela > [ˈbɛla];

ẽ	Vogal nasal média-alta anterior não arredondada. Ex.: dente > ['dẽte];
i	Vogal oral alta anterior não arredondada. Exs.: igreja > ['i'greza], missa > ['misa];
ɪ	Vogal oral alta anterior não arredondada frouxa, em posição de coda/final [e > ɪ] Ex.: fale > ['fale~'falɪ];
ĩ	Vogal nasal alta anterior não arredondada. Ex.: trinta > ['trĩta];
w	Semivogal/glide (sv) alta posterior à vogal (v) nos ditongos decrescentes. Ex.: causa > ['kawza];
y/j	Semivogal/glide (sv) alta anterior à vogal (v) nos ditongos crescentes (sv+v): [ya/ja] > glória, [ye/je] > cárie, [yo/jɔ] > mandioca ² ; e posterior à vogal nos Ditongos decrescentes (v+sv): baixo > [ay/aj], lei > [ey/ej], herói > [ɔy/ɔj], fui > [uy/uj], mãe > [ãy/ãj];
i	Semivogal/glide anterior à vogal, em contexto de ambissilabidade. Ex.: goiaba > [goi-(i)aba] ³ ;
o	Vogal oral média-alta posterior fechada/arredondada. Ex.: moça > ['mosa];
ɔ	Vogal oral média-baixa posterior aberta. Ex.: hora > ['ɔra], herói > [e'rɔy/j];
õ	Vogal nasal média-alta posterior fechada/arredondada. Ex.: onça > ['õsa];
u	Vogal oral alta posterior fechada/arredondada em qualquer posição. Exs.: Hugo > ['ugo], tatu > [ta'tu];
ʊ	Vogal oral alta posterior fechada/arredondada frouxa. É recorrente na maioria dos dialetos do português brasileiro, em posição átona final: passo > ['pasʊ];
ũ	Vogal nasal alta posterior arredondada. Ex.: muito > ['mũito], nunca > ['nũka];

² No caso dos ditongos, às vezes um encontro vocálico gramaticalmente considerado ditongo, pode soar como hiato. Por exemplo, a palavra “mandioca” é pronunciada pelo nativo cacerense como ditongo [mã'dyɔka], mas na fala de migrantes e mesmo de alguns cacerenses soa como hiato 'man-di-o-ca' >[mãdi'ɔka]. É uma questão dialetal.

³ A existência de dois 'ii' (um seguido de outro) é possível na pronúncia. Como em 'goiaba' > goi(i)a-ba (Cf. BECHARA, 2009, p.68). Já na grafia, a separação silábica é goi-a-ba. (Cf. CUNHA, 1983).

ŋ/ñ	Consoante nasal palatal sonora. Ex.: unha > ['uŋa] ou ['uña];
ř/R	Consoante vibrante alveolar múltipla sonora Ex.: carroça > [ka'řosa] ou [ka'Rosa];
r	Tepe alveolar sonoro (vozeado)/vibrante alveolar simples. Exs.: cara > ['kara], prata > ['prata];
tʃ/tch ⁴	Consoante africada alveopalatal (ou palatal) surda (ou desvozeada). Alofone do fonema /t/ seguido da vogal alta anterior [i] e suas variantes 'e' [ɪ] átona final, e 'in/im' [ĩ] nasal tônica e pretrônica. Ex.: tia > ['tʃia], penete > [pẽtʃi], tinta > ['tʃĩta]. Em algumas localidades mais antigas do Estado de Mato Grosso, essa africada é alofone do fonema /ʃ/ precedendo todas as vogais. Ex.: chave > ['tʃave/ɪ], choque > ['tʃoke~];
dʒ/dj	Consoante africada alveopalatal (ou palatal) sonora (vozeada). Alofone do fonema /d/ seguido da vogal alta anterior [i] e suas variantes 'e' postônica final [ɪ] e [ĩ] nasal tônica e pretrônica. Exs.: adiar > [adʒiãte/ɪ], onde > [õdʒɪ], índio > [ĩ]. Em algumas localidades do Estado de Mato Grosso, essa africada é alofone do fonema /ʒ/ (representada graficamente por: 'j' e 'g'). Com o grafema 'j' ocorre antes de todas as vogais (orais e nasais). Exs.: cajá > [ka'dʒa], canja > ['kãdʒa]. Já com o grafema 'g', essa variante linguística ocorre antes da vogal alta anterior 'i' [i], da vogal média-alta 'e' [e] e de suas variantes nasais en/em [ẽ, ã]). Exs.: agir > [a'dʒir], gema > [dʒema], ;
[ts] ⁵	Africada alveolar surda, como na pronúncia italiana da palavra pizza > ['pitsa];
[dz] ⁶	Africada alveolar sonora, como na pronúncia italiana da palavra zoccolo > ['dzokolo];
ʎ	Consoante lateral palatal sonora (ou vozeada): calha > ['kaʎa];
...	Transcrição de um trecho
/.../	Corte na produção de alguém;
'	Indicador de tonicidade da sílaba em transcrição fonética. Ex.: caneca > [ka'neka];
:::	Alongamento da vogal [mũi:::to];
[]	Indicador de variante fonética/realizações fonéticas. Ex.: céu > ['sɛw];

⁴ [tʃ] e [dʒ]- As consoantes africadas alveopalatais/palatais sonora/vozeada e a surda/desvozeada, nas transcrições fonéticas, optamos por transcrevê-las conforme o Alfabeto Fonético Internacional – AFI: [tʃ] e [dʒ] e, também, em uma transcrição menos acadêmica: [tch] e [dj]. Nosso objetivo é facilitar a compreensão por parte dos leitores.

⁵ A forma [ts] não é utilizada nas nossas transcrições fonéticas. Ela aparece em citações diretas, feitas por nós, em trechos de textos de autores consultados.

⁶ A forma [dz] não é utilizada em nossas transcrições fonéticas. Ela aparece em citações diretas, feitas por nós, em trechos de textos de autores consultados.

- // Indicador de variante fonológica/representação de fonemas.Ex.: cajá > /ka'ʒa/;
- ~ Indicador de alternância entre variantes: gente > ['ʒẽte~ɾ] em final de palavra.
Ou seja, -e varia em -ɾ;
- > Entre duas palavras indica que a segunda provém da primeira, por ex. bene > bẽe > bẽ = bem;
- < Indica que a primeira palavra provém da segunda: bẽe < bene;
- < > Representação de grafemas: O <g> representa a velar [g];
- * Posto antes de uma palavra significa que ela não se encontra nem na língua atual, nem em documentos, mas que deve ter existido. Ou seja, é hipotética/teórica: recitare > *rez(e)dar > *rezdar > rezar;
- Antes ou depois de um elemento de uma palavra indica que ele é final (geralmente sufixo -ista) ou inicial (p-), e de cada lado indica que ele é medial (-l-). Em palavras latinas, indica que na pronúncia do latim vulgar caiu o -m do acusativo: intẽgrum > intẽgru- > íntegro;
- Entre palavras numa citação significam que se suprimiu alguma que não vinha ao caso;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Representação cartográfica de localização das variantes linguísticas estudadas: bairros.....	77
Figura 2: Representação cartográfica de localização de Cáceres/MT.....	78
Figura 3: Representação da Praça Central de Villa Maria do Paraguai.....	80
Figura 4: Centro de Cáceres - Rio Paraguai.....	81
Figura 5: Vapor Etrúria.....	82
Figura 6: Antigo Porto Mário Corrêa.....	83
Figura 7: Cáceres-MT: passado e presente numa visão panorâmica.....	84
Figura 8: Centro Histórico de Cáceres/Tombamento.....	84
Figura 9: Representação cartográfica das Africadas [tʃ] / [dʒ] e do ditongo nasal -ão > [ãw] ~ [õw ~ õ] em Cáceres-MT.....	89
Figura 10: Representação cartográfica das variantes fonológicas africadas em Mato Grosso.....	92
Figura 11: Mapa da fronteira entre o ch = [ʃ] e tch = [tʃ] em Portugal.....	93
Figura 12: Lenços de Namorados.....	136

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: As Variantes Africadas [tʃ/tch] e [dʒ/dj] em Cuiabá-MT.....	62
Tabela 2: As Variantes Africadas [tʃ/tch] e [dʒ/dj] em Cáceres-MT.....	63
Tabela 3: Os Entrevistados.....	65
Tabela 4: Perfil Sociocultural dos Entrevistados.....	66
Tabela 5: As Variantes Africadas [tʃ/tch] e [dʒ/dj].....	95

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	25
CAPÍTULO I	26
CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA NUMA ABORDAGEM SÓCIO-HISTÓRICO -CULTURAL E LINGUÍSTICA DO ESTADO DE MATO GROSSO	26
1.1 Os primeiros habitantes do Planalto Central Brasileiro.....	26
1.2 O Estado de Mato Grosso – localização.....	26
1.3 Etimologia do nome Mato Grosso.....	27
1.4 Um “flash” da história de Mato Grosso.....	28
1.4.1 Mato Grosso: aspectos socioculturais.....	31
1.4.2 Mato Grosso: aspectos linguísticos - uma abordagem mais direcionada ao “falar cacerense”.....	33
CAPÍTULO II	41
ABORDAGENS TEÓRICAS	41
2.1 A língua portuguesa: um “bocadinho” de sua história.....	42
2.2 O português do Brasil – breve visão histórico-social e linguística.....	46
2.3 O português europeu e o português brasileiro: algumas diferenças	47
2.4 O português arcaico: do Minho a Cáceres-MT	51
2.5 Sociolinguística: breve comentário.	56
2.6 Fonética e Fonologia: algumas considerações.	60
CAPÍTULO III	65
PERCURSOS METODOLÓGICOS	65
3.1 A constituição do <i>corpus</i> da pesquisa: os entrevistados.....	65
3.2 Coleta de dados.....	73
3.3 Transcrição fonética de alguns dados.....	75
CAPÍTULO IV	77
MICRORREGIÃO DO ALTO PANTANAL	77
4.1 Cáceres – MT: o lócus da pesquisa numa perspectiva sócio-histórico-cultural.....	77
4.2 Origem do nome Cáceres-MT.	79
4.3 Fundação de Cáceres –MT.	79

4.4 Cáceres -MT e o Rio Paraguai.....	81
4.5 Cáceres –MT : passado e presente numa visão panorâmica.....	84
4.6 Centro histórico: a Arquitetura.....	84
4.7 Cáceres –MT: tradições socioculturais.....	85
CAPÍTULO V.....	89
CÁCERES: UMA COMUNIDADE COM TRAÇOS LINGUÍSTICOS DO PORTUGUÊS ARCAICO.....	89
5.1 Variantes linguísticas identificadoras do falar nativo da Princesinha do Paraguai: uma discussão fonética/fonológica.....	91
5.1.1 Africadas alveopalatais surda [tʃ/tch] e sonora [dʒ/dj].....	92
5.1.2 A permuta do ditongo nasal -ão [ãw], em coda final, por [õ~õw]: discussão de dados e resultados.....	101
5.2 Outros traços linguísticos na linguagem nativa de Cáceres.....	107
5.3 Hipóteses interpretativas sobre a gênese do “falar cacerense”.....	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	125
APÊNDICES.....	132
Apêndice I - Ficha de Identificação do Entrevistado.....	132
Apêndice II - Roteiro de Entrevista.....	133
Apêndice III -Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	135
ANEXOS.....	136
Anexo I - Lenços de Namorados.....	136

INTRODUÇÃO

Este estudo sociolinguístico de natureza histórico-descritiva, se propõe identificar, descrever e investigar a procedência e os fatores sócio-histórico-linguísticos e extralinguísticos que justificam a preservação de dois traços linguísticos característicos, mas não exclusivos, no falar nativo da cidade de Cáceres-MT, um dos quatro municípios que compõem a Microrregião do Alto Pantanal Mato - Grossense, pertencentes a um dos períodos da fase histórica da língua portuguesa, o português arcaico, falado do século XII ao XVI, desconhecidos pela maioria dos brasileiros: a permuta do ditongo nasal decrescente -ão [ãw], em coda final, por [õw~õ], em casos como pão [põw~põ], educação [eduka'sõw~eduka'sõ] e a realização das consoantes africadas alveopalatais surda [tʃ] e sonora [dʒ], no lugar das consoantes fricativas alveopalatais surda [ʃ] e sonora [ʒ], em contextos como chão [tʃõw/tchõw~tʃõ/tchõ], janela [dʒan'ela~ɐ/djan'ela~ɐ], gelo ['dʒelo/djelo~ɔ], diferentes das demais regiões brasileiras - Sudeste, Norte e Nordeste - onde os grafemas 'ch' (dígrafo) e 'x', por exemplo, nas palavras chão, xícara, janela e gelo que são pronunciadas ['ʃãw], ['ʃikara~ɐ], [ʒan'ela~ɐ] e ['ʒelo~ɔ]. Ou como as 'africadas baianas', de acordo com Mota (2002), que ocorrem nos decursos -it- e -id- do português padrão, em que, frequentemente, desaparece o segmento condicionador /i/, como nos vocábulos: “muito” > ['muʃɔ/'mutʃɔ], “oito” > ['oʃɔ/'otʃɔ], “doido” ['dodʒɔ/'dodjɔ].

É imprescindível esclarecer que as africadas alveopalatais surda [tʃ] e sonora [dʒ], presentes no falar cacerense, só ocorrem na pronúncia dos grafemas ch, x, j, seguidos de qualquer vogal, e g, antes de e ou i. Também ressaltamos que as africadas alveopalatais surda [tʃ] e sonora [dʒ], nas demais regiões brasileiras, ocorrem com as oclusivas alveolares surda /t/ e sonora /d/ seguidas da vogal i oral ou nasal: antigo > [ã'tʃigo~ɔ/ã'tchigo~ɔ]; tímpano > [tʃĩpano~ɔ/'tchĩpano~ɔ]; diurno > [dʒi'urno~ɔ/dji'urno~ɔ] e, em alguns casos, seguidas da vogal átona final e, como nas palavras: leite > ['leyʃi/'leytʃi]; ponte > [põʃi/põtʃi]; onde > ['õdʒi/'õdjɪ]; longe > ['lõdʒi/'lõdjɪ]. Em contrapartida, no “falar cacerense” as oclusivas alveolares surda /t/ e sonora /d/ seguidas da vogal i ou e átona final, permanecem como segmentos oclusivos alveolares surda [t] e sonora [d]: antigo > [ã'tigo~ɔ]; onde > ['õde~ɪ]. (Transcrições e grifos nossos).

A cidade de Cáceres foi escolhida, como lócus da pesquisa, por causa da sua localização mais ou menos centralizada do universo territorial em que ocorrem os fatos linguísticos estudados sem,

contudo, desconsiderar a exploração de fontes em outras localidades como a cidade de Poconé-MT, geograficamente próxima a Cáceres (182 km), onde detectamos, em maio de 2012, a presença dos traços linguísticos recortados para a nossa pesquisa, ocasião em que realizamos seis entrevistas, tanto na zona urbana como na zona rural.

A respeito da permuta do ditongo nasal decrescente -ão [ãw] por [õw~õ], em coda final, e das consoantes africadas alveopalatais surda [tʃ] e sonora [dʒ], presentes no dialeto cacerense, existem estudos que consideramos da maior importância como os realizados por: Bisinoto (2000) uma análise sobre as atitudes sociolinguísticas do imigrante em relação à fala nativa de Cáceres; Silva (2000) estuda a alternância de [ãw] ~ [õ] em final de sílaba, uma variação dialetal do português falado na comunidade de Cáceres; Macedo-Karim (2004), uma pesquisa sobre a variação na concordância nominal de gênero no falar cacerense. Em 2012, Macedo-Karim em sua tese (Doutorado) tem como objeto de pesquisa a descrição de usos linguísticos da comunidade São Lourenço, um dos bairros da cidade de Cáceres, assim como o comportamento social dos entrevistados em relação à variedade local.

Todavia, nosso interesse é mais específico, ou seja, constatamos a ausência de um estudo sócio-histórico-descritivo e linguístico mais abrangente sobre o “falar cacerense” porque assim como as outras localidades mato-grossenses fundadas no século XVIII, Cáceres tem as suas especificidades que merecem uma pesquisa voltada para elas. Sem falar que, a ausência de um estudo diacrônico do “falar nativo” de Cáceres gera, de acordo com Bisinoto (2007), especulações que, na maioria das vezes, vinculam esse falar à influência do espanhol da vizinha República da Bolívia devido a semelhança fonética de alguns traços, como é o caso das africadas alveopalatais [tʃ] > [tʃuva] < chuva e [dʒ] > [ʻodʒe] < hoje, presentes, também, na língua espanhola: esp. **chuleta** > [tʃu'leta] > (port. costela assada); esp. **chicharrón** > [tʃi'tʃa'Rõ] > (port. torresmo); esp. calle > ['kaʎe ~'kaɖʒe/'kadje] > (port. rua, via, etc.); e a permuta do ditongo nasal decrescente -ão [ãw], em coda final, por [õw~õ]: esp. **corazón** > [kora'θõ] > (port. coração); esp. **dirección** > [dire(k)'θjõ] > (port. direção). (Transcrições e grifos nossos).

Nesta pesquisa/tese, tendo como subsídio estudos comprovados, como os de Silva Neto (1941, 1979, 1986), Teyssier (1984, 2001), Silva (1991, 2006), Santiago-Almeida (2000, 2005), Santiago-Almeida; Araujo (2010), Naro; Scherre (2007) e outros, procuramos responder as indagações e esclarecer as especulações sobre a gênese da permuta do ditongo nasal decrescente -ão [ãw] por [õ~õw] e das africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] presentes no “falar nativo” de Cáceres. Esses

questionamentos são interpretações substratistas, adstratistas, sócio – histórico-linguísticas, que serão melhor explanadas no capítulo IV.

O corpus utilizado, para a análise, compõe-se de 12 (doze) entrevistas realizadas a partir do roteiro da entrevista (Apêndice II), sobre os aspectos linguísticos e sócio-culturais dos entrevistados, previamente contatados por um “informante-chave” e/ou “assistente informal” e pela pesquisadora. Também utilizamos palavras da obra *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões; trechos de textos do período arcaico da língua portuguesa (cantigas, testamentos, etc.), palavras recolhidas de programas de televisão realizados em Portugal pelo canal Mais GloboSat como “A hora do vinho”, com a apresentadora Cecilia Aldaz (Sommelière); nos quais aparecem palavras e expressões que estão presentes na fala do nativo cacerense, assim como pratos típicos portugueses que fazem parte do nosso cardápio, provas vivas da presença portuguesa em Cáceres; a técnica de Observação Participante - OP, extremamente útil na coleta de dados que pudessem nos auxiliar na comprovação da procedência do linguajar nativo falado em Cáceres. Ou seja, através de conversas informais e escutas de conversas espontâneas entre as pessoas, em repartições públicas (em filas), consultório médico, ruas e praças (vendedores ambulantes), feiras (vendedores, sitiantes, compradores), lojas (atendentes, fregueses), restaurantes (garçons), postos de gasolina (frentistas, clientes), festas tradicionais (festeiros, devotos, cururueiros...), pela televisão (brasileira e portuguesa), ocasião em que pudemos colher dados fidedignos sobre as peculiaridades linguísticas do “cacerense [le'dʒitimʊ/le'djitimʊ]” como diz o senhor [F2MJO], um dos nossos entrevistados.

A estrutura da tese, além da Introdução, está organizada em cinco capítulos, subdivididos em subcapítulos para facilitar a compreensão.

Introdução - A apresentação do tema, da justificativa, dos objetivos e da organização estrutural da tese, estão condensados em um só texto.

Capítulo I - A contextualização do tema – apresentamos breve percurso sócio-histórico-cultural e linguístico do Estado de Mato Grosso, ou seja, a saga dos primeiros habitantes do Planalto Central Brasileiro, a localização geográfica, a etimologia do nome e um “flash” da história e dos aspectos sócio-culturais e linguísticos do Estado de Mato Grosso.

Capítulo II - Abordagens teóricas sobre: a história da língua portuguesa; o português do Brasil (PB) numa visão histórico-social e linguística; algumas diferenças entre o português europeu (PE) e o português brasileiro (PB), e breves considerações a respeito da Sociolinguística e da Fonética e da Fonologia ciências afins, que dão suporte ao nosso estudo, às transcrições fonéticas e à análise

desenvolvida nesta tese.

Capítulo III - Percursos Metodológicos - explanação dos recursos metodológicos que viabilizaram a pesquisa, detalhando o local de pesquisa, a formação do corpus, a escolha/seleção e definição dos grupos de entrevistados, a estrutura das entrevistas, as gravações, a coleta de dados e as transcrições fonéticas das variantes recortadas para a pesquisa; uso de fontes históricas (trechos de textos do período arcaico da língua portuguesa, e das obras “Os Lusíadas”, de Luís Vaz de Camões, “Gramática da Linguagem Portuguesa” (1536), de Fernão de Oliveira, etc.; de palavras e expressões portuguesas colhidas em entrevistas realizadas em Portugal, pela Sommelière Cecilia Aldaz do Canal GNT (GloboSat), presentes no falar nativo de Cáceres, e os Procedimentos utilizados para a análise.

Capítulo IV - Microrregião do Alto Pantanal – Cáceres, o lócus da pesquisa, uma comunidade de fala com traços/vestigios linguísticos do português arcaico: as variantes africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] e a permuta do ditongo nasal decrescente -ão [ãw], em coda final, por [õ ~ õw], estudadas na perspectiva sócio-histórico-cultural e linguística. Discorremos, também, sobre a etimologia do nome Cáceres, a fundação da cidade de Cáceres, a importância do rio Paraguai para o município de Cáceres e adjacências, e sobre as tradições socioculturais cacerenses.

Capítulo V - Cáceres: uma comunidade com traços linguísticos do português arcaico. Este capítulo contém a análise dos traços linguísticos identificadores do “falar nativo” da comunidade de Cáceres –MT, ou seja, as variantes africadas alveopalatais surda [tʃ]/[tch] e sonora [dʒ]/[dj] e a permuta do ditongo nasal decrescente -ão [ãw], em coda final, por [õ ~ õw]. Também consta deste capítulo, a análise de outros traços linguísticos do “falar cacerense”, e as hipóteses interpretativas sobre a gênese das variedades estudadas.

Finalizando, apresentamos as Considerações Finais e na sequência, as Referências Bibliográficas, os Apêndices e os Anexos.

CAPÍTULO I

CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA NUMA ABORDAGEM SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAL E LINGUÍSTICA DO ESTADO DE MATO GROSSO

Neste capítulo, para contextualizar o tema da pesquisa, apresentamos sucintamente aspectos geográficos, sócio-históricos e culturais do Estado de Mato Grosso. Assim como alguns traços linguísticos do “falar cuiabano” presentes, também, na fala nativa de Cáceres.

1.1 Os primeiros habitantes do Planalto Central Brasileiro.

As pesquisas realizadas na tentativa de precisar as origens dos primeiros habitantes do Planalto Central Brasileiro, do qual fazem parte os estados de Mato Grosso e Goiás, não são definitivas. Conforme Siqueira (2002), há hipóteses diferentes. Por exemplo, na opinião dos arqueólogos do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA, o Planalto Central serviu como um corredor de passagem das populações advindas das regiões amazônica e nordestina (teoria difusionista). (SIQUEIRA, 2002).

Ainda de acordo com Siqueira (2002), estudos mais recentes de arqueólogos e etnólogos mato-grossenses e goianos contestam essa teoria. Para eles, Mato Grosso e Goiás “não foram apenas corredores de passagem de populações”, mas áreas onde importante e expressivo número de habitantes se fixou há pelo menos 11 mil anos, embora, para alguns estudiosos, essa ocupação/apropriação ultrapasse os 30 mil anos. (SIQUEIRA, 2002, p. 10).

Essas primeiras ocupações humanas na região Centro-Oeste do Brasil vinculam-se à presença de grupos nômades denominados caçadores-coletores, que viviam exclusivamente da caça e da coleta. Mais tarde, esses povos tornam-se agricultores e ceramistas sedentários, isto é, mantinham, por longo período, residência fixa em um mesmo lugar e, para a sua sobrevivência transformaram a natureza através do plantio e beneficiamento da sua produção. (SIQUEIRA, 2002).

1.2 O Estado de Mato Grosso: localização

O Estado de Mato Grosso é uma das vinte e sete unidades federativas do Brasil. Localiza-se na

região Centro-Oeste, divide-se em cinco mesorregiões e vinte e duas microrregiões, totalizando cento e quarenta e um municípios. Ocupa uma área de 903.386,1km² do território brasileiro, a oeste do Meridiano de Greenwich e ao sul da Linha do Equador. Faz fronteira com os estados de Mato Grosso do Sul (S), Tocantins, Goiás (L), Pará, Amazonas (N), Rondônia e República da Bolívia (O). É o único estado brasileiro a possuir características dos três biomas: Pantanal, Cerrado e Amazônia.

As cidades mais importantes do Estado são: Cuiabá (a capital), Várzea Grande, Rondonópolis, Barra do Garças, Sinop, Tangará da Serra, Cáceres, Pontes e Lacerda, Primavera do Leste, Campo Verde, Alta Floresta, Sorriso e Barra do Bugres. (Grifos nossos).

1.3 Etimologia do nome Mato Grosso

Ferreira; Silva (2001) afirmam que o nome Mato Grosso foi dado pelos irmãos bandeirantes Fernando e Artur Paes de Barros que, em 1734, por causa da cobrança de altos impostos (arrecadação dos quintos de ouro) e a escassez de ouro nas lavras das Minas do Cuiabá, acompanhados por mineradores, com o objetivo de capturar índios e descobrir veios auríferos, embrenharam-se nas terras desconhecidas do Oeste, nos domínios dos índios Parecis/Paresí⁷, até as águas do Sararé e do Galera, na região do Vale do Guaporé, onde encontraram ricas pepitas de ouro e fundaram os arraiais de Sant’Ana, São Francisco Xavier e Nossa Senhora do Pilar, conforme atesta Biennès (1987).

Impressionados com a exuberância da floresta, formada por uma extensão de sete léguas de árvores de altura e porte fora do comum, quase impenetrável por causa do emaranhado da vegetação secundária, os irmãos Paes de Barros denominaram-na “mato grosso” (Minas do Mato Grosso), denominação que mais tarde se estenderia a todo o território que, atualmente, corresponde aos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. (FERREIRA ; SILVA, 2001).

⁷ Parecis ou paresí? - Houaiss, a respeito dessa etnia indígena, assim a define e grafa seu nome com ‘c’ “pareci s.2g. ETNOL 1 indígena pertence ao grupo dos parecis ∴ s.m. LING 2 língua da família aruaque, falada por esse grupo ■ adj.2g.3 relativo a pareci (acp.1 e 2) ou aos parecis ○ parecis s.m. pl. ETNOL 4 grupo indígena que habita o Oeste de Mato Grosso (Áreas Indígenas Capitão Marcos/Uirapuru, Estação Parecis, Estivadinho, Figueiras, Juinha, Rio Formoso, Umutina, Utiariti e Reserva Indígena Pareci).” (HOUAISS, 2009, p.1435). Já Rodrigues grafa o nome Paresí com ‘s’. (RODRIGUES, 2002, p. 72). Obs.: Em escritos sobre indígenas percebemos que a grafia PARESÍ predomina. (Grifos nossos). Segundo Cruz (17/9/2020), quando se refere “ao nome do povo é Paresí”.

1.4 Um “flash” da história de Mato Grosso

Os primeiros contatos do europeu com a população nativa da região, formada por índios de várias etnias e, portanto, de formações culturais diversas, segundo Siqueira, datam do início do século XVI (1524/1525), quando o explorador português Pedro Aleixo Garcia, saindo de Santa Catarina, no litoral brasileiro, atravessou os rios Paraná e Paraguai, na região onde está a cidade de Corumbá –MS, chegando até ao território da atual República da Bolívia.

A princípio, o Estado de Mato Grosso, levando-se em conta os limites estabelecidos pelo Tratado de Tordesilhas⁸ (1492), deveria, juntamente, com o Oeste da Capitania de Minas Gerais, e as terras de Goiás, pertencer à Espanha. (SIQUEIRA, 2002).

Siqueira afirma que, apesar de os castelhanos, no século XVI, terem fundado na região, os povoados de Santiago de Jerez (ou Xerez) próximo ao rio Miranda e as reduções jesuíticas no Itatim (Sul de Mato Grosso), e Puerto de los Reys, em pleno Pantanal mato-grossense, às margens (sic) do rio Paraguai, na confluência de um braço que ligava esse rio à Lagoa de Gaíva não conseguiram, segundo Cavalcante ; Costa (1999), Carvalho (2001) e Siqueira (2002), permanecer na região devido à hostilidade dos índios, ao ambiente extremamente inóspito e isolado, e à falta de apoio econômico e político da metrópole. Além desses percalços, a pecuária e o Tratado de Madri/Madrid (1750) foram decisivos para o insucesso espanhol na região. Isso permitiu que, na primeira metade do século XVII, os portugueses-paulistas (bandeiras, monções, sertanismo de contrato e outras) avançassem rumo ao Norte, e ao Oeste, ou seja, além das linhas estabelecidas pelo Tratado de Tordesilhas.

A conquista e o povoamento do território mato-grossense efetivaram-se somente a partir das expedições feitas pelos bandeirantes paulistas, entre 1673 e 1682, quando Manuel de Campos Bicudo e Bartolomeu Bueno da Silva, com o objetivo de capturar índios para vendê-los, subiram o rio Cuiabá até a sua confluência com o rio Coxipó-Mirim, onde acamparam, denominando o lugar de São Gonçalo. (CAVALCANTE ; COSTA, 1999, CARVALHO, 2001, SIQUEIRA, 2002).

No final de 1717, percorrendo o mesmo itinerário do pai, o bandeirante Antônio Pires de Campos chegou ao mesmo local renomeando-o de Arraial de São Gonçalo Velho ou Aldeia Velha.

⁸ Tratado de limites firmado, em 1494, dois anos depois do descobrimento da América, pelo qual o mundo americano ficou dividido em duas partes, cabendo a Portugal as terras que se situassem até 360 léguas a Leste da Ilhas de Cabo Verde, e cabendo à Espanha as do lado Oeste desse limite. (SIQUEIRA, 2002, p. 24).

Esse bandeirante, em 1718, às margens do rio Coxipó-Mirim, além de índios nativos, os Boróro (ou Coxiponés), encontrou a bandeira comandada pelo sorocabano Pascoal Moreira Cabral e a bandeira dos irmãos Antunes Maciel. Nesse sítio, alguns integrantes da bandeira de Moreira Cabral encontraram por acaso, quando lavavam pratos, pepitas de ouro. Estavam descobertas as primeiras minas em Mato Grosso, as minas do Coxipó, hoje um dos bairros da capital do Estado, Cuiabá.

A notícia da descoberta desse veio aurífero fez acorrer para as minas do Coxipó grande quantidade de aventureiros das mais variadas partes da Colônia, surgindo assim, às margens do rio Cuiabá, um arraial onde foram construídas casas, igrejas e pequenos comércios. Com a descoberta de ouro em terras mato-grossenses, a caça ao índio cedeu vez às atividades mineradoras e a busca ao precioso mineral se intensificou a ponto de levar Dom João V a criar, em 1748, a Capitania de Cuiabá, desmembrada de São Paulo, com privilégios e isenções para quem nela quisesse fixar-se.

A criação dessa capitania visava fortalecer a Colônia do Mato Grosso e, assim, impedir o avanço dos espanhóis ao território brasileiro conquistado pelas bandeiras. Essas terras conquistadas foram reconhecidas como pertencentes à Coroa Portuguesa pelo Tratado de Madri/Madrid em 1750. Como consequência, de acordo com a Carta Régia de 9 de março de 1748, é criada a Capitania de Mato Grosso, nomeando D. Antônio Rolim de Moura Tavares o seu primeiro governador. Este recebe a incumbência de fundar a primeira capital de Mato Grosso, Vila Bela da Santíssima Trindade (1752), antigo Arraial de Pouso Alegre, à margem do rio Guaporé.

Siqueira (2002) ressalta que o quase isolamento de cidades mato-grossenses das grandes metrópoles resulta da grande distância do litoral Atlântico. As viagens realizadas pelos bandeirantes, colonizadores portugueses, colonos e outras pessoas à Província do Mato Grosso que ocorriam duas vezes ao ano, com duração de quatro a seis meses. Eram viagens arriscadas e difíceis por causa dos contratempos enfrentados: doenças, escassez de alimentos, intempéries, falta de estradas, acidentes geográficos e, sobretudo pelos ataques de povos indígenas hostis, dentre eles os Paiaguá, exímios canoeiros, os Guaicuru, ágeis cavaleiros e os Caiapó, que defendiam aguerridamente a sua terra. (SIQUEIRA, 2002).

Segundo Cavalcante; Costa (1999, p.17), os conflitos entre o colonizador e o nativo impuseram à região o quase isolamento das grandes metrópoles e provocaram, “a extinção indígena e a sua aculturação”. (CAVALCANTE; COSTA, 1999, p.17).

Mas a situação começa a melhorar a partir da primeira metade do século XIX quando Mato

Grosso, como atestam Cavalcante; Costa (1999, p. 43), “vivia uma realidade diversa se comparada a do início da sua colonização”. Ou seja, havia núcleos populacionais mais desenvolvidos como a capital Vila Bela da Santíssima Trindade e Cuiabá que mais tarde (1822) se tornaria a capital do Estado. (CAVALCANTE; COSTA, 1999, p. 43).

A economia de Mato Grosso que, até então, se resumia no extrativismo da erva-mate, da poaia (a ipecacuanha) e do látex; na pecuária de gado vacum e no beneficiamento da cana de açúcar (açúcar mascavo, aguardente, rapadura, melado, etc.), toma novo impulso, volta seu interesse para o comércio internacional. Mato Grosso, além da importação de mercadorias, principalmente da Europa, passa a exportar, abastecendo com matéria-prima os países europeus que vivenciavam a Revolução Industrial.

Com o advento da primeira Grande Guerra Mundial, as indústrias mato-grossenses adquirem maior desenvolvimento, uma vez que sua produção servia para abastecer as tropas em litígio na Europa. Surgem as grandes indústrias de transformação dos subprodutos bovinos e de beneficiamento da cana-de-açúcar. Os meios de transporte fluvial, lanchas, navios de pequeno porte, também se aprimoram e passam a transportar não só mercadorias, mas também pessoas vindas de outras regiões brasileiras e de outros países, por exemplo, da Itália, da Espanha, do Paraguai que se instalam, principalmente, nas cidades portuárias como Corumbá (MS), Cuiabá e Cáceres, e constituem família, montam seus estabelecimentos comerciais, fábricas, etc.

Embora continuasse a ocorrer, o fluxo migratório ganha maior força e se intensifica a partir da divisão do Estado em 1977. Levas de brasileiros vindos das mais diversas regiões do País chegam a Mato Grosso trazendo seus costumes, dialetos, ou seja, o seu *modus vivendi*.

Os migrantes, como pudemos vivenciar, em contato com a cultura e a fala locais passam a estigmatizá-las, suscitando, no nativo, não só o sentimento de antipatia/rejeição pelos “paus rodados”⁹ como também, a “vergonha” do seu falar, principalmente, entre os jovens.

A esse respeito, Bisinoto (2007) afirma que nas entrevistas realizadas por ela, na cidade de Cáceres, os migrantes quando questionados/perguntados sobre a impressão que lhes causou o falar cacerense ao ouvi-lo pela primeira vez, responderam: “Achei estranho e não gostei. Hoje, acho até engraçado”, “Achei muito bonito e autêntico (...), mas não entendia”, “Nossa, doía no meu ouvido, eu tinha dificuldade para entender e achava feia. Foi um choque.” “Eu achei errado e difícil de

⁹ Alcinha dada aos migrantes, pelo nativo das comunidades mato-grossenses mais antigas como Cuiabá, Cáceres, Poconé e outras, quando sofre preconceito cultural e linguístico.

entender”. (BISINOTO, 2007, pp.56-57)

Essas falas revelam o preconceito do migrante com a fala do nativo. Comportamento que leva o próprio nativo, conforme Bisinoto (2001), a ter “preconceito com sua língua em função da rejeição do imigrante”. (BISINOTO, 2001, p. 2).

Na atualidade, temos percebido que o preconceito do migrante em relação à “fala cacerense” tem diminuído, o que é muito positivo, porque como Bisinoto (2007) enfatiza que esse estigma enfraquece e “prenuncia um possível desaparecimento do falar nativo”. (BISINOTO, 2007, p. 71). Fato que, provavelmente, já esteja acontecendo, conforme temos observado, principalmente entre os mais jovens (menores de cinquenta anos) que aos poucos estão substituindo o falar nativo de Cáceres, por uma variedade linguística com traços do “português carioca”, isto é, estão adotando a pronúncia carioca do /R/, no lugar do tepe alveolar [r] e, das africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] em vez das oclusivas /t/ e /d/ quando seguidas de ‘i’ ou de ‘e’, como nas palavras tinta, leite, dia, porta > [ˈtʃĩta], [ˈleyˈtʃi], [ˈdʒia], [ˈpɔRta], em vez de [ˈtĩta], [ˈdia], [ˈleyte/ɪ], [ˈpɔrta] como era o costume.

1.4.1 Mato Grosso: aspectos socioculturais

Índio – Branco – Negro

A identidade cultural do Estado de Mato Grosso, como diz Lucckesi, é um “Caldeirão de Cultura” (LUCCKESI, ano 1, nº 2, p. 42). Em outros termos, é o resultado da integração de várias culturas: do índio, do português, do negro, de gente vinda de todas as partes do Brasil e do exterior. Em Mato Grosso, atualmente, convivem índios, negros, paulistas, gaúchos, mineiros, nordestinos, bolivianos, haitianos e venezuelanos, enfim, gente de todo lugar.

O patrimônio cultural e folclórico mato-grossense foi formado ao longo de sua história, pela mescla da cultura nativa (indígena) com a cultura trazida, a princípio, pelos portugueses, pelos bandeirantes paulistas, depois, com o advento da escravidão pelos africanos, mais tarde, por migrantes brasileiros e imigrantes italianos, espanhóis, franceses, japoneses, árabes, sírio-libaneses, palestinos, turcos, e atualmente, por chineses e povos de países da África.

Dessa fusão cultural, resultou o folclore mato-grossense com seu repertório quase todo ligado a festas religiosas e a profanas. As primeiras, em sua maioria, são dedicadas ao santo de devoção de alguém ou de uma comunidade religiosa, geralmente em agradecimento a graças

recebidas/alcançadas. Os instrumentos musicais que animam essas festas/ bailes são a viola de cocho > ['koʃo/ʊ/'kotcho/u], instrumento símbolo do Estado, o ganzá, o mocho ['moʃo/ʊ/'motcho/u], a sanfona/acordeão [akorde'õw], violão [vio'lõw] e a harpa paraguaia (Esta com menos frequência, atualmente).

Dentre as danças tradicionais destacam-se a de São ([sõw]) Gonçalo, ritual do catolicismo rural brasileiro em homenagem a São Gonçalo, santo português, cuja devoção, segundo Grandó (2002), fora trazida para a região pelos portugueses na época do Brasil Colônia; o Cururu, o Siriri, conhecidos como dança mensagem, procuram transmitir o respeito e o culto à amizade. Tanto o Siriri quanto o Cururu possuem origem controversa e são dançadas por homens e mulheres, ao som da viola de cocho, do ganzá e do mocho. A Congada, específica da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade; a Dança dos Mascarados, típica da cidade de Poconé, da qual só os homens participam vestidos de mulher; o Curussé, dança carnavalesca, praticada no município de Porto Esperidião, trazida pelos índios chiquitos/chiquitanos da República da Bolívia; o rasqueado, dança alegre e contagiante que, segundo Ferreira (1997), tem forte influência da polca paraguaia (dança e música típicas da República do Paraguai).

Essas festas, danças e rezas com seus cantos e ladainhas são relevantes para a nossa pesquisa por causa de suas letras, cuja pronúncia deixa transparecer a fala local. Essa questão será melhor explanada no item sobre os aspectos socioculturais e linguísticos da cidade de Cáceres.

As festas tradicionais do Estado de Mato Grosso, em geral, são as mesmas de outras regiões do Brasil como as festas de São João (junho), de São Benedito (julho), do Senhor Divino (maio), de Nossa Senhora do Rosário (outubro), de Santo Antonio (junho), de São Gonçalo (janeiro/fevereiro).

Assim como as festas e as danças, a culinária mato-grossense também tem suas raízes nas culturas indígena, portuguesa, africana e espanhola. Os pratos típicos do Estado têm como principais ingredientes o peixe e a carne bovina. Para os mato-grossenses, os pratos tradicionais à base de peixes são: o cachara [ka'ʃara/ka'tchara] na brasa, o pacu assado, a ventrecha [vẽ'treʃa/vẽ'tretcha] de pacu frita e a mojica [mo'dzika/ mo'djika] de pintado (para os cuiabanos) / peixe ensopado (para os cacerenses).

Já os pratos característicos mato-grossenses, passados de geração a geração, feitos com a carne

bovina são: o arroz “maria isabel” (em Cuiabá), arroz carreteiro (em Cáceres); a paçoca de pilão¹⁰; sopa/ensopadinho de carne seca com “banana grande”¹¹ verde ou com mandioca; o puchero [pu'tferu/pu'tcheru]/ensopadão [ẽsopa'dõw/õ], uma espécie de cozido, de origem espanhola, feito com carne bovina ou suína e legumes (milho verde, cenoura, chuchu > [tʃu'tʃu/ tchu'tchu]), mandioca, feijão [fe'dʒõw/fe'djõw] branco e “banana grande” madura ou batata doce) e folhas de repolho; o arroz com frango e pequi, prato típico também do Estado de Goiás.

Dentre os doces e bolos destacam-se: o furrundu/furrundum/purrundu¹², o doce de leite, compotas e geleias de frutas da região, rapaduras de cana de açúcar, de leite, de goiaba, de mamão, de abóbora, de batata doce..., bolo de arroz, bolo de queijo ([ke'dʒu/ ke'dju]) assado ou frito, francisquito (biscoito), bolo de mandioca, de fubá, etc. (Transcrições nossas).

As bebidas tradicionais do Estado de Mato Grosso são os licores, espécie de bebida alcoólica de origem europeia, feitos com aguardente/pinga/cachaça [ka'tʃasẽ/ca'tchasa] e essências de frutas nativas: o pequi, o figo, o jenipapo [dʒeni'papu/djenipapu], a jabuticaba [dʒabuti'kabẽ/djabuti'kaba], o maracujá [maraku'dʒẽ/maraku'dja], etc.; o aloá/aluá uma bebida feita com milho e amendoim torrados e moídos, água e açúcar; o guaraná ralado na grossa, cultivado há séculos na Amazônia pelos índios maués; o canjinjin [kãdʒĩ'dʒĩ/kandjĩ'djĩ] de origem africana, típica da região de Vila Bela da Santíssima Trindade, é uma espécie de licor cujos componentes principais são a cachaça/pinga, cravo, canela e outros ingredientes não revelados pelos fabricantes. Segundo os vila-belenses é uma bebida afrodisíaca.

1.4.2 Mato Grosso: aspectos linguísticos – uma abordagem mais direcionada ao “falar cacerense”.

A par da miscigenação, característica do povo mato-grossense, alguns traços linguísticos, resultantes da confluência de povos que migraram para a região, incomuns no Brasil, por isso, desconhecidos pela maioria dos brasileiros, contribuem para o enriquecimento e a diversidade da

¹⁰ Paçoca de pilão = um tipo de farofa feita com carne seca frita e socada no pilão e misturada com a farinha de mandioca. Para Cunha (1998), o termo poçoca/passoca/passóca tem sua origem no Tupi pa'soka. Essa iguaria culinária pode ser preparada salgada com carne desfiada e farinha de mandioca socadas no pilão; ou doce, feita com amendoim ou castanha-do-pará (sic) torrados e socados no pilão com açúcar e farinha, a popular paçoquinha; e por extensão, significa mistura, confusão.

¹¹ Banana grande é outro nome que se dá, em Mato Grosso, à banana da terra.

¹² Furrundum/furrudu/purrundu – Segundo Houaiss (2009), é um doce de origem africana – do banto. É feito de mamão verde ralado, rapadura de cana de açúcar e cravo da Índia.

língua portuguesa falada no Estado de Mato Grosso.

Os falantes locais, principalmente, os cuiabanos, os cacerenses e os poconeanos, conforme temos observado e, também outros pesquisadores como Silva (2000), Bisinoto (2007) e Macedo-Karim (2004, 2012), são reconhecidos pelo falar caracterizado por certos traços linguísticos incomuns no Brasil: as africadas [tʃ/tch] e [dʒ/dj] > *chegá* > [tʃe'ga/tche'ga], *jogá* > [dʒo'ga/djo'ga], no lugar das consoantes fricativas [ʃ] e [ʒ] > *chegá* > [ʃe'ga], *jogá* > [ʒo'ga] e as terminações nasalizadas [õw~õ] > *pão* > [põ/'põw], no lugar do ditongo -ão [ãw] > *pão* > [pãw]. (Transcrições nossas).

Tendo Cuiabá como referência do falar mato-grossense, lembramos que nem todas as palavras e expressões usadas na Capital são comuns/idênticas na cidade de Cáceres, que também fora fundada no século XVIII. Por exemplo, “Digoreste” que significa “muito bom”; “tchapa e cruz,” “Sou cuiabano de tchapa e cruz” significa “autêntico, legítimo”, conforme Drummond (1978, p. 530). Sobre a expressão cuiabana “tchapa e cruz”, há outras versões conhecidas. Dentre elas, duas foram divulgadas, a do professor da Universidade do Estado de São Paulo, Dr. Santiago-Almeida (2000, p. 24) para quem “tchapa” significa a certidão de nascimento e “cruz”, a certidão de óbito. Já Pescuma, cantor mato-grossense e apresentador do Programa “É bem Mato Grosso”, da TV Centro América, apresenta outra versão. Para ele o termo “tchapa e cruz” significa registro de nascimento feito pela Igreja.

Em Cáceres, as expressões “digoreste” e “tchapa e cruz,” não fazem parte, ainda, do vocabulário nativo. O nativo cacerense para dizer que é o verdadeiro/autêntico/legítimo cacerense diz “Sou boca chato e pé rachado” > ([sô boca 'tʃato~o/'tchato~o e 'pɛ ra'tʃado~o /ra'tchado~o]), “sou bugre/ índio/ nativo”, “ Sou legítimo” > [sô li'dʒimo~o / li'djimo~o]. (Transcrições e grifos nossos).

Dentre as localidades do Estado de Mato Grosso em que esses traços linguísticos são considerados, como já mencionado, verdadeiras “impressões digitais” do falar mato-grossense, está a cidade de Cáceres, o lócus de nossa pesquisa. Por isso, optamos por desenvolver um estudo mais detalhado sobre as africadas [tʃ] e [dʒ]: [tʃe'ga], [dʒo'ga] e as terminações nasalizadas [õ~õw] > [kõ/'kõw], no lugar do ditongo nasal -ão [ãw] > [kãw], no Capítulo VI.

Em Mato Grosso, as pesquisas sobre o falar nativo iniciam-se com um estudo histórico-linguístico sobre a pronúncia mato-grossense, publicado em 1921, por Franklin Cassiano Silva. Estudo que Drummond (1978, p.100) considera “a primeira reflexão sobre as peculiaridades

fonéticas regionais (o determinismo das leis fonéticas) que ensaia a conexão entre os traços do falar mato-grossense, o português medieval e o falado em algumas áreas de Portugal” (DRUMMOND, 1978, p.100), como podemos constatar a seguir. Silva (1921) afirma que muitos desses traços linguísticos são encontrados, ainda hoje, em Portugal, como a pronúncia *home* por *homem*, presente no dialeto do Minho; o dígrafo *lh* transforma-se em /l/: “Já le disse” por “Já lhe disse”, tal como em Portugal; o mesmo grupo *lh* tem o valor de *i* em: muié (mulher), canaia (canalha) presentes também na fala dos Estados do Amazonas e Pará; a expressão “por amor de” (= por causa de) dizem “pramóde”; a ditongação da terminação *io* em *tiu* (tio), como em São Paulo; o ditongo *ei* é pronunciado *ê* (monotonga-se): companhero (companheiro); a síncope do fonema /d/ nos participios verbais: *ino* (< indo); a troca da consoante *l* por *r* (rotacismo): *arma* (< alma), *arto* (< alto); a permuta de *v* por *b*: *bamo* (< vamos), *berruga* (< verruga); a elisão das sílabas nasais átonas finais: *viéro* (< vieram), *estevo* (< Estevão); uso das africadas [tʃ] e [dʒ] no lugar das consoantes fricativas [ʃ] e [ʒ], grafadas *ch*, *x*, *j* e *g* (e) como em Coxipó (Cotchipó), *encheu* (entcheu), *gente* (dgente), *caju* (cadju), conforme o autor, pronúncia usada pelos caipiras de São Paulo; a terminação *em* corresponde a *ei* nasal: *ninguém* (ningueim). (Transcrições fonéticas e grifos do autor).

Exceto os aspectos fonéticos, Silva (1921) apresenta algumas expressões e vocábulos considerados típicos da região como: “agardecê(r), alugé(r), chicra, corgo, cóska, nho, nha em vez de agradecer, aluguel, xícara, córrego, cócegas, senhor, senhora,” etc. Ao referir-se à sintaxe, o autor afirma que ela é a mesma das demais regiões brasileiras.(SILVA, 1921).

Além do trabalho de Silva (1921), a partir de 1978, outros estudos linguísticos do gênero são publicados. Inicialmente alguns desses estudos concentraram-se na Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, como os produzidos e outros encomendados pelo Departamento de Cultura e Turismo da Prefeitura de Cuiabá, do “falar cuiabano”. Outros, mais recentemente, resultam de estudos sociolinguísticos desenvolvidos por professores, alunos da graduação do Curso de Letras (monografias) e, da Pós-graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat como teses de doutorado, dissertações de mestrado e monografias.

Dentre os autores, em Mato Grosso, que se aventuraram/aventuram nessa seara destacam-se, além de Silva (1921), Drummond (1978), Arruda (1998) que produziram um estudo sobre os vocábulos, expressões, traços fonéticos e gramaticais típicos do linguajar cuiabano. A seguir apresentamos alguns exemplos mencionados por Drummond: na Fonética – a) redução dos ditongos (monotongação) /ei/, /ai/ /oi/ seguidos de sibilantes: *seis* > /sef/, *demais* >

/demaf/, depois > /depof/; b) /z/ intervocálico > /g/: várzea < várgea; c) /lh/ > /i/ (despalatalização/iode): tralha > /traia/; d) a fricativação das consoantes x, ch e j > [ʃ] e [dʒ]; e) a desnasalização da vogal tônica final /ã/: irmã > irmá. Na Morfologia - a ausência de concordância de gênero: “A rapadura tá fino...”, “**Ele** chama Isabel”, “Era uma prima **meu**”. Na Semântica – uso de expressões como: aúfa = muito/bastante: “Já trabalhei **aúfa!**”; demais de quente = quentíssimo; Na Sintaxe – emprego de dupla negação na mesma oração, relacionada ao mesmo verbo. “Eu **nem num** sei quanto é”; alteração de algumas regências verbais: “Fui em Várzea Grande, **telefonar em** casa do doutor.” por ‘Fui em Várzea Grande, **telefonar para a** casa do doutor’. (DRUMMOND, 1978, p. 68-73). (Grifos nossos).

Lima (2007) também menciona, entre outras ocorrências linguísticas do falar cuiabano, “a ausência de concordância de gênero”(sic) como “Briga **feio**”; “**Esse** raiz **curtido** na pinga, **esse** eu usei **ele**”, “Eu cheguei **no** mamãe”, “Eu vou lá **no** Margarida.” A respeito do uso da contração **no** masculino e não o feminino **na** como rege a gramática normativa, o autor diz que essa construção embora seja bem típica da fala cuiabana, a ocorrência não abrange 100% dos moradores de Cuiabá, e nos dá a seguinte explicação:

Para essa ocorrência circula na comunidade a hipótese de a presença de *no* nesse tipo de construção, é em função de um apagamento da expressão *no solar de*, conforme algumas explicações dadas por alguns informantes durante as entrevistas que fizemos na comunidade. (LIMA, 2007, p. 24)

Lima (2007) conclui dizendo que, a marcação do gênero gramatical na fala dos cuiabanos oscila, como podemos perceber nos exemplos: “Benedita tava com a fia que tava pá morrê lá casa do ermão dela.”, “Era homi era muié tudu manhecia morto”. (LIMA, 2007, p.24). (Grifos do Autor).

Palma (1980), em sua dissertação de mestrado, aborda os aspectos caracterizadores do falar cuiabano¹³, ou seja, as africadas [ʃ/tch] e [dʒ/tch], usadas no lugar das fricativas [ʃ] e [dʒ], como em: cotchipó por coxipó; tcheio por cheio; djeito por jeito; adjuda por ajuda, recorrentes na fala de nativos da capital do Estado de Mato Grosso, Cuiabá. Na época, o interesse da pesquisadora, segundo ela, era verificar: possíveis mudanças linguísticas que estavam acontecendo; possíveis fatores que poderiam ser responsáveis por essas mudanças; e verificar ainda em que estágio tais

¹³ O “falar cuiabano” foi tombado como Patrimônio Imaterial do Estado de Mato Grosso, pela Portaria 017/2003, em comemoração aos 265 anos do Estado. Registro publicado no Diário Oficial do Estado no dia 22 de abril de 2013.

mudanças se encontravam.

A autora (1980) conclui seu estudo dizendo que esses traços linguísticos pareciam estar em processo de desaparecimento, devido a fatores linguísticos e sociais. Isto é, Palma (1980) chama a atenção para o fato de o falar cuiabano estar sofrendo preconceito linguístico configurado no estigma e na ridicularização por parte de migrantes e/ou de visitantes.

Para a pesquisadora (1980), esses traços estavam em processo de desaparecimento graças a fatores sociais, como nível de escolaridade, faixa etária e o sexo feminino, e não como se poderia supor pelos fatores linguísticos. Em contrapartida, o fato de os informantes de faixa etária menos jovem e do sexo masculino se mostrarem mais conservadores lhe chama a atenção.

Em 2005, Palma retoma os estudos sobre o falar cuiabano com a análise de dois traços desse falar, o /tch/ e o /dj/¹⁴, nas pronúncias do ch, x, j e g (e/i) que, segundo a autora, eram estigmatizados (sic) não só pelas pessoas que se estabeleciam em Cuiabá (migrantes), como também pelos próprios cuiabanos que vinham substituindo, em grande escala, as consoantes africadas hostilizadas estigmatizadas, pelas de prestígio, as fricativas [ʃ] e [ʒ].

Palma (2005) diz, ainda, que mesmo os mais jovens e de nível de escolaridade mais elevado, emitiam os traços estigmatizados quando envolvidos emocionalmente, sem controle de fala/à vontade entre familiares e amigos.

Arruda (1998, p. 11) apresenta, conforme suas palavras, “breves comentários a respeito de particularidades do falar cuiabano”, elaborados a partir de “observações pessoais e de pesquisas em autores mato-grossenses”. Obra que, além dos aspectos históricos do “cuiabanês” (denominação dada pelo autor à linguagem cuiabana), se refere também à cultura (festas e tradições), à política e ao desenvolvimento de Cuiabá, e ao preconceito linguístico que o nativo de Cuiabá sofre. (ARRUDA,1998, p.11).

Souza (2005, p. 14) busca na hipótese crioulista ou semi-crioulista do português do Brasil “uma explicação possível para a compreensão de traços atribuídos ao falar cuiabano”. A autora sustenta sua tese defendendo que a descoberta das minas auríferas em Mato Grosso, no início do século XVIII, promoveu/incentivou a vinda de migrantes, principalmente mineiros, baianos e

¹⁴ A transcrição fonética /tch/ e /dj/ está conforme o texto de Palma (1980). Doravante utilizaremos este tipo de transcrição, concomitantemente com as transcrições do Alfabeto Fonético Internacional – AFI > [tʃ/tch] e [dʒ/dj]: chá > [tʃa/'tcha]; jaca > [dʒaka/'djaka], para facilitar a compreensão do leitor/interlocutor. Também utilizamos símbolos usados por SILVA, (1999) e CAGLIARI (2002).

maranhenses e com eles suas variantes linguísticas crioualizadas.

Daí a pesquisadora inferir que, é grande a probabilidade de o falar cuiabano resultar do contato do português crioualizado ou semicrioualizado do português brasileiro com outras formações linguísticas tenha gerado o falar cuiabano. Ou seja, além da língua geral falada entre bandeirantes e índios ‘com os quais conviviam pacificamente’¹⁵, com a vinda de migrantes negros e mestiços foram trazidas variedades linguísticas crioualizadas de Minas Gerais, Bahia e Maranhão que em contato com a língua local, falada pela maioria da população mato-grossense, tenha dado origem ao falar cuiabano. (SOUZA, 2005, p.14).

Souza (2020), referindo-se à probabilidade de o falar cuiabano resultar do contato do português crioualizado, comenta que não possui dados o suficiente para comprovar tal suposição. (SOUZA, 2020).

A respeito das variantes linguísticas crioualizadas, Naro (2007, p. 180) afirma que antes mesmo de os portugueses chegarem ao Brasil, as variações já existiam e continuam a existir, no português europeu “nada tendo a ver a população de origem africana, ameríndia, ou de qualquer outra nação, a não ser a portuguesa”, e conclui que “tais mudanças posteriores nada têm a ver com as origens dos traços ditos crioualizantes no Brasil”. (NARO, 2007, p.180).

Santiago-Almeida (2009), em sua tese de doutorado focalizou os aspectos fonológicos do português falado no Vale do Cuiabá, popularmente denominado Baixada Cuiabana¹⁶, concentrando-se nos municípios de Cuiabá (capital) e Nossa Senhora do Livramento. A partir de então (2005a, 2005b, 2010) tem realizado pesquisas sobre o falar cuiabano¹⁷, ora apresentando alguns aspectos da evolução histórica do português brasileiro, lote cuiabano, com destaque para os estratos étnicos e linguísticos da população das comunidades ribeirinhas, localizadas na região denominada Baixada Cuiabana; ora, utilizando documentos notariais, manuscritos dos séculos XVII e XVIII, apresenta a descrição acompanhada de estudos para identificação, análise e tabulação de traços do aspecto fonético-fonológico da variante portuguesa, observados em uma ou mais fases históricas da língua, em especial do português utilizado pelos bandeirantes paulistas nos

¹⁵ A expressão “domesticados” (In “índios domesticados”), a substituímos por ‘com os quais conviviam pacificamente’, por considerá-la inadequada/preconceituosa.

¹⁶ Baixada Cuiabana ou Planície ou Depressão Cuiabana – É “toda a região ribeirinha, cujo alcance geográfico inclui a capital do estado de Mato Grosso, Cuiabá, municípios e vilarejos adjacentes que devem sua origem ao rio Cuiabá e seus afluentes.” (SANTIAGO- ALMEIDA; ARAUJO, 2010, p.1).

¹⁷ Para Souza (2020), “O falar cuiabano devia ser um Patrimônio Nacional. Pois é passado de geração em geração com pouca ou nenhuma variação, mesmo com o contato linguístico intenso no Centro Oeste.” (SOUZA, 2020).

séculos XVII e XVIII, que ainda sobrevivem na fala de alguns habitantes nativos da cidade de Cuiabá e adjacências.

Dentre os traços descritos pelo autor, selecionamos alguns que também são comuns no “falar cacerense”: i) a alteração de timbre fechado [e] > aberto: [ɛ]: bebo > ['bɛbu], mecho > ['mɛtʃu]; ii) ditongação do [u], no verbo escutar > [uj]: escutei > [iʃkuj'tej]; iii) a redução dos ditongos (monotongação): [aj] > [a]: baixo > ['baʃu], mais > ['maʃ]; au/ou [aw/ow] > [o]: aumentou > [omẽ'to]; [ej] > [e]: cadeira > [ka'dera], deixa > ['deʃa~'detʃa]; iv) alternância da oclusiva /b/ com a fricativa /v/: [lava'reda]~[laba'reda]; /ʃ/ e /z/ > / tʃ / e /dz/: chegar > [tʃe'ga], já > ['dʒa]. (SANTIAGO- ALMEIDA 2005, p.76- 87)

Santiago-Almeida (2005), ao referir-se à origem de traços linguísticos no falar cuiabano, diz que é bem provável que esse falar resulte do contato amiúde, “entre o dialeto caipira, recheado de elementos próprios do português arcaico, e as línguas indígenas locais”. (SANTIAGO- ALMEIDA, 2005, p.13).

Quanto às mudanças, ou não, o pesquisador (2005) conclui que “no decorrer desses séculos as condições socioculturais no Brasil foram mais propícias à conservação do que à renovação”. (SANTIAGO-ALMEIDA, 2005, p. 91).

Além dos estudos já mencionados sobre o falar cuiabano, outras pesquisas foram realizadas como as das pesquisadoras Dettoni (2005), Cox (2005) e Aguilera (2005).

Dettoni (2005), em sua tese de doutorado, um trabalho sociolinguístico variacionista, de natureza morfossintática, discorre sobre um dos traços característicos do falar cuiabano: a concordância de gênero na relação entre o sujeito e o predicativo e na anáfora pronominal, como podemos perceber nas seguintes construções, citadas pela autora: **“banana maduro”, “noite inteiro”, “minha mãe era vivo”, “esta mão tava bobo” “banana roxa tem ele aí tamém”**. (DETTONI, 2005, p. 51). (Grifos da Autora).

Em sua conclusão, Dettoni (2005) afirma que, apesar de se encontrar em processo de mudança, esse tipo de construção ainda ocorre na fala de usuários do português falado nas localidades da Baixada Cuiabana. E, responsabiliza o nível de escolaridade, pela mudança desse falar (cuiabano). Em outras palavras, para a linguista, o grau de escolaridade mais elevado contribui para a assimilação de formas de expressão mais prestigiadas da língua portuguesa, como a marcação do gênero no pronome anafórico ele/ela, neutralizando dessa forma as marcas típicas de uma das variedades regionais.

Cox (2005), por sua vez, comenta a questão do Rotacismo no falar cuiabano sob três ângulos: o aspecto fonético-fonológico, na visão da linguística imanente; o aspecto histórico da formação e gramatização do português na Península Ibérica e, a história de sua expansão pelos outros continentes e, por último, examina o fenômeno com base nos três continua: “o continuum rural- urbano, continuum oralidade-letramento e continuum estilo não monitorado-monitorado”. A autora (2005) finaliza dizendo que o rotacismo do falar cuiabano é um traço linguístico altamente estigmatizado. Em 2009, Cox reúne alguns estudos realizados acerca do falar cuiabano, e conclui que o Rotacismo, embora seja um traço altamente hostilizado, vem resistindo ao processo de mudança que afeta o falar cuiabano como um todo. Atualmente, na opinião da autora, o traço linguístico identificador do falar cuiabano é o “fenômeno do rotacismo”, não as africadas. (COX, 2005, p.15).

Aguilera (2005) discute casos do léxico que se supõe pertencerem ao falar cuiabano. Em suas pesquisas, a autora descobre que muitas palavras e expressões consideradas cuiabanas, como por exemplo: “amoitar” (esconder-se agachado sob qualquer arbusto ou no capinal/capinzal), “manco” (aleijado que coxeia), “breganhá” (barganhar), “pissuí” (possuir), “acertar o passo” (repreender alguém), “amassa-barro” (para o pássaro joão-de-barro), “supitado” (fadigado, empachado ...porque comeu demais) são encontradas no léxico de outras regiões brasileiras.(AGUILERA, 2005, p.128- 132)

Descoberta que reforça, conforme a autora (2005), a tese defendida por Santiago-Almeida (2005), ou seja, “os substratos indígenas da região, somados ao contexto histórico, contribuíram para que ainda hoje encontremos, em pleno vigor, no dialeto bem característico da Baixada Cuiabana, muitos dos traços atribuídos, por Amaral (1976), ao dialeto caipira paulista”, interiorizados pelos sertões brasileiros por bandeirantes paulistas. (SANTIAGO-ALMEIDA, 2005, p. 28). Em outros termos, é bem provável que esse falar resulte do contato amiúde, entre o dialeto caipira dos bandeirantes paulistas, impregnado de elementos próprios do português arcaico, e as línguas indígenas locais.

CAPÍTULO II

ABORDAGENS TEÓRICAS

Neste capítulo, apresentamos os pressupostos teóricos que nortearam a nossa pesquisa sobre dois traços linguísticos, característicos do português arcaico: as africadas [tʃ/tch] e [dʒ/dj]: achei > [a'tʃey/a'tchey], xadrez [ʃa'dreʃ/tcha'dreʃ], gilete [dʒi'lete~i/dji'lete~i], jaca ['dʒaka/'djaka] e a permuta da terminação nasalizada do ditongo decrescente [ãw] para [õ/õw]: pão > [põ/põw], incomuns no Brasil, mas em uso na fala do nativo da comunidade de Cáceres- MT, em contextos diferentes das regiões Sudeste, Norte e Nordeste do País onde as africadas se manifestam na pronúncia das consoantes oclusivas /t/ e /d/ diante da vogal i (oral ou nasal): tia > ['tʃia/'tchia], dia > ['dʒia/'djia], tinta > ['tʃĩta/'tchĩta] e, em alguns casos, quando seguidas da vogal /e/ átona em final de sílaba: leite > ['leytʃi/'leytchi]; enquanto no falar nativo de Mato Grosso, mais precisamente nas localidades mais antigas: Cuiabá, Cáceres e Poconé, fundadas no século XVIII, as variantes africadas [tʃ/tch] e [dʒ/dj] ocorrem na pronúncia dos grafemas ch/x, j diante de qualquer vogal, e g (i,e): chá ['tʃa/'tcha], chique ['tʃike~i/'tchike~i], tacho ['taʃo~u/'tatcho~u], chuva ['tʃuva/'tchuva], xícara ['tʃikara/'tchikara~'tʃikra/'tchikra]. Quanto às oclusivas /t/ e /d/ seguidas da vogal /i/ ou /ĩ/ ou e átona, em coda, permanecem como segmentos oclusivos [t]/[d]: tia > ['tia], dia > ['dia] na fala do cacerense nato.

Também constitui objeto de nosso estudo, a permuta da terminação nasalizada do ditongo decrescente -ão [ãw] por [õ/õw], modalidade do português usado do século XIII a meados do século XVI quando não existia o ditongo nasal -ão que, de acordo com Silva (2000), atualmente, está ocorrendo a alternância entre a pronúncia padrão -ão [ãw] e a pronúncia popular [õ/õw] em decorrência do preconceito que o falar nativo vem sofrendo.

Os traços linguísticos mencionados são característicos do período arcaico do idioma português quando se fazia a distinção entre a pronúncia dos grafemas *ch* e *x* > (tʃ/tch) para o primeiro e /ʃ/ para o segundo). Já o atual ditongo -ão, usado nos substantivos e verbos que em latim terminavam em -one, -udine, os primeiros, e -unt os últimos, era representado por -om [õ/õw]: sermom (< sermone) > sermão; soidom (< solitudine) > solidão; amarom (amarunt) > amarão, do qual, supomos, resultou o falar cacerense. Este assunto, abordamos mais detalhadamente no Capítulo VI.

2.1 A língua portuguesa: um “bocadinho” de sua história

Ilari; Basso (2006), a respeito da importância de se conhecer a história americana do português, afirmam que “não basta seguir a linha do tempo desde Cabral até hoje; é indispensável, ao contrário, voltar às origens”. (ILARI; BASSO, 2006, p.13).

Voltar às origens da língua portuguesa significa, antes de mais nada, retroceder à época da invasão romana da península Ibérica, para então podermos falar um pouco do português brasileiro. Em outras palavras, a língua portuguesa em sua trajetória percorreu longos caminhos no tempo e no espaço, até aportar-se em terras brasileiras.

Assim como os outros idiomas românicos, a língua portuguesa, nas palavras de Vasconcellos (1959), “tem origem no latim vulgar trazido pelos Romanos para a Lusitânia, e cá modificado; ou mais pròpriamente, é uma evolução d’êsse latim.”¹⁸ (VASCONCELLOS, 1959, p.11). Em outras palavras, o idioma português resulta de uma lenta e conturbada transformação, ao longo dos séculos, de uma outra língua levada pelos romanos para a península Ibérica, o latim vulgar, do ramo itálico, que por sua vez era também a transformação de outra língua, o indo-europeu ocidental, falado por um povo quase sem história, ao qual se convencionou chamar ariano ou ária.

O indo-europeu, de acordo com Haury (1989, p. 9), nas sucessivas e seculares migrações do povo ariano, “em contato com outros falares, fracionou-se em diversos ramos”, como o germânico, o itálico, o báltico, o eslavo, o celta, o grego, o indo-irânico e o armênio. (HAURY, 1989, p. 9).

Para o nosso estudo, é o ramo itálico que mais interessa à língua portuguesa porque a ele pertence o latim que deu origem ao galego-português que, por sua vez, originou o idioma português.

O latim, a língua dos habitantes do Latium, região central da península Itálica, onde se encontra a cidade de Roma, hipoteticamente fundada em 753 a.C., fora levado pelos romanos no século III a.C., à península Ibérica, que em 197 a.C. tornou-se província romana.

Dessa forma, o latim, língua do conquistador, chegou à Península, e com o prestígio de língua oficial suplantou as demais línguas faladas, sendo adotada pelos peninsulares, exceto pelos bascos.

Essa “adoção” não foi espontânea, os romanos foram intransigentes em alguns aspectos tais

¹⁸ Em nossas citações, optamos por manter a grafia original porque consideramos relevante conhecer como era a ortografia/grafia portuguesa da época em que foram escritos os textos. Também considero importante não atualizar a escrita porque, como diz Vasconcellos, “...altera-se o texto d’ela, e resulta d’isso um monstro, que não representa a língua antiga nem a moderna, e só serve para iludir os incautos.” (VASCONCELLOS, 1959, p. 19).

como: o uso obrigatório do latim nas transações comerciais, nos atos oficiais, nas questões forenses, nas escolas e na organização do serviço militar, no qual as instruções militares e as ordens de comando eram dadas em latim, desta forma os nativos foram obrigados a adotar o latim como língua oficial. Assim, a Península chega ao século V d.C. “já completamente romanizada, isto é, politicamente pertencendo ao Império Romano e linguisticamente falando a língua de Roma – o Latim”. (CARVALHO; NASCIMENTO, 1984, p. 20).

Na Península Ibérica, a permanência dos romanos vai até o século V d.C., quando ocorre a invasão dos bárbaros germanos, que por sua vez permaneceram na região até a ocupação árabe no século VIII d.C. Apesar da benevolência com que eram tratados, uma parte dos peninsulares não aceitou a dominação muçulmana, começando assim o movimento da Reconquista que culminou com a expulsão definitiva, em 1492, dos árabes do território Ibérico.

Na luta da Reconquista tomaram parte não só os habitantes de Leão e Castela, mas cristãos de todas as partes. Um exemplo, o nobre francês Henrique de Borgonha, que pelos serviços prestados à coroa e à causa recebeu em casamento D. Tareja, filha de Afonso VI, rei de Leão e Castela, e como dote o Condado Portucalense, pequeno território ao Norte da Península Ibérica entre os rios Douro e Minho, cujos limites D. Afonso Henriques, herdeiro e sucessor de D. Henrique, expandiu para o Sul e, em 1139/1140, torna-o território independente da Espanha, proclamando-se o primeiro rei de Portugal. Independência e título que só foram reconhecidos em 1143.

Nessa região, falava-se o dialeto galeziano, ou galaico-português, expressão linguística comum à Galiza e a Portugal. Mas, à medida que Portugal ampliava seus domínios, estabelecendo seus limites atuais, ia absorvendo os falares locais e, com isso a diferenciação entre o português e o galego, que permaneceu estacionário, foi aos poucos acentuando-se a ponto de a língua portuguesa tornar-se completamente autônoma do galego. Dessa maneira, a língua galego-portuguesa se cindiu em dois idiomas diferentes: o galego que foi incorporado à região da Galiza, anexada à Espanha no final do século XV, e o português que continuou sua evolução, tornando-se a língua nacional de Portugal.

Em sua evolução, o idioma português passou por duas fases¹⁹, conforme o filólogo português

¹⁹ Na interpretação de Coutinho, “Leite de Vasconcelos divide a história da língua portuguesa em três grandes épocas: pré-histórica, proto-histórica e histórica. A pré-histórica começa com as origens da língua e se prolonga até o século IX; a proto-histórica estende-se do século IX ao XII, e a histórica, comporta uma divisão em duas fases: a arcaica do século XII ao XVI, e a moderna do século XVI para cá”. (COUTINHO, 1976, pp. 56-57). Consideramos esta divisão mais didática.

Leite de Vasconcelos (1959), a 1^a – o português proto-histórico ou “arcaico ou antigo, do séc. IX, e mais particularmente do séc. XII, aos meados do séc. XVI”. Vasconcelos (1959) o considera a primeira fase do português arcaico. Nesse período, que durou até o século XII, nos documentos em latim bárbaro, aparecem palavras e expressões portuguesas, o que prova que, nessa época, já existia o dialeto galaico-português. (LEITE DE VASCONCELOS, 1959, p.16)

Já a segunda fase corresponde ao português moderno, do séc. XVI ao século XXI, quando, começa a gramaticalização da língua portuguesa com a publicação de duas gramáticas: a primeira em 1536, pelo Pe. Fernão de Oliveira, intitulada “Gramática da Lingoagem Portugueza”, e a segunda em 1540, com o mesmo título da primeira, de autoria de João de Barros. Também é nesse período que ocorre a publicação da obra de Camões, Os Lusíadas, em 1572, considerada por Carvalho; Nascimento “o maior monumento literário e linguístico da língua portuguesa”. (CARVALHO; NASCIMENTO 1969, p.25).

A filóloga Carolina Vasconcelos (1911/12 e 1912/13), referindo-se aos documentos mais antigos da língua portuguesa, atesta que “Das poesias que até hoje conhecemos, a mais antiga, que se conseguiu datar com alguma probabilidade, é de 1189;...” (CAROLINA VASCONCELOS, 1911/12 e 1912/13, p.18). A autora não menciona o título da poesia, mas Coutinho o faz afirmando que o primeiro texto inteiramente redigido em português é a “Cantiga da Guarvaya”, mais conhecida como “Cantiga da Ribeirinha”, ou simplesmente “Cantiga”, poesia escrita em 1189, por Paio Soares de Taveirós dedicada à D. Maria Paes Ribeiro, a Ribeirinha. (COUTINHO, 1976, pp.69-70). Esta obra marca o período arcaico da língua portuguesa. A partir de então surgem textos em poesia e, mais tarde, em prosa, permitindo-nos conhecer o português arcaico do qual alguns traços linguísticos permanecem na fala nativa da cidade de Cáceres-MT, como as africadas [tʃ] e [dʒ] e o ditongo on [õ], este presente na “Cantiga da Ribeirinha”, que atualmente corresponde à pronúncia do ditongo ão [ãw], em palavras como “não” [nãw], “então” [ẽ'tãw], mas que na fala do nativo cacerense soa [nõ/nõw], [ẽ'tõ/w], conforme pronúncia do português arcaico (Doravante PA).

O período do português arcaico interessa-nos sobremaneira porque os traços linguísticos, objeto de nossa pesquisa, remontam a essa época e, como diz Philippe Joutard “ces voix qui nous viennent du passé”, ou seja, essas vozes que nos vêm do passado, nos ajudam a entender o presente. Em outras palavras nos ajudam conhecer e compreender a origem do falar nativo de Cáceres-MT. (Tradução Nossa).

Na opinião de Silva (2006), é nessa fase histórica (entre os séculos XIII e XV) que, a língua já

aparece em documentos escritos, tanto em prosa como em verso. Contudo, a língua usada em Portugal, nesse período, não é ainda o português propriamente dito, mas uma mescla deste com o galego, a que se chamou de galego-português²⁰, cujo domínio se estendeu da Galiza até o Algarve. Posteriormente, com a independência de Portugal e a anexação da Galiza ao território espanhol (Castela), as pequenas diferenças dialetais foram-se acentuando e as duas línguas, o galego e o português, ganham formas próprias. (SILVA, 2006, p.21)

Ilari; Basso (2006) reportando aos primeiros textos escritos em português, afirmam que, recentemente, “foi descoberto um documento ainda mais antigo: Notícia de Fiadores”, obra datada de 1175. Portanto, segundo os autores, a poesia “Cantiga da Ribeirinha” deixa de ser o primeiro texto escrito em nosso idioma. (ILARI; BASSO, 2006, p. 22)

Em relação às características linguísticas do português arcaico, Ilari; Basso (2006) são de opinião que: “ele fica a meio caminho entre o latim e o português atual”. Em outras palavras, os traços característicos da língua portuguesa, nesse período, ainda não estavam completamente definidos. Mas a partir do século XVI, com o advento do Renascimento, quando os escritores se voltam à imitação dos modelos latinos, na tentativa de aproximar o idioma português da língua mãe, a língua portuguesa se aperfeiçoa, enriquece e adquire as características do português atual. (ILARI; BASSO, 2006, p. 24).

O século XVI foi, também, o século das grandes navegações, das conquistas territoriais portuguesas e da expansão da língua portuguesa que servia de instrumento a uma culta e rica literatura. Essa língua europeia espalhou-se pelos continentes asiático, africano, americano, e pela Oceania, tornando-se língua oficial de oito países. Cinco no continente africano: Angola, Cabo Verde, Moçambique, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe; um no continente americano: o Brasil, e um na Oceania/Indonésia: Timor Leste ou Timor Lorosa'e. Neste, o português foi adotado como língua oficial juntamente com o tétum, a língua nativa.

²⁰ Galego-português – Teyssier define o galego-português como “uma língua nascida no Norte que foi levada para o Sul pela Reconquista.” (TEYSSIER, 2004, p.26).

Houaiss o denomina, também, como galaico-português ou galécio-português, e o define como “língua desenvolvida a partir do romance ibérico, que se falou até meados do séc. XIV no Noroeste da península Ibérica e que deu origem ao português e ao galego modernos”. (HOUAISS, 2009, p. 947).

Alguns trechos escritos em galego-português, transcritos do artigo “A fala galego-portuguesa da Baixa Limia e Castro Laboreiro”, do autor Ribeira: “Temas que aparecem no trabalho: Etnográficos: Lendas e contos no âmbito rural tradicional e narraciões de memória histórica.”, “Umha vez realizadas as gravações procedeu-se à transcriçom da fitas sulinhando as características e traços salientáveis que os diferenciasssem do português *padrão* e do galego *estándar*, empregando umha codificaçom que se detalha no seu correspondente apartado.” “Ficha de Recolhida: endereço, níveis educativos com os que se realizou a recolhida, ano escolar da recolhida”, etc. (RIBEIRA, s/d, p. 5) (Grifos do Autor).

2.2 O português do Brasil – breve visão histórico-social e linguística

O Território brasileiro só foi efetivamente ocupado, não no início do século XVI (1500) quando Cabral aqui aportou, mas em 1532, com a distribuição de quinze capitanias hereditárias.

Ao aportar em território brasileiro, a língua trazida pelos colonizadores e colonos portugueses, o português, foi exposta à influência da língua dos Tupinambás²¹, idioma que, devido à superioridade numérica dos indígenas, os portugueses tiveram de aprender. Coutinho (1976), a esse respeito, cita a fala do Pe. Vieira:

É certo que as famílias dos portugueses e índios de São Paulo estão ligadas hoje umas com as outras que as mulheres e os filhos se criam mística e domesticamente, e a língua que nas ditas famílias se fala é a dos índios e portuguesa a vão os meninos aprender à escola...” (COUTINHO, 1976, p.322)

Coutinho (1976) afirma que a ação catequizadora dos missionários contribuiu sobremaneira para agravar a situação, pois os padres, para atingir seus objetivos, tiveram que estudar a língua tupi, e também escreveram um dicionário e uma gramática, neste caso o Pe. Anchieta. Essa gramática era utilizada, principalmente, para o ensino do Cristianismo.

Os bandeirantes também tiveram papel relevante no uso e expansão do tupi, pois as bandeiras em suas entradas pelo sertão brasileiro tinham como condutores os índios, e como instrumento de comunicação diária, o *abanheém*. (Grifo do Autor).

O autor (1976) atesta que a *língua geral* (tupi + português), até o século XVII, era falada nos campos de São Paulo, Rio Grande do Sul, Amazonas e Pará. Coutinho (1976) diz, ainda, que apesar de várias ordens régias expedidas pelo Governo português para que se ensinasse aos índios a língua portuguesa, a situação continua desfavorável para o português, até que no início do século XVIII (17/08/1758), o Marquês de Pombal, através de um decreto, proíbe o uso da língua geral, tornando a língua portuguesa, o idioma oficial do Brasil.

Mas, apesar de a proibição, a língua tupi ficou definitivamente no português brasileiro. Inúmeros vocábulos estão incorporados em nosso léxico, como: os antropônimos – Araci, Iracema,

²¹ Tupinambás - termo genérico designado pelos primeiros cronistas.

Tupinambás - grupo indígena, hoje, considerado extinto, que habitava a costa brasileira, desde o Norte de São Paulo até Cabo Frio, o vale do Paraíba - RJ (onde eram chamados tamoios), do recôncavo baiano até a foz do rio São Francisco, o Maranhão, o Pará, e a ilha Tupinambarana AM. (HOUAISS, 2009, p. 1893).

Jaci, Guaraciaba, etc.; topônimos – Cuiabá, Poconé, Paraíba, Niterói...; objetos, aparelhos, utensílios - jacá, arapuca...; nomes de fenômenos naturais, doenças, alimentos, credices - piracema, catapora, moqueca, saci, curupira...; verbos - capinar, empipocar, empaçoçar, etc.

Além do tupi, o idioma português a partir de 1538 até 1855, sofre extensiva influência das línguas africanas trazidas pelos escravos, sobretudo as de origem banta e sudanesa.²² Os imigrantes também tiveram e têm importante papel na formação do léxico do português do Brasil. Por exemplo, das línguas africanas e dos idiomas dos imigrantes herdamos, a título de exemplificação, os seguintes vocábulos: caçula, dendê, caxumba, quibebe, angu, batuque, Iemanjá (afr.). Dos imigrantes: pizza, piano (it.), abajur, vinagrete (fr.), bife, jipe, internete, mouse (ing.), etc.

Como resultado, da miscigenação do povo brasileiro, dos tempos coloniais aos dias atuais, resulta um idioma etnolinguístico: o Português Brasileiro (PB), resultado da equação: branco + índio + africano + imigrantes = Povo brasileiro > Português do Brasil = Herança etnolinguística.

2.3 O português europeu e o português brasileiro: algumas diferenças

De acordo com Silva (2010) e Coutinho (1976), essa mescla de línguas e outros fatores como o clima, a fauna, a flora resultaram em diferenças linguísticas entre o português do Brasil e o de Portugal. Mas essas diferenças não são suficientes para se considerar que a língua oficial do Brasil seja um outro idioma que não o português de além-mar. É o português com pronúncia nossa, vocabulário enriquecido por elementos indígenas, africanos, pelas criações e adoções (estrangereirismos) realizadas em nosso meio e algumas divergências sintático-semânticas.

Em relação às diferenças entre o português europeu (PE) e o português brasileiro (PB), limitamo-nos, a alguns exemplos mencionados por Silva (2010, p.157- 160), com uns acréscimos nossos:

a) No vocabulário: camisola (PE), camiseta (PB); berma (PE), acostamento (PB); Está lá! (PE), Alô! (PB); rés-do-chão (PE), andar térreo (PB), ficheiro (PE), arquivo (PB), telemóvel (PE), celular (PB), etc.;

b) Na fonética – Ant[ɔ]nio (PE, e na fala cacerense), Ant[o]nio (PB); col[ɔ]nia (PE), col[o]nia

²² Grupo de línguas negro-africanas do grupo chariano, compreendendo o sudanês central (falado no Tchad, república do centro da África, no Norte do Zaire e de Uganda e na parte ocidental do Sudão) e o sudanês oriental (falado no Sudão e na Etiópia). (HOUAISS, 2009, p.1785).

(PB); d[ɛ]mos (PE e na fala cacerense), d[e]mos (PB); f'char, m'nimo (PE), fechar, menino/ minino (PB); oiro (PE), ouro (PB); toiro (PE), touro (PB); advogado (PE), ad[i/e]vogado (PB), económico (PE), econômico (PB). (Transcrições fonéticas nossas).

c) Na semântica - são inúmeros os vocábulos brasileiros cujo significado difere do português europeu, mas isto, também, acontece com o português brasileiro, pois há vocábulos que dependendo da região tem significado e, às vezes, grafia diferentes. Por exemplo, em Cáceres as palavras “canjica” e “canjiquinha”²³ possuem significados diferentes em outras regiões, conforme podemos perceber em nota de rodapé, a seguir.

A frase, incompleta, “**Rio** inaugura mais um **troço** da **Variante** do Cávado...”, é um exemplo bem marcante das diferenças fonética/fonológica, lexical e semântica entre o português brasileiro e o português europeu (doravante PB e PE). Começando pela palavra ‘Rio’ que nos leva supor que se refere ao Estado ou à cidade do Rio de Janeiro; outra palavra é ‘troço’ [ˈtɾosɔ], fora de contexto, no português coloquial do Brasil (PB) significa ‘uma coisa qualquer,’ ‘um objeto’; ‘alguém sem importância’, ‘insignificante’, ‘desprezível’; ‘fezes’, etc. A palavra ‘variante’, no PB, pode significar uma estrada alternativa, secundária, um desvio; uma variação linguística, ou o adjetivo variante, aquele que varia; um tipo de carro de luxo, etc.

No caso da palavra ‘variante’, a questão não é lexical, é semântica, porque nos dois países, nesse contexto do jornal, o vocábulo “variante”, possui o mesmo significado.

Já o vocábulo ‘troço’ > [ˈtɾosɔ], no PE, possui outros significados. No contexto jornalístico

²³ Em Cáceres -MT, “**canjiquinha**” é o nome de uma frutinha do cerrado, muito apreciada pelo nativo, utilizada para fazer sucos/refrescos. Já na Região Nordeste, “**canjiquinha**” (ou Xerém), de acordo com o Dicionário Informal (2020), é uma comida salgada feita com carne de porco ou de frango e quirera (ou canjica amarela ou mungunzá) de milho maduro e quebrado no pilão ou no moinho até ficar em pedaços bem pequenos, mas com granulação que não passe pelos furos da peneira.

Em Fortaleza a “**canjiquinha**”, a fruta do cerrado, é conhecida como “**murici**” (Cf. Sá-Reis).

Em Cáceres, a **canjiquinha** do Nordeste é conhecida como **quirera** e, também é utilizada para a alimentação de aves. (Cf. Sá-Reis). A canjiquinha, no Espírito Santo, também é conhecida como “péla égua” ou “muxá” (Dicionário Informal).

“**Canjica**”, em Cáceres MT, é uma iguaria doce feita com grãos de milho branco ou amarelo, leite, leite condensado ou açúcar, canela, coco ralado ou em pequenos pedaços; engrossada com amido de milho. (Cf. Sá-Reis). Já a “**canjica**” nordestina é um tipo de papa cremosa feita com milho verde ralado e cozido com leite e açúcar que conhecemos como “**curau de milho verde**.” (Dicionário Informal, 2020)

Canjica, de acordo com Anji Mito, do Rio de Janeiro, (31/08/2009), na gíria, refere-se aos dentes, por exemplo: “Deixe de ser assanhada. O moço mal chegou aqui e você já vai mostrando as **canjicas** pra ele!”

Para André de Brasília, 16/11/2016), **canjica** são os dentes mais a gengiva. Ex.: “Mostrar as **canjicas**: sorrir demais, que se veem até as canjicas (gengivas); alguém **canjicudo** = alguém dentuço.” (Grifos nossos).

Navarro (1998, p.62) refere-se à **canjica** como “prato regional feito de caldo de milho verde cozido com açúcar, leite de coco e sal. Em SP chama-se curau e no RJ canjiquinha. Do quimbundo ‘kanjika’.

português, refere-se a um trecho de estrada. Fora desse contexto, conforme JGMP (2019) um aluno nosso natural da região do Minho (Norte de Portugal), é um tipo de caldo verde feito com couve e outros ingredientes, cuja pronúncia é [ˈtrɔsɔ].

Se colocarmos a frase de Caldeira (2018) na íntegra, teremos “O Presidente da Câmara Municipal de Braga, Ricardo Rio inaugura mais um troço da Variante do Cávado...” Nesse contexto, sabe-se que ‘Rio’ é o apelido (no PB ‘sobrenome’) do Presidente da Câmara Municipal de Braga, mas as palavras “troço” e “variante” para um brasileiro, em geral, continuará uma incógnita.

Vejam alguns exemplos, da semântica, mencionados por Silva (2010): moço (PE) > carregador (PB); esquadra (PE) > delegacia (PB); animatógrafo (PE), > cinema (PB); piúga (PE) > meia/ vestuário (PB); neve (PE) > sorvete (PB), etc. (SILVA, 2010, pp.160 - 161).

d) Na sintaxe: a) Colocação do pronome oblíquo átono no começo da oração: **Me** traga um jornal. “Mi traz...” (PB), em Portugal: Traga-me um jornal. Nesta última frase, o falante brasileiro usa a próclise e o presente do indicativo no lugar do imperativo (Traz por Traga); b) no Brasil emprega-se o pronome de terceira pessoa, ele (s)/ela (s), como objeto direto: Vi ele/ela. Encontramos ela.; c) uso, no Brasil, da preposição “em” com verbos de movimento: Ir **à** cidade (PE), Ir **na** cidade (PB); d) no Brasil, é recorrente o uso da preposição **em** substituindo a preposição **a**: Estou à janela (PE), Estou **na** janela (PB). e) no PB é frequente o uso do gerúndio, ao invés de infinitivo antecedido de preposição “Estou **preparando** o almoço”. Isso também ocorre em Portugal mas, em escala menor. Lá, o infinitivo precedido de preposição é mais usado: “Estou **a preparar** o almoço.” (SILVA, 2010, p.159 - 161). (Grifos nossos).

Para encerrar este assunto, algumas falas de personagens de telenovelas portuguesas capturadas por nós: “Podemos ficar mais um bocadinho (PE).” > Em Cáceres também se usa a expressão “bocadinho” > “Espera um bocadinho que eu já atendo você.”; “Desculpe eu estar a interromper sua conversa (PE)” > “Me desculpe interromper sua conversa. (PB) ~ “Deculpe-me interromper sua conversa” (PB); “Eu gostava de falar contigo. (PE)” > “Eu gostaria de falar com você” (PB); “Tu não achas que deves falar com teu filho? (PE); em Cáceres-MT > “Você não acha que deve falar com seu filho?”; “Ninguém me quer ajudar (PE), “Ninguém quer me ajudar” (PB); “Que vista soberba! (PE)” > “Que vista/paisagem magnífica!/ linda!(PB)”. Também, falas colhidas em entrevistas realizadas pelo programa do Canal Mais GloboSat “Um brinde ao vinho” apresentado por Cecilia Aldaz (Sommelière), em várias vinícolas portuguesas (no Alentejo, no

Douro, no Ribatejo e em outras quintas produtoras de uvas e vinhos) e também no “Carmo’s Boutique Hotel”, onde registramos algumas falas de proprietários/as, empregados. Por exemplo: bago de uva (em Cáceres usa-se dizer “bago de milho, de feijão...”), “talha”, um utensílio grande, feito de barro para armazenar o vinho (em Cáceres chama-se “pote de barro”, usado para armazenar água, geralmente em sítios). Algumas pronúncias: Quinta **Chocapalha** > [ˈʃokapaʎa], Ant[ɔ]nio, [aRoʃ], [menuʃ], [produʃ], [els] por eles; “coisas piquenaʃ”, “...ofrecemuʃ um bocadinho du que as p’soas gostam.”, “...o Spa [naˈʃew] por [naˈsew]”, “...perdeu-se um bocado.”, “banharmuʃ”, “queremuʃ”, “...hidrata a [peʃ] por pele, “pisʃina” por [piˈsina], “...ligação ao divinu” por [ligaˈsãw] ao divino, etc. (Transcrições e Grifos nossos).

Obs.: As últimas dez citações colhemos da entrevista com uma das proprietárias do “Carmo’s Boutique Hotel” (durante a entrevista a proprietária Maria do Carmo, falava que o seu hotel é um Spa, mas na placa está “Carmo’s **Boutique Hotel**). Deduzimos, então, que em Portugal em vez da palavra “Spa” costuma-se dizer “Boutique”. (Transcrições e Grifos Nossos)

Para Silva (2010), apesar de algumas divergências sintático-semânticas, as diferenças existentes entre o português do Brasil (PB) e o português de Portugal (PE), não chegam a fazer do português brasileiro um outro idioma que não o português de além-mar, com suas diversidades, uma vez que as nossas palavras “ são iguais às portuguesas na sua composição fonética, apenas diferindo na pronúncia”; as classes/categorias gramaticais, tanto no Brasil quanto em Portugal, são as mesmas, o gênero gramatical, em geral, é o mesmo aqui e lá; as regras de formação do plural são as mesmas; o sistema de graus de substantivos e adjetivos, os preceitos de concordância nominal e verbal, de emprego de modos e tempos verbais são os mesmos, e a estrutura geral do período quanto à sucessão das orações e a ligação de umas com outras são as mesmas do português europeu. (SILVA, 2010, p.155).

Enfim, continuamos falando e escrevendo a língua de Camões, a língua portuguesa, com suas especificidades fonético/fonológicas, morfossintáticas, lexicais e semânticas, próprias do povo brasileiro. Uma língua moldada pelo convívio, em princípio, com os idiomas indígenas, depois com as línguas africanas e os seus vários dialetos e mais tarde com os idiomas que para cá vieram com os imigrantes. Ou seja, a língua portuguesa do Brasil, apesar da tentativa de se criar/construir uma gramática própria do português brasileiro, ainda, “não se conseguiu ‘identificar’ nenhuma característica do português do Brasil que não tenha um ancestral claro em Portugal”. (NARO; SCHERRE, 2007, p.13). Para isto, basta consultarmos a ‘Breve Gramática do Português

Contemporâneo”, de Celso Cunha e Lindley Cintra, editada em Lisboa para certificarmos que está eivada de pseudos ‘brasileirismos’, que foram trazidos para cá quando do descobrimento ou ‘achamento’ do Brasil, como os portugueses dizem.

2.4 O português arcaico: do Minho a Cáceres -MT

A língua portuguesa, através dos séculos e desde o domínio do latim vulgar na península Ibérica, atravessou várias fases até chegar à forma atual.

Para nossos propósitos, interessa-nos concentrar nossos estudos na fase histórica da língua portuguesa, mais precisamente no período arcaico, uma vez que dele faz parte o objeto de nossa pesquisa: os traços linguísticos africados [ʃ] e [dʒ], e o ditongo nasalizado [ãw] > [õ~õw] em final de sílaba.

Mas antes de prosseguirmos com o assunto, é necessário termos claro o que realmente é o português arcaico. Massini-Cagliari acha necessário explicitar a que período da língua portuguesa a expressão português arcaico se refere. Para ela, o período denominado de arcaico corresponde

[...] às primeiras manifestações em uma língua diferente do latim (mas derivada dele), que já podem ser chamadas de português. É provável que, mesmo antes do século XIII, já existissem manifestações em vernáculo; porém, por ser impossível a sobrevivência, até os dias de hoje, dessas manifestações orais, o que se pode considerar como “português arcaico”²⁴ é constituído unicamente de textos escritos, literários ou não, em prosa ou em verso. (MASSINI-CAGLIARI, 1999, p.25).

Ainda, a respeito do português arcaico, Silva (2010) afirma que esse período começa nos primeiros séculos da fase histórica da língua, mais precisamente, no século XIII e vai até o século XV quando a língua portuguesa já aparece documentada pela escrita, tanto em prosa como em verso. Contudo, neste período, a língua usada em Portugal, a que vemos escrita nos primeiros documentos, não é ainda o português propriamente dito, mas uma mescla deste com o galego, a

²⁴ Massini-Cagliari optou “pelo rótulo “português arcaico” em vez de ‘galego-português’ porque o objetivo do seu trabalho é estabelecer o percurso da acentuação no português (e não no galego)”. A autora faz uma observação lembrando que, na época das cantigas, essas duas línguas não se diferenciavam.” (MASSINI- CAGLIARI, 1999, p.25).

que se chamou de galego-português ou galaico-português, cujo domínio se estendeu da Galiza até o Algarve. Posteriormente, com a independência de Portugal e a anexação da Galiza ao território espanhol (Castela), as pequenas diferenças dialetais foram acentuando-se nas duas línguas, o galego e o português, ganham formas próprias, até que no começo do século XVI começa a gramaticalização da língua portuguesa, com o surgimento das primeiras gramáticas, uma elaborada pelo Pe. Fernão de Oliveira (1536) intitulada Gramatica da Lingoagem Portugueza e a segunda de João de Barros publicada em 1540 com o mesmo título da primeira.

Já a fase das Poesias líricas (séc. XII – XIII) do português arcaico é marcada pelo surgimento, no século XII, do primeiro texto inteiramente redigido em português, conforme atesta a filóloga Carolina M. de Vasconcelos (1911-1912, p.18), data de 1189, a “Cantiga da Ribeirinha”, poesia escrita por Paio Soares de Taveirós dedicada à D. Maria Paes Ribeiro, a Ribeirinha. A partir de então, surgem textos em poesia e, mais tarde, em prosa. Através das poesias trovadorescas que estão reunidas em “Cancioneiros” e, ainda, na prosa de cronistas como Fernão Lopes, Gomes Eanes Zurara, Rui de Pina, podemos conhecer o português arcaico. Por exemplo, os trechos da poesia/cantiga lírica e do testamento escrito entre os séculos XII e XIII, abaixo transcritos, conforme Vasconcelos (1922, p.14) e Coutinho (1976, pp. 69-70), pertencem à fase arcaica da língua portuguesa.

Auto de Partilha²⁵ (1192)

In Christi nomine amen. Hec est notitia de **partiçon**, e de **devison**, que fazemos entre nos dos herdamentos, e dus Coutos, e das Onrras, e dous Padruadigos das Eygreygas, que forum de nosso padre, e de nossa madre, en esta maneira: que Rodrigo Sanches ficar por **sa partiçon** na quinta do Couto de Viiturio, e na quinta do Padroadigo dessa Eygreyga em todolos us herdamentus do Couto, e de fora do Couto...

Neste trecho do “Auto de Partilha”, encontramos vocábulos terminados no ditongo **on** > [õ] (**partiçon**, **devison**), o pronome possessivo **sa** (**sa partiçon**) e o uso da vogal ‘e’ no lugar da vogal ‘i’ (**devison**), característicos do português arcaico, presentes no falar cacerense: “...essa [fala’sõw] tá dema], “...é, aqui, **sa** casa?”, “Esse é deferente daquele...”. (Transcrições e Grifos Nossos).

²⁵ Trecho do “Auto de Partilha” transcrito do livro “Gramática histórica: pontos de gramática histórica, de Coutinho (1976, p.68).

Cantiga (1189)²⁶

No mundo **non** me sei parelha,
mentre me for'como me vay,
ca já moiro por vos – e ay!
mia senhor branca e vermelha
queredes que vos retraya
quando vus eu vi en saya!
Mao dia me levantei,
que vus **enton non** vi fea!

E, mia senhor, des aquel di'aya!
me foi a mi muyn mal,
e vos, filha de **don Paay**
Moniz, e ben vuz semelha
d'aver eu por vos guarvaya,
pois eu, mia senhor, d'alfaya
sunca de vos ouve nen ei
valia d'ũa correa.

Pai Soares de Taveirós

Tradicionalmente, a poesia “Cantiga” ou “Cantiga da Ribeirinha” é considerada o marco inicial da literatura portuguesa e, o primeiro texto escrito realmente em português, conforme Carolina M. Vasconcelos (1911/1912, p.18).

Ilari; Basso, a respeito de textos mais antigos da língua portuguesa, informam que “foi descoberto um documento ainda mais antigo: trata-se da Notícia de Fiadores, datada de 1175.” Logo, podemos dizer que a “Notícia de Fiadores” é o texto mais antigo do idioma português. (Ilari; Basso, 2006, p.22).

Retornando à “Cantiga da Ribeirinha”, nela encontramos características/formas do português arcaico como o ditongo nasal -on >[nõw]: No mundo **non** [nõw] me sei parelha, / [...] /que vus **enton non** [ẽtõw nõw] vi fea! / e vos, filha de **don Paay**/. Época em que ainda não havia o ditongo nasal -ão [ãw]; a expressão **mia senhor**, em que o vocábulo “senhor” não se flexiona em gênero, ou seja, relembrando o que já foi dito, no português arcaico, os nomes terminados em -or, -nte e -ês não se flexionavam em gênero, eram uniformes. Por exemplo, se dizia “mha senhor”, a infante”, “a língua português”; também o pronome possessivo “mia”, outra marca do português arcaico. Além destas características, temos: na palavra ‘fea’, o encontro vocálico ‘ea’ é um hiato que, em sua evolução, com a epêntese do glide “i” tornou-se o ditongo “ei-(i)a > fei-(i)a. As palavras ‘vay’, ‘ay, retray, saya, muyn, Paay, guarvaya e alfaya eram escritas de acordo com a fala, ou seja, escrevia-se como ouvia. A presença do glide [y/j], leva-nos a supor que esses encontros vocálicos eram ditongos (vai, ai, retrai, saia, mui, guarvai -(i)a) e alfai-(i)a) ou hiatos/ditongo (Paai

²⁶ Poesia transcrita do livro “Gramática histórica: pontos de gramática histórica, de Coutinho (1976, pp. 69-70).

(pa-ai) > Pai (ocorreu a ditongação por causa da crase das duas vogais idênticas: **aai** > ai).

Do século XII em diante, surgem documentos extensos escritos em língua portuguesa, considerados superiores aos precedentes em correção e estilo mas, ainda, encontram-se neles um certo número de formas de latim bárbaro. Dentre esses escritos, está o testamento de Afonso II.

Para Silva (2006) , o Testamento de Afonso II, escrito em 1214, e a Notícia do Torto escrita entre 1214-1216 marcam o início da história escrita do idioma português, mais precisamente, do português arcaico. A autora acrescenta, ainda, que:

Admite-se também que as mais antigas cantigas de amigo e de amor do *Cancioneiro Medieval Português* se situam, na sua origem, nos inícios do século XIII, já que tanto a *Cantiga da Ribeirinha*, de amigo, e a *Cantiga da Garvaia*, de amor, têm como inspiradora Maria Pais Ribeiro, a Ribeirinha, personagem documentada na História como amante do rei D. Sancho I, que deteve a coroa portuguesa entre 1185 e 1212. Recentemente, Giuseppe Tavani propõe que se recue para 1196 a data do mais antigo texto poético – uma cantiga de escárnio de Joam Soares de Paiva, identificada por seu primeiro verso: *Ora faz ost' o senhor de Navarra*. Para Tavani (1988:41), os fatos narrados no poema se situam naquela data e o *ora* (= *agora*) que inicia o poema é indício de sua contemporaneidade em relação aos eventos históricos referidos”. (SILVA, 2006, p.22). (Grifos da autora).

A autora (2006) considera, apesar de o início do português arcaico ser marcado pelos fatos descritos, o limite final desse período, embora seja costume considerar o século XVI como o marco inicial do período moderno da língua, é uma questão em aberto porque falta ainda uma investigação sistemática da documentação remanescente do português arcaico, em confronto com o do século XVI, para que, com maior rigor e precisão, nos permita dizer não apenas que o período arcaico termina nos fins do século XV ou na primeira metade do século XVI.

A essa questão, Vasconcelos (1911-1912) comenta que o período arcaico prolonga-se até 1500 ou mesmo ainda mais além dessa data, porque a língua não fica estagnada, ela não permanece de modo algum inalterada, ou seja, muitos fenômenos desapareceram depois de 1350, outros perduraram até o século XVI. A filóloga cita, como exemplo, a pronúncia *ũa* de lũa, com ressonância nasal do /u/ conserva-se em livros considerados clássicos e modelares; e chama a atenção para o caso de Os Lusíadas, “cuja linguagem ninguém se lembra de tratar de arcaica.” (VASCONCELOS, 1911-1912, p.18). Para a autora, pode-se dizer que a fase do português

moderno começa com o Renascimento, e admite que a existência de um período de transição, portanto os limites entre os dois períodos são vagos, não há como precisá-los.

Vale destacar que é no período do português arcaico (1290) que D. Dinis, o Rei Trovador, torna obrigatório o uso da língua portuguesa, e funda, em Coimbra, a primeira Universidade.

Esse português falado e escrito no período que vai do século XII ao século XVI, possui características que o diferencia do português atual, conforme Coutinho (1976, pp. 66-67):

a) no Vocabulário - algumas palavras não guardaram posteriormente a mesma forma, outras são empregadas com o significado diferente e muitas desapareceram sem deixar vestígios, por exemplo: *velas* (*vigias*, *sentinelas*), *adur* (*apenas*, *por acaso*) desapareceu. A palavra “*velas*” ainda é usada no falar cacerense quando uma pessoa sai em companhia de um casal de namorados, sem ter um acompanhante. Então costuma-se dizer que essa pessoa ficou segurando *velas*. (Observação nossa).

b) na Fonética podemos encontrar algumas peculiaridades do português arcaico, como a reunião de vogais em hiato, que depois se desfez por crase ou por ditongação: *esqueecer* < *escaecer*, *maa* > *má*, *seer* > *ser*, *meo* > *meio*; a distinção entre o valor do *ch* e *x*: *rocha* > ['Rɔtʃa/'Rɔtʃa]; *roxa* > [Rɔʃa]. Na poesia “*Cantiga da Ribeirinha*”, a palavra *Paai* possuía um hiato que se defez por crase tornando-se um ditongo *Pai* > ['pay/j]. (Transcrições e exemplos nossos).

O atual ditongo *-ão* era representado por *-om/on* pronunciado [õ] que mais tarde supõe-se ter ditongado, ou seja, de [õ] passou a [õw]: *sermom* [ser'mõ] > [ser'mõw] > [ser'mãw]; as vogais eram reunidas em hiato, que depois era desfeito por crase ou por ditongação como ocorreu com as palavras: *seer* > *ser*, *creo* > *creio*, *meo* > *meio*; mantinha-se a nasalidade, resultante da influência do *m* ou *n* originário, sobre as vogais vizinhas, nasalidade que desapareceu ou fez desenvolver outros sons: *corõa* < *corona*; *lũa* < *luna*, atualmente, tornaram-se orais: *coroa* e *lua*; o sufixo *-vel* tinha a forma *-bil* ou *-vil*: *terrível*, *semelhável*, presentes no português atual do Brasil: *terribilíssimo*, *amabilíssimo*;

c) na Morfologia, os nomes (substantivos, adjetivos) terminados em *-nte*, *-or* e *-ês* eram uniformes, isto é, possuíam uma só forma tanto para o masculino como para o feminino: **o/a** *infante*, **meu/mha** *senhor*, **idioma/língua** português; alguns nomes que atualmente não se modificam no plural flexionavam-se, por exemplo: *ourives* > *ourívezes*, *alferes* > *alférezes*; muitos vocábulos, hoje masculinos, eram femininos como: **a** *fim*, **a** *mar*, **a** *planeta*, **a** *cometa*, etc., hoje **o** *fim*, **o** *mar*, **o** *planeta*, **o** *cometa*; outros que pertenciam ao gênero masculino, no português atual são femininos: **o**

libido > **a** libido, **o** tribo > **a** tribo, **o** coragem > **a** coragem, **o** linguagem > **a** linguagem; os verbos da 2ª conjugação, no particípio (passado) terminavam em -udo: perdudo, conhoçudo, escondudo. Essa desinência ainda se conserva em manteúdo, conteúdo, teúdo; a desinência *-nte* dos particípios presentes se tornaram adjetivos (temente), substantivos ou preposições (durante).(Grifos nossos).

d) na Sintaxe, nos chama a atenção os seguintes casos: o emprego de “home” como sujeito indefinido, com o valor do *on* francês: “home ñ poderia mostrar” (Por “Alguém ñ poderia mostrar”); o verbo poderia conservar-se no singular com o sujeito coletivo do plural: “hi **morreo** grandes gentes” (Por “E **morreram** muitas gentes/pessoas); usava-se *de cujo* como interrogativo: “**Cuja** é esta gloria?” (“De quem é esta glória?”), *se* ou *si* encabeçava frases optativas com o valor de *assim*: “si Deus mi perdon” (Hoje “Assim Deus me perdoa”); empregavam-se duas negativas pré-verbais: “nem nenhum principe non foi tam poderoso” (Por “Nenhum príncipe foi tão poderoso”), etc. (COUTINHO, 1976, pp.66-67). (Grifos e exemplos atuais, nossos).

Desse português falado e escrito do século XII ao século XVI, o português atual recebeu inúmeras contribuições, algumas delas presentes no português falado na cidade de Cáceres, onde encontramos pronúncias como [põw/'põ], [ẽ'tõw/-õ]; [ʃã], [dʒã]; concordância verbal do sujeito coletivo no plural e o verbo no singular: “...e morreu **muitas pessoas**”. No português contemporâneo essa concordância é padrão (por exemplo: Um **bando** de pombos **pousou** na torre da igreja.), porque conforme regras de concordância do português atual, o verbo deve concordar com o sujeito coletivo, no singular. Por outro lado, se a concordância fosse “...e **morreram** muitas pessoas, no português atual, seria uma concordância ideológica (figura de sintaxe denominada silepse de número), um caso de concordância não padrão, mas nem por isso considerada “errada.” (Grifos Nossos).

Além desses traços do português arcaico, existem outros. Assunto, para estudos mais específicos.

2.5 A Sociolinguística: breve comentário

Em nossos estudos de Sociologia Educacional aprendemos com o professor e filósofo norte-americano, John Dewey, que o ser humano não vive e não pode viver só. Pensamento semelhante ao do escritor alemão Thomas Mann (s/d), para quem “Um homem não vive apenas sua vida pessoal, mas também, conscientemente ou não, a vida de sua época e de seus contemporâneos”.

Em outras palavras, o homem vive organizado em sociedades e são detentores de um sistema de comunicação oral, uma língua. Palavras corroboradas por Calvet (2002, p.12) em “as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes”. A partir deste pressuposto, reconhecemos a Sociolinguística como um ramo da Linguística que trata especificamente das relações entre linguagem e sociedade, ou seja, a Sociolinguística trata da relação entre a língua e os falantes de determinada comunidade de fala, pois, a linguagem exerce papel de intermediador entre os homens e o mundo (os objetos e fenômenos).

As discussões sobre a interação entre a linguagem e a sociedade, isto é, sobre a importância da Sociolinguística para os estudos linguísticos, entre eles o ensino de línguas, aconteceram bem antes do congresso de 1964, organizado por Bright. Conforme Alkmim (2001, p. 30), em 1962, Hymes publica um artigo sobre a Etnografia da Fala, rebatizada anos depois como Etnografia da Comunicação²⁷, de caráter interdisciplinar, em que “procura definir as funções da linguagem a partir da observação da fala e das regras sociais próprias a cada comunidade”. Em 1972, com a publicação do artigo “Models of the interaction of language and social life”, Hymes estabelece os princípios teóricos e metodológicos da Etnografia da Comunicação e, em 1963, publica-se o relevante trabalho de Labov, um dos maiores expoentes da Sociolinguística, sobre a diversidade linguística observada na comunidade da ilha de Martha’s Vineyard, no litoral de Massachusetts, isto é, sobre os ditongos /ay/ e /aw/ (como em **right** e **house**; **mice** e **mouse** respectivamente) cuja pronúncia Labov percebeu que, além da pronúncia padrão, poderiam ser falados de maneiras diferentes: /ay/ poderia ser pronunciado como [ay], [əy] e [ey], já o ditongo /aw/ poderia ser pronunciado como [aw], [əw] e [ew].

Labov em busca de explicações para a sua descoberta chegou à conclusão de que, segundo

²⁷ Crystal (1988) define/conceitua a Etnografia da Comunicação/Etnolinguística/Etnografia da fala como um ramo da Linguística que estuda a língua pela investigação de comportamento e tipos étnicos. O autor diz ainda que há uma certa coincidência de conteúdo com a Linguística antropológica e a Sociolinguística refletindo os mesmos interesses de disciplinas afins – a Etnologia, a Antropologia e a Sociologia. Recentemente, os sociólogos começaram a usar a expressão Etnografia da comunicação para o estudo da língua em relação a toda gama de variáveis extralinguísticas que identificam a base social da comunicação, centralizando-se na descrição da interação linguística. Já Dubois et al. (1973, p.254) denomina e conceitua Etnolinguística, originária da Sociolinguística, como o estudo da língua enquanto expressão de uma cultura e em referência com a situação de comunicação. Enfim, para os autores a Etnolinguística ocupa-se igualmente dos problemas da comunicação entre povos de línguas diferentes ou da utilização, por um povo dominado, de duas ou mais línguas (plurilinguismo). A existência de línguas sagradas (arcaizante ou mesmo esotérica), secretas (tanto a gíria dos malandros como a fala mista dos médicos callaway da Bolívia) e técnicas tem aqui sua importância, assim como a escolha entre vários tipos de discurso.

Coelho (2015), a “identidade dos falantes, em termos de sentimento de pertencimento a um local, a um povo ou a uma cultura (entre outros fatores), pode se mostrar como um condicionador extralinguístico que motiva a variação linguística.” (COELHO et al., 2015, p.50).

Em sua pesquisa, Labov considerou não só os condicionadores extralinguísticos, mas os condicionadores internos, isto é: a) o ambiente fonético, ou seja, quais eram as consoantes precedentes e subsequentes aos ditongos /ay/ e /aw/; b) os fatores prosódicos, em outras palavras a tonicidade das formas linguísticas em que apareciam os ditongos; c) a influência estilística, isto é, de acordo com Coelho et al.(2015, p.50) “as diferentes situações em que os dados foram coletados (fala casual, fala com acento emotivo, fala cuidada e leitura).”; d) “considerações lexicais: em que palavras esses ditongos tendiam a ser pronunciados centralizados.” (COELHO et al., 2015, p.50). Para investigar mais profundamente o problema das condições sob as quais a mudança linguística toma lugar, Labov realiza o estudo sobre a estratificação do /R/ na cidade de Nova Iorque. Ou seja, a realização do /r/ (sua ausência ou presença em posição pós-vocálica, como em ‘car’, que pode ser realizado como [kə] ou [kaʀ]. Sobre esta pesquisa Labov conclui que uma pronúncia diferente não expressa somente atitude em relação à classe social, mas também permite que grupos sociais possam ser diferenciados. Os resultados apresentados por Labov sobre as duas pesquisas indicaram que as explicações encontradas estavam fora da língua, isto é, estavam no contexto/estratificação social dos falantes entrevistados.

Esses estudos de Labov considerados uma reação às correntes estruturalista de Saussure e a gerativista de Noam Chomsky que consideram a língua uma realidade abstrata sem vínculos com os fatores externos, isto é, com os fatores históricos e sociais da língua. Para Labov, não existe uma comunidade de fala homogênea, nem um falante ouvinte ideal. Fato comprovado pela existência de variação e de estrutura heterogêneas nas comunidades de fala. Isto é, em uma comunidade de fala, não há dois falantes que se expressam da mesma maneira em diferentes situações de comunicação.

Mas antes de darmos continuidade a esse assunto, faremos um percurso através dos tempos, retrocedendo ao início do século XX quando viviam os linguistas Meillet (francês) que influenciado pelas ideias do sociólogo Durkeim, define a língua como um fato social, enfatizando o caráter evolutivo dela, ao contrário de Saussure para quem a sincronia prevalece sobre a diacronia. Em outras palavras, Meillet procura explicar a estrutura linguística por meio de fatores históricos e sociais, enquanto os russos: Marr que acreditava em uma origem única para todas as línguas e que

estas são instrumento de poder e refletem a luta de classes sociais e passam por estágios que correspondem aos estágios da sociedade e, Bakhtin que considera a língua um fenômeno social cuja natureza é ideológica.

Retomando a questão dos estudos sociolinguísticos, registramos as falas de Alkmim (2001) e Freitag; Lima (2010) para os quais esses estudos, alicerçados pelas ideias de Meillet, começam a ter evidência a partir de 1964, quando William Bright e outros²⁸ estudiosos da relação entre língua e sociedade se reúnem para discutir a diversidade/variação linguística, ou seja, o objeto de estudo da Sociolinguística.

Considerando que a diversidade linguística faz parte de todos os segmentos da sociedade, seja no contexto familiar, escolar ou profissional, isto é, no locus onde o indivíduo está inserido. Alkmim (2001, pp.28-29), diz que Bright (1964) ao definir o objeto da Sociolinguística, a diversidade linguística, traça como que “um roteiro para atividades de pesquisa a serem desenvolvidas na área da Sociolinguística, como:

- a) identidade social do emissor ou falante – relevante, por exemplo, no estudo dos dialetos de classes sociais e das diferenças entre falas femininas e masculinas;
- b) identidade social do receptor ou ouvinte - relevante, por exemplo, no estudo das formas de tratamento, da *baby talk* (fala utilizada por adultos para se dirigirem aos bebês);
- c) o contexto social - relevante, por exemplo, no estudo das diferenças entre a forma e a função dos estilos formal e informal, existentes na grande maioria das línguas;
- d) o julgamento distinto que os falantes fazem do próprio comportamento linguístico e sobre o dos outros, isto é, as atitudes linguísticas”. (ALKMIM, 2001, pp.28-29)

A respeito da Variação linguística, Alkmim (2001) relembra que nenhuma língua é homogênea, porque toda língua possui um passado que lhe deixou como herança uma língua particular, representada por um conjunto de variedades linguísticas. A autora, do ponto de vista geral, descreve as variantes linguísticas de acordo com dois parâmetros básicos:

- a) a variação geográfica ou diatópica relacionada às variantes faladas por comunidades geográficas distintas;
- b) a variação social ou diastrática relacionada ao nível sócio-econômico, ao grau de escolaridade, à idade e ao sexo; e a estilística (registros) relacionada ao contexto, por exemplo, os

²⁸ John Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Dell Hymes, John Fisher, José Pedro Rona.

falantes diversificam sua fala de acordo com o ambiente e situação social em que se encontram: formal, informal, coloquial, familiar, pessoal.” (ALKMIM, 2001, p. 34).

A esses tipos de variações, Camacho (1988) acrescenta a variação histórica, na qual formas antigas permanecem na fala dos indivíduos. Podemos citar o caso de traços linguísticos, do português arcaico presentes, atualmente, no “falar nativo” da cidade de Cáceres: as africadas alveopalatais surda [tʃ] e sonora [dʒ] e o ditongo nasal decrescente om/on [-õ~õw] em palavras como: chá > [tʃa], xícara > [tʃikara]; cão > [kõ/'kõw].

No Brasil, além das contribuições de Labov, considerado o precursor da Sociolinguística Variacionista, os pesquisadores da área se valem do método descrito por Tarallo (1997) que esume todos os procedimentos da pesquisa sociolinguística. Essa contribuição, ainda que em pequena quantidade, são recursos de enorme importância para o conhecimento da complexa realidade linguística brasileira.

2.6 Fonética e Fonologia: algumas considerações.

Neste subtítulo, abordamos sucintamente o que seja a Fonética e a Fonologia porque essas duas ciências fazem parte dos estudos fonético-fonológicos da língua portuguesa. Uma vez que são ciências importantes para o entendimento da realidade sonora de uma língua. Portanto, relevantes àqueles que pretendem enveredar pelos caminhos da Sociolinguística, mais especificamente pelas transcrições fonéticas, pelo ensino de língua materna (Alfabetização/Letramento) e língua estrangeira.

Tomamos como suporte argumentativo, os estudos realizados por Cagliari (1989, 2002), Silva (1999) e Leite; Callou (2005).

Para Cagliari (1989), a Fonética tem como finalidade analisar e descrever a fala das pessoas da maneira como ela ocorre nas mais variadas situações de vida. Já a Fonologia também se preocupa com os sons da língua, mas dos aspectos interpretativos dos sons, de sua estrutura funcional nas línguas. (CAGLIARI, 1989, pp. 42-43).

Leite; Callou definem a fonética (o fone) e a fonologia (o fonema) como “duas disciplinas interdependentes, ou seja, para “determinar quais são as unidades distintivas” (fonológicas) de cada idioma, necessita-se, conforme Silva (1999, 23), conhecer os mecanismos da fala “do ponto de vista fisiológico e articulatório”, competência da fonética. (LEITE; CALLOU, 2005, p.11).

Em outras palavras, como afirma Cagliari, a fonética tem como objetivo “descrever os sons da fala dizendo quais os mecanismos e processos de produção de fala estão envolvidos em um determinado segmento da cadeia sonora da fala.” Já a Fonologia, para o linguista, “faz uma interpretação dos resultados apresentados pela Fonética, em função dos sistemas de sons das línguas e dos modelos teóricos que existem para descrevê-los” (CAGLIARI, 2002, pp.17-18).

Resumindo, para Cagliari (1989), a finalidade da Fonética é a descrição dos sons da fala (os fones), e o escopo da Fonologia é a interpretação do valor linguístico que esses sons (os fonemas) têm no sistema de uma língua. Para finalizar, tomamos a fala de Cagliari (2002) que julgamos ser consenso entre os três estudiosos, mencionados, da fala humana “Quem pretende trabalhar somente com Fonética ou exclusivamente com Fonologia não tem condições de entender a realidade sonora da língua.” (CAGLIARI, 2002, p. 19).

Em nossa tese, para desenvolver nossos estudos, nos valem os seguintes aspectos fonético-fonológicos do português brasileiro:

- a) Africada alveopalatal desvozeada/surda /t/: tia > [ˈtʃia];
- b) Africada alveopalatal vozeada/sonora /d/: dia > [ˈdʒia];
- c) Africada alveopalatal desvozeada/surda /ch/: chá > [ˈʃa] > no dialeto de Cáceres-MT > [ˈtʃa];
- d) Africada alveopalatal vozeada/sonora /j/ e /g/ (e, i): já > [ˈʒa]; gelo > [ʒelo~o] > no dialeto de Cáceres-MT > [ˈdʒa/ˈdja], [ˈdʒelo/ˈdjelo].

As duas últimas (“c” e “d”), no “falar nativo” de Cáceres, ocorrem em ambiente diferente das duas primeiras por isso, supomos que não são alofones de /ʃ/ e /ʒ/, como ocorre com a pronúncia das africadas [tʃ] e [dʒ] típicas das regiões Sudeste, Norte e Nordeste do Brasil: [tʃia/tchia] e [dʒia/djia] para ‘tia’ e ‘dia’ em que as africadas são alofones de /t/ e /d/. Em Cáceres, temos observado que muitos nativos jovens estão pronunciando os fonemas africados [tʃ] e [dʒ], no lugar das oclusivas [t] e [d]: [ˈtʃia/ˈtchia] e [ˈdʒia/ˈdjia] por [ˈtia] e [ˈdia], mas há os que continuam com a pronúncia [ˈtia] e [ˈdia], geralmente os mais idosos. Pudemos observar essa ocorrência em nossas entrevistas, quando não ouvimos das pessoas mais idosas a pronúncia das africadas [tʃ] e [dʒ] como alofones de [t] e [d], por exemplo: [ˈtʃia/ˈtchia] e [ˈdʒia/ˈdjia] por [ˈtia] e [ˈdia].

Ao contrário do que ocorre nas regiões Sudeste, Norte e Nordeste, como demonstraremos, em que as oclusivas [t] e [d] manifestam-se como africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] quando seguidas da vogal alta ‘i’ (oral ou nasal) ou da vogal média-alta ‘e’ em final de palavra. Em Cáceres-MT, no

falar cacerense, elas são pronunciadas como segmentos oclusivos [t] e [d], isto é, apresentam as pronúncias ['tia] < ‘tia’ e ['dia] < ‘dia’.

As africadas alveopalatais aparecem na fala do “cacerense legítimo” quando pronunciam palavras grafadas com ‘ch’ e ‘x’ como: chave > [ʧave~ɪ/'tchave~ɪ]; abacaxi > [abakaʧi/abaka'tchi]; com ‘j’ (seguida de qualquer vogal): cajá > [ka'dʒa/ka'dja] ou ‘g’ (e, i): gelo > [dʒelo~ʊ/'djelo~ʊ]. Daí não as consideramos alofones das oclusivas [t] e [d], mas das fricativas alveolopalatais surda [ʧ] para ‘ch’ e ‘x’ e sonora [ʒ] para ‘j’ seguida de qualquer vogal; e ‘g’ seguida de ‘i’ ou de ‘e’ em final de palavra.

Em nenhum ambiente as oclusivas [t] e [d], na fala dos nativos entrevistados, manifestam-se como segmentos africados [ʧ] e [dʒ]: [ʧia/'tchia], [dʒia/'djia], mas, como [t] e [d] > [tia], [dia].

Silva (1999, p.57) afirma que “o que condiciona a ocorrência dos segmentos africados [ʧ, dʒ] nos dialetos que apresentam a palatalização das oclusivas alveolares é o fato de a vogal imediatamente seguinte ser “i” ou “e” (este em final de palavra) como em *latia* > [laʧia], *diálogo* > [dʒi'alogo~ʊ /dʒi'alogo~ʊ], *bate* > [baʧi/'batchi], *arde* > [ardʒi].

A respeito, ainda, dos segmentos africados, a autora (1999, p.57) menciona o que ela considera uma particularidade, a ocorrência das africadas alveopalatais entre falantes do dialeto de Cuiabá. “Certos falantes deste dialeto apresentam os segmentos africados [ʧ,dʒ] onde os segmentos fricativos ocorrem na grande maioria dos outros dialetos do português brasileiro”. (SILVA, 1999, p.59). Conforme ilustra a tabela abaixo:

Tabela 1. As Variantes Africadas [ʧ/tch] e [dʒ/dj] em Cuiabá-MT.

Grupo 14	Belo Horizonte	Cuiabá
chá	[ʧa]	[ʧa]
acha	[aʧa]	[aʧa]
já	[ʒa]	[dʒa]
haja	[aʒa]	[adʒa]
chia	[ʧia]	[ʧia]
gia	[ʒia]	[dʒia]
tia	[ʧia]	[tia]
dia	[dʒia]	[dia]

Adaptando-se esta tabela para o “falar nativo cacerense” temos:

Tabela 2. As Variantes Africadas [tʃ/tch] e [dʒ/dj] em Cáceres-MT.

Contexto/Ambiente	Belo Horizonte	Cuiabá	Cáceres
chá	[ʃa]	[tʃa/'tcha]	[tʃa/'tcha]
acha	[aʃa]	[a'tʃa/a'tcha]	[a'tʃa/a'tcha]
já	[ʒa]	[dʒa/'dja]	[dʒa/'dja]
haja	[aʒa]	[adʒa/'adja]	[adʒa/'adja]
chia	[ʃia]	[tʃia/'tchia]	[tʃia/'tchia]
gia	[ʒia]	[dʒia/'djia]	[dʒia/'djia]
tia	[tʃia]	[tia]	[tia]
dia	[dʒia]	[dia]	[dia]

Em que podemos constatar que o dialeto cacerense em nada difere do dialeto cuiabano, porque, assim como Cuiabá, Cáceres, também, foi fundada no século XVIII, e esses traços linguísticos remontam ao português falado na época. A diferença está em relação ao dialeto da região Sudeste, mais especificamente ao falar belo-horizontino, em que podemos observar a questão da ocorrência das africadas em outro ambiente, ou seja, elas ocorrem quando o contexto são os fonemas [t] e [d] seguidos de [i]: [tʃia], [dʒia] e não com os fonemas [ʃ] e [ʒ] escritos respectivamente ‘ch’, ‘x’ (antes de qualquer vogal oral ou nasal) > [tʃ/tch]; ‘j’ (antes de qualquer vogal oral ou nasal) e ‘g’ (antes de ‘i’ e ‘e’) > [dʒ/dj].

Cagliari (2002) tece algumas considerações referentes à africada palatoalveolar surda [tʃ] que ocorre em algumas pronúncias do português: o /t/ realiza-se como [tʃ] antes de /i/. Por exemplo, tipo > [tʃipó~o], isto é, “o [t] fica [tʃ] qdo ocorre antes do fonema [i] e realiza-se como oclusiva alveodental surda [t] nos demais contextos. Acrescenta, ainda, que “em alguns dialetos do português, uma palavra como *prefeito* é pronunciada [pre'feitʃo]”. (CAGLIARI, 2002, pp.30-31).

O autor (2002, p.39) conclui dizendo que, na pronúncia de um falante, “podemos ter palavras como tia e dia, pronunciadas [tʃia] e [dʒia], que constituem um par mínimo verdadeiro, pois revela que há uma oposição fonológica ocorrendo no ambiente diante de [-ia] e envolvendo sons foneticamente semelhantes [tʃ] e [dʒ]”. (CAGLIARI, 2002, p.39).

Contudo devemos observar que o significado das palavras muda com a permuta de sons foneticamente semelhantes. No entanto, a regra acima revela que [tʃ] é um alofone de /t/ e que o

mesmo acontece com [dʒ], que é um alofone de [d], nas mesmas circunstâncias. Logo, [tʃ] e [dʒ] não podem ser fonemas autônomos, porque [tʃ] é um alofone de /t/ e o mesmo ocorre com a africada [dʒ], que é um alofone de /d/. Em outros termos, as duas africadas [tʃ] e [dʒ] são “variantes condicionadas pela presença da vogal anterior fechada [i, ɪ]”. Neste caso, em tia e dia, temos dois fonemas /t/ e /d/, em que tanto o fonema /t/ como o fonema /d/ possuem dois alofones: /t/ com [t] e [tʃ], e /d/ com [d] e [dʒ], isto é, [t] e [tʃ] assim como [d] e [dʒ] são variantes entre si. (CAGLIARI, 2002, pp.30-39).

A respeito das africadas “mato-grossenses”, dos autores consultados, somente Silva faz a seguinte observação:

[...] sobre segmentos africados vale mencionar uma particularidade que ocorre entre falantes do dialeto de Cuiabá. Certos falantes deste dialeto apresentam os segmentos africados [tʃ,dʒ] onde os segmentos fricativos ocorrem na grande maioria dos outros dialetos do português brasileiro”. (SILVA,1999, p.59).

A autora (1999) ilustra o caso com o quadro, anteriormente apresentado, em que faz a comparação entre o dialetos de Cuiabá e de Belo Horizonte.

Cagliari faz uma rápida menção à ocorrência das africadas palatoalveolares, diante de vogal que não é anterior e fechada, ou seja, em outro ambiente que não seja /t/ e /d/ seguidos da vogal [i] ou /e/ [ɪ]. Isso acontece com algumas palavras de origem estrangeira, como: “tchau > [tʃaw], tchê > [tʃe], tcheco > [tʃeko~ʊ], patchó > [pa'tʃo] e patchuli > [pa'tʃu'li].” (CAGLIARI, 2007, p. 38)

Prova de que as africadas alveopalatais “mato-grossenses” são desconhecidas pela maioria dos brasileiros.

CAPÍTULO III

PERCURSOS METODOLÓGICOS

Nesta etapa da nossa pesquisa, apresentamos os percursos metodológicos utilizados na realização deste estudo²⁹, ou seja, a constituição do corpus, os critérios adotados para a seleção do entrevistado e o seu perfil sociocultural e linguístico, como se realizou a coleta de dados e a transcrição dos dados para a análise.

3.1 A constituição do corpus da pesquisa: os entrevistados.

O *corpus* analisado nesta tese provém de entrevistas realizadas de acordo com as orientações de Tarallo (1999), Bagno (2001), Goldenberg (2009) e Macedo-Karim (2012). Foram entrevistados doze falantes nativos de nove bairros da cidade de Cáceres-MT³⁰. Os entrevistados, com a fala estável/definida, se distribuem em duas faixas etárias: a primeira, entre 38 a 60 anos (adultos mais novos) e, a segunda, entre 65 a 81 anos (adultos mais idosos). Optamos por essa escolha porque nessas faixas etárias os falantes já possuem uma linguagem sua/própria, bem definida e pouco influenciável. Foram entrevistados seis falantes de cada faixa etária, sendo três do sexo masculino e três do sexo feminino, conforme a Tabela 3 abaixo:

Tabela 3. Os Entrevistados

Entrevistado da Pesquisa	Entre 38 a 60 anos (Adultos mais novos)	Entre 65 a 81 anos (Adultos mais idosos)
Sexo masculino	3	3
Sexo feminino	3	3
Total	6	6

²⁹ O projeto de pesquisa que deu origem a esta tese foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/FCM/UNICAMP, conforme parecer 968/2011. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE encontra-se reproduzido no apêndice 8.3.

³⁰ Bairros: Centro (1), Massa Barro (1), Jardim Padre Paulo (1), Cidade Alta (1), D.N.E.R. (3), Santa Izabel (2), Cavahada II (1), Jardim Cidade Nova (1) e Carrapatinho (1).

Parâmetros para a seleção dos entrevistados – Além da idade, do sexo e da faixa etária, consideramos relevantes para a seleção dos entrevistados, os seguintes critérios: a) ser natural da cidade de Cáceres-MT; b) ser filho de pais cacerenses; c) ser casado com cacerense; d) ter nenhum grau de escolaridade ou possuir no máximo a 5ª série do Ensino Fundamental.

Apresentamos na Tabela 4 o perfil sociocultural de nossos entrevistados:

Tabela 4³¹: Perfil Sociocultural dos Entrevistados.

Identificação	Sexo	Idade	Escolaridade	Atividade
F1EVPS	Feminino	38 anos	5ª Série	Faxineira diarista
F1MGPS	Feminino	50 anos	2ª Série	Do lar
F1GMR	Feminino	60 anos	5ª Série	Do lar
F2MRS	Feminino	65 anos	4ª Série	Do lar
F2AMS	Feminino	73 anos	4ª Série	Vendedora
F2TDA	Feminino	81 anos	4ª Série	Costureira Aposentada
M1PCS	Masculino	43 anos	3ª Série	Agropecuária
M1JMRJ	Masculino	54 anos	1ª Série	Pedreiro
M1ERN	Masculino	60 anos	4ª Série	Tratorista
M2SPS	Masculino	67 anos	4ª Série	Aposentado
M2MJO	Masculino	70 anos	1ª Série	Aposentado
M2MAS	Masculino	73 anos	Não escolarizado	Aposentado

A escolha das variáveis idade, sexo e grau de escolaridade dos entrevistados, deve-se ao fato dessas variáveis sociais, conforme Macedo-Karim (2012, p.60), serem “fatores que se mostram relevantes nos estudos sociolinguísticos, com o interesse de verificar se há diferenças no uso linguístico que identifica o falar local vinculadas a essas variáveis sociais.”. Também nos interessa saber sobre a atitude dos nativos cacerenses, em relação a fala deles. Eles a valorizam? Ou não? (MACEDO-KARIM, 2012, p. 60).

Dando continuidade, registramos os dados sobre cada entrevistado selecionado e alguns trechos das entrevistas.

(1) F1EVPS – 38 anos, sexo feminino, cacerense, casada, estudou até a 5ª série do Ensino Fundamental. É Faxineira diarista. A entrevista ocorreu na casa do pai dela. Percebemos a ausência

³¹ Na tabela 2, F1 representa o entrevistado do sexo feminino, da 1ª faixa-etária (adulto mais novo); F2 equivale ao entrevistado do sexo feminino, da 2ª faixa-etária (adulto mais idoso). M1 corresponde ao entrevistado do sexo masculino, da 1ª faixa-etária (adulto mais novo); M2 equivale ao entrevistado do sexo masculino da 2ª faixa-etária (adulto mais idoso). As letras, após F1 e F2, são as iniciais do nome de cada entrevistado.

das africadas alveopalatais mato-grossenses [tʃ] e [dʒ]³² na fala da entrevistada, somente o ditongo -on > [õw] > “... [ẽtõw] tem gente que acha esquisito o jeito da gente falá.”, “Gosto de doce de [ma'mõw] verde é muito [bõw]”. É uma pessoa educada, simpaticíssima, no início da entrevista estava “tímida”, mas depois ficou à vontade, e a entrevista transcorreu tranquila. Como ela disse: “...meio com vergonha, acanhada mas, vai”.

(2) F1MGPS³³ – 50 anos, sexo feminino, natural da cidade de Cáceres-MT, casada, estudou até a 2ª série do Ensino Fundamental. É dona de casa. A entrevista ocorreu na casa dela, mas não permitiu gravar sua fala, alegando vergonha. O que nos obrigou a sermos ágeis na escrita e na transcrição fonética das variantes objeto da nossa pesquisa. A entrevistada nos pareceu tímida em relação a sua fala, mas foi muito educada em nos acolher em sua residência. Em sua fala percebemos a presença das africadas alveopalatais mato-grossenses [tʃ] e [dʒ] e do ditongo -on [õw] em vez do ditongo -ão [ãw]: “Eu [ʼaʃʊ/'atchu] qui aqui é o mió lugá prá vivê”; “Eu gostu mui:::tu di [ʼpeʃi/ 'petchi], di pacu com moio e [pi'rõw] mi dá até água na boca só di lembrá...”.

(3) F1GMR – 60 anos, sexo feminino, nascida na cidade de Cáceres-MT, casada, estudou até a 5ª série do Ensino Fundamental. É dona de casa. A entrevista ocorreu em sua residência. Pareceu-nos uma pessoa extrovertida, uma boa anfitriã. “Na minha [vi'zõ], [ʼaʃʊ/'atchu] Cáceres bonitu, perto do pantanal é [õdi] nasci e vô morrê.” Gosta de comer: “Minha comida é [ʼpeʃe/'petche], arroz cu piqui e minha fruta é [ka'dʒu].” “Sou cacerense com muuuito orgulho, nasci aqui e vô morrê aqui. Jamaʃ vô [de'tʃa/de'tchá] Cáceres minha cidade querida.”

(4) F1MRS – 65 anos, sexo feminino, natural da cidade de Cáceres-MT, casada, estudou até a 4ª série do Ensino Fundamental. É dona de casa. A entrevista ocorreu em sua residência. É uma pessoa simpática, alegre e fala “o cacerense”: “Eu vi pela [televi'sõw]. Depois disso [ʼdʒa/'dja] [ẽ'tʃew/ẽ'tchew] duas vez.” “Prantava mandioca, banana, abróbra, [maʃiʃo]”.

(5) F2AMS – 73 anos, sexo feminino, nasceu em Cáceres-MT, solteira, estudou até a 4ª série do Ensino Fundamental. É revendedora de produtos de beleza. É uma pessoa agradável, educada, simples, gosta de conversar. A entrevista aconteceu na residência da pesquisadora, quando MAS foi entregar os produtos que revende. Quando lhe perguntamos se poderia conceder-nos uma

³² Doravante para identificar as africadas, objeto da nossa pesquisa, utilizaremos o termo “africadas mato-grossenses.”

³³ Por causa da Pandemia, não pudemos continuar as entrevistas. Por isso, não tivemos como descartar a entrevista com F1MGPS que nos pediu para não gravar sua fala.

entrevista sobre o falar do cacerense. Respondeu-nos “Craru vamos lá”.

Em relação ao seu modo de falar, ou seja, o falar nativo, não tem vergonha. Eis alguns trechos da entrevista: “É a minha [lĩ'gwadzɨ/lĩ'gwadjɨ], nũ tenhu vergonha porque assim falava meu pai e minha mãe. Assim foi (por fui) criada.”; “... quem fazia era os pais deles. Eles faleceram, mas os filhos [continu'arõw] com a [devo'sõw]. É um [fes'tõw...].” “Gosto de tudo que é ['petʃe/'petche], vễ'treʃa/vễ'tretcha] de pacu.” “[mu'dzika/mu'djica] é cuiabanu que fala, aqui ['dʒa/'dja] tem ['dʒẽte/'djente] falanu [mu'dzika/mu'djica], mas o cacerense fala ['petʃe/'petche] ensopadu.” “Ah...é o [pi'rõw].” Em relação às lendas disse: “...e desse otru nunca ouvi falá, tô ovinu agora.” “Como que é esses?... Credu!!!Vooti! Deus nos livri!”. Sobre gostar de sítio, chácara... respondeu-no: “Gostu mas, só prá passá o dia. É um lugar bunitu incrusivi, minha subrinha tem uma, mas não mora lá. Lá é só pra passeá. É uma ['ʃakra/'tchacra] confortável, é de [ti'dzolo/ti'djolo], tem ar condicionado..., ['bõw], ela podi tem dinheru.”

Ao despedir-se disse-nos “Se percisá, é só fala”. A entrevista foi gratificante.

(6) F2TDA - 81 anos, sexo feminino, nasceu no Sítio Cordilheira no município de Cáceres-MT, é viúva, estudou até a 4ª série do Ensino Fundamental. Profissão: Costureira aposentada, mas continua costurando algumas roupas para ela. É uma pessoa alegre, brincalhona, parece, com seu corpinho esguio e ágil, uma juvenzinha faceira. Foi muito bom entrevistá-la. A entrevista ocorreu na residência de uma de suas filhas porque segundo ela, assim saía um pouco de casa. Ela usa as africadas alveopalatais mato-grossenses [ʃ] e [dʒ] e o ditongo -on [õw] por -ão [aw]: “Nesse tempo nũ existia [dʒela'dera/djela'dera]. A carne tinha que *sargá* e *secá*, ou [ẽ'tõw] fritava e guardava na gordura de porco”. Trovas/repentes: “Filho de ['petʃe/'petche], [pi'ʃĩno/pi'tchinho] é.”; “Nũ ['deʃa/'detcha] pra *amanhá* o que pódi fazê ['odʒe/'odje].”; “Eu adoro [ka'ʃoRo/ca'tchoRo], eu tenho um.” Comida que ela gosta: “...[aRoʃ], [fey'dʒõw/fei'djon], carne seca *frito*, [vễ'treʃa/vễ'tretcha] de pacu, ['petʃe/'petche] cũ [pi'rõw/pi'rõw],...”. “Gostava de pescá. Eu ['dʒa/'dja] pesquei muito, ['odʒe/'odje] nũ pesco mais porque o rio é ['lõdʒe/'lõdje]. Isca prá ['petʃe/'petche] é [ka'dʒa/ka'dja], abobrinha, e roncadador, uma frutinha ansim marelo. ['dʒaka/'djaka?] nũ conhêçu ['nõw]”. [pu'ʃero/pu'tchero] é um [so'põw] feito com osso, mandioca, milho verde, banana maduro e otras coisa que quisé colocá.” Doces que gosta: “doce de [ka'dʒu/ca'dju], de [ma'mõw] purrundu.” “Pantanal? conhêçu porque do lado onde eu morava é pantanal.

Tem [ku'riŋfo/ku'ritcho] e ['bitfo/'bitcho] pirigoso, [dʒaka're/djaka're], sicuri, capivara, ela nũ é mansinho ansim.”

A entrevista foi produtiva, alegre, descontraída. A senhora F2TDA é só alegria.

(7)M1PCS – 43 anos, sexo masculino, nasceu em Cáceres, filho de pais cacerenses, casado com uma cacerense, estudou até a 3ª série do Ensino Fundamental. Profissão: pecuarista. É uma pessoa bem politizada, bem informada não só no que se relaciona à pecuária, mas com tudo que acontece aqui e no mundo. Perguntado se assiste televisão, respondeu-nos que “[televisõw] só [asistõ] o jornal prá vê as coisa que passa, a [previ'sõw] do tempu porque nũ sabe se vai chovê ou [nõw] por causa do prantiõ, “por exemplo, do [fey'dzõw/fey'djõw], ele gosta de poca [ʃuva/'tchuva] porque [se'nõw] ele mela.” “Novela nũ assistu porque assisti ele, tem de sê todo dia. A mea muié e os filho assisti.” “Prefiru o tempo de [ʃuva/'tchuva] porque o tempo da seca é um tempo que a senhora não faz quase nada, o pastu mesmo fica aborrecido, fica [tortʃidu/tortchidu] desconsolado...” “Gosto. Prá [dʒête/'djente] que é de Cáceres é ['bõw] [demaʃ]. Quem vem prá Cáceres, nũ vorta memo. Cáceres é ['bõw], [de'maʃ]; “Antigamente nesse rio nós pegava no ['caʃ] muito ['petʃe/'petche]. ['odʒe/'odje] ocê vai ['lõdʒe/'lõdje] e nũ pega mais, ['odʒe/'odje] tá difícil. Tem [dʒête/'djête] que pesca co rede.” “O pacu gosta de comê a fruita [larã'dʒinha/larã'djinha], roncado, uma fruita amarelo” “...furrundum da rapadura de cana com raiz de [ma'mõw 'maʃõ/'matchu]. Nhora cavuca, ranca a raiz, descasca ele e rela prá fazê”, “... licor de leite é o que mais gosto, licor de figo, de [baka'ʃi/ baka'tchi], aluá...” “O guaraná eu bébu ele só cedo. Mea mãe bebe ele três vez ao dia.” “Antigamente borsa era um saco. ['odʒe/'odje] tem borsa escola. Se nho perdesse um lápis [ʃe'gava/tchegava] no pau. “O estudo de antigamente era mais rigoroso, [odʒe/odje] é muita brincadeira nũ aprende o que presta.” A primera padaria que conheci foi de [bas'tiõw]. Nha conheceu ele?” ['odʒe/'odje] facilitô muito, desde a política de FHC favoreceu muito pos pobre. Pobre nũ comia carne, tinha que sê carne de ['bitfo/'bitcho], ['petʃe/'petche]. Melhorô mais ainda pro rico, ele ficô milionário. ['odʒe/'odje] nós têm... Eu, por exemplo, antes do governo dele só tinha um sítio, andava de [ʃa'Rete/tcha'Rete] e bicicleta. ['odʒe/'odje] nós têm cinco sítio formado...tem trator. Tem que fazê o pé de meia prá hora que nós ficá véio, nũ tem onde mora? Nũ [aʃa/'atcha serviçu por nós [dʒa/'dja] tá véio...”

O senhor M1PCS é uma pessoa que sabe sua origem, por exemplo, a mãe dele era filha de um italiano que casou com uma cacerense, contrariando a vontade da família do avô que não admitia casamento com estranhos, só podia casar com parentes. Dá gosto conversar com ele, é uma pessoa

como dizem “antenada com o mundo”. Ele sente prazer em falar sobre sua vida, sobre Cáceres. Enfim, de tudo que vive e viveu.

A entrevista ocorreu no escritório do esposo da pesquisadora, porque este percebeu o falar cacerense do senhor PCS e entabulou a entrevista. Foi uma das entrevistas mais completas que fizemos. Valeu a pena.

(8) M1JMRJ – 54 anos, sexo masculino, nasceu em Cáceres, filho de pais cacerenses, casado com uma cacerense, não estudou. Profissão: pedreiro. Durante a entrevista que ocorreu na residência dele, ele respondia só o que lhe perguntávamos, não ia além, mas conseguimos perceber que ele é falante do dialeto cacerense: “Du mesmo pai tinha sete *irmá*, o nome delas todos começa com [ˈdʒɔta/djɔta]. Só uma caçula que [ˈʃama/tchama] *Sirvia*. [...]. Mas o véio [veyo] meu pai falava de uns vinte três fio.” Gosta de comer: [mãˈdʒoka/mãˈdjoca], abóbra, cardo de [feˈdʒõw/feˈdjõw]. Sobre o rio Paraguai disse: O nosso Paraguai tá cabano. O turista, prá mim, [ˈaʃo/ˈatcho] que vem só desfrutá e deixá [liʃo/litcho]. O meio de transporte dele é a “bicicreta”. Pareceu- nos pouco à vontade, parecia que estava temeroso de algo, isso ele deixou transparecer quando perguntamos pela sua esposa e a resposta foi “Putá, mea muié tá brabo porque quebrei o pote dela”. Então encerramos a entrevista.

(9) M1ERN – 60 anos, sexo masculino, nasceu em Poconé-MT, mas veio menino, com os pais, para Cáceres. Como ele diz: “Bom [nõw] nasci aqui, mas consideru que sô cacerense porque criei aqui e tenho [sastifaˈsõw] porque a bem da verdade cacerense e poconeanu é tudo iguá, é a mesma [ˈdʒête/djête]. É viúvo, estudou até a 4ª série do Ensino Fundamental, porque naquela época, o estudo para o pai dele era [ẽˈʃada/ẽˈtchada] e foice. Trabalhava com o pai na roça, “prá tê o que comê”. Profissão tratorista, e nas horas vagas faz “uma [ˈʃãga/tchãga]/ “bico” prá entrá um dinherinho”. Sobre Cáceres de antigamente diz que: “[nõw] tinha muita violência como [ˈodʒe/ˈodje]. A [ˈdʒête/djête] podia andá até artas hora sussegadu. [nõw] existia o tar de [laˈdrõw]. [ˈodʒe/ˈodje] é pirigozu [ʃeˈga/tcheˈga] todo bordoadu em casa. Antigamente [nõw] existia muito desenvolvimentu, a [ˈdʒête/djête] saía, [deˈʃava/deˈtchava] porta aberta que ninguém, ninguém [miˈʃia/miˈtchia]. Por exemplo, o paderu [deˈʃava/deˈtchava] os [ˈpõw], brutelo de [ˈpõw], [ẽgaˈʃado/ẽgaˈtchadu] no prego, próprio prá esse fim, pro [kaˈʃoRu/kaˈtchoRu] [nõw] pegá, [nõw] por causa da [ˈdʒête/djête]. Nesse ponto, Cáceres era bom. Antigamente era melho prá vivê, nessa parte porque tudo era fartura, o [ˈpetʃe/ˈpetche] era só panhá. Agó...na [ẽˈʃête/ẽˈtchente] esse [baiˈõw] tava preto de [ˈpetʃe/ˈpetche] comenu [kãdʒiˈkiña/kãdʒiˈkinha], [ẽˈtõw] era só apanhá. Fruta,

abóbra, mandioca, milho e outras coisa era só i numa [ʔfakra/'tchacra] e apanhá. [ʔdʒe/'odje] tudo é comprado. Se [nõw] tem dinheiro [nõw] [ʔtʃa/'atcha]. Sugestões do senhor MIERN “Daqui uns dia eu vortu prá capi o quintá prá nũ [dʒũ'ta/djũ'ta] capim porque com essa [ʃu'va'rada/tchu'va'rada] cresce rápidu e [dʒũ'ta/'djũ'ta] muito [bifʊ/'bitchu], musquitu, ratu. Sabe dona prá ratu é bom colocá venenu cũ pinga. Ele gosta de [kɛdʒʊ/'kɛdju]. Come até [ʃo'ra/tcho'ra]! rrsrsrs. Lá em casa eu fez isso e matô cada bitela. Acabô queles. Sabe dona, a senhora devia intrevistá seu [dʒõw] R. Ele fica nesta mesma rua.

O senhor MIERN é extrovertido, educado, confiável e conversador. Gosta de uma boa prosa. A entrevista ocorreu na residência da pesquisadora, quando ele fora “capiná o quintá” dela. Foi uma entrevista enriquecedora.

(10) M2SPS – 67 anos, sexo masculino, nasceu em Cáceres, filho de pais cacerenses, casado com uma cacerense, estudou até a 4ª série do Ensino Fundamental. Profissão: Lavrador aposentado e pedreiro (ainda faz serviços de pedreiro, só na casa dele). Se não tivesse machucado as costas estaria trabalhando até hoje porque ele acha “ruim demais ficá parado, o povo [ʔtʃa/'adja] que a [dʒẽte/'djẽte] é inválido, qué [kɛ] fazê as coisa por nós, num gosto disso [nõw]”. “Lá no [fa'kõw], pro lado da antiga fazenda Primavera, agora dizque [dɛrõw] as terra lá pros sem terra, meu pai era [peõw] lá”, “Eu [aɟu'dava] meu pai que virô pedreiro, dispois eu comecei trabalhá de pedreiro sozinho, aí [maʃu'key/machu'key] as costa e parei.”, “fruta que gosto manga, goiaba, [ma'mõw], [dʒabuti'kaba/djabuti'kaba]“...Comi até [ʔʃa/'tcha] o beijo (rrsrsrs). Gosto demaʃ de manga.”. A entrevista aconteceu no quintal de onde se avista o rio. É um senhor educado, à moda antiga. Em nossa chegada, o cumprimentamos e, ele nos respondeu “Bom dia fia, eu tô como Deus qué”. Foi uma entrevista gratificante.

(11) M2MJO - 70 anos, sexo masculino, nasceu em Cáceres, filho de pais cacerenses, casado com uma cacerense, estudou até a 1ª série do Ensino Fundamental. Profissão: Lavrador aposentado. A entrevista realizou-se no quintal da residência dele sob um cajueiro. É uma pessoa brincalhona que gosta muito de conversar. Por exemplo, quando perguntamos onde nasceu. Ele nos respondeu: Em Cáceres, maʃ só o corpo. Em relação à esposa dele, brinca dizendo que “é custume o ome robá a muié, mas foi ela que me robô”. É uma pessoa que tem muito a nos ensinar sobre a vida no pantanal, no cerrado. Ele é cururueiro (pessoa que toca e dança um tipo de dança chamada Cururu, típica do Estado de Mato Grosso, presente em festas de santos). Referindo-se ao falar cacerense, ele diz que “A fala do cacerense tá desapareceno. Nũ é istilo da [dʒẽte/'djẽte] essa outra. Até nũ

falo mais arrastadu. Eu ainda [ka'pɾitʃu/ka'pɾitchu] prá nũ saí do istilo cacerense.” Declamou uma trova cantada no cururu, nas festas de santos: “Quem deu o primero prado foi o nosso Bom [dʒe'zuʃ/dje'zuʃ]. O que devemos fazê é o sinar da Santa Cruz”. “Antigamente o povo até aprendia porque [ʃe'gava/tche'gava] numa festa fazia o sinar da Cruz da testa até no umbigo, tudo na cantoria.” [dʒa/'dja] morei na fazenda Baia da Vorta, no município de Cáceres, no ano que casei em 1969. [odʒe/'odje] trabalho, com esse povo de A..., ele sempre me apanha prá í prá lá. [a'ʃarũ/a'tcharũ] eu competente pro trabaio, eles me [ele'dʒerɔ/ele'djeru] capacitado prá qualquer trabaio. [odʒe/'odje], por exempro [dʒa/'dja] gosto, daqui. [odʒe/'odje] tô no que é meu. Tenho meu [rã'ʃiĩɔ/rã'tchinhu]. Eu tenho orgulho de sê cacerense. Falando sobre a falta de higiene das pessoas (vizinhos dele) que jogam lixo na rua, nos lotes: “Nós tamu aqui...a senhora [ʃega/'tchega] aqui, vê essa [su'dʒera/su'djera]. A pobreza nũ é defeito né? Porque aqui na direita [Ra'zõw/ra'zõw] nũ era pro prefeito saí de lá prá limpá, mas pobreza, o povo [nõw] aguento. Eu nũ conformo. Ele nos interrompe e pergunta: “Familha de quem ocê é? Eu respondo e ele continua com o assunto da sujeira da rua. Perguntado se preferia a Cáceres de hoje ou a de antigamente disse-nos: “Antigamente era melhó, maʃ era muito dificultoso. [odʒe/'odje] eu vô armoçá em Cuiabá. Notros tempo, ia a cavalo durava sete dia. Tinha que levá sua matulinha na lata, a “paçoca”. Gosto. Comi muito [peʃe/'petche] no pantaná. [nõw] sô de pescaria. Lá na [fre'ʃiĩã/fre'tchinha], tinha muito [peʃe/'petche]. Meu sogro escolhia [peʃe/'petche] prá comê. Era cada [buRe'lõw] de [peʃe/'petche]. Meu sogro falava. Vamo comê um [peʃe/'petche], [dʒa/'dja] ia [dʒã'ta/djã'ta] na fazenda. Aí quando [ʃe'gava/tche'gava] no retiro vamo comê uma piranha assadu, ... batia um [dʒaka'rɛ/djaca'rɛ] daquele, [pu'ʃava/pu'tchava]... “Eu sô muito arreclado de [peʃe/'petche]. Minha sogra é boa prá fazê esse [peʃe/'petche] brancu. Nũ carece muito tempero prá fazê esse [peʃe/'petche]. Gosto da [vẽ'treʃa/ vẽ 'tretcha] e o [pi'rõw]. Percebemos, durante a entrevista, a preocupação com o que é nosso, com as nossas raízes/a nossa identidade que não pode desaparecer. Para ele, “o que vem cua [dʒẽte/'djẽte] de fora é bom maʃ o nosso tem que ficá”. A entrevista foi enriquecedora.

(12) M2MAS- 73 anos, sexo masculino, nasceu em Cáceres, filho de pais cacerenses, casado com uma cacerense, não escolarizado; sempre trabalhou como lavrador nas fazendas da região. É aposentado. É um senhor educado, nos recebeu gentilmente, gosta de conversar, principalmente no que se refere às coisas da fazenda, do “matu” como ele diz. Em relação ao que precisa melhorar na cidade, nos disse que precisa resolver de uma vez por todas o problema da COHAB VELHA que

inunda. “...precisa canalizá essa água tudu né? Prá caí pru rio prá ficá tudu secu. Essa COHAB véia que esse já faz tempu que vem nesse [bati'dõw] essa água aí.” A entrevista aconteceu no quintal de sua residência.

3.2 Coleta de Dados

Para contactar com os entrevistados, tivemos a colaboração de nossos alunos dos cursos de Letras e Pedagogia, de amigos, de parentes que nos forneciam o endereço e/ou o número do telefone. Na maioria das vezes eles conversavam primeiro com as pessoas, para verificar a possibilidade das entrevistas. Também contamos com a ajuda dos próprios entrevistados que, após as entrevistas, nos indicavam outras pessoas. A colaboração dos alunos de graduação dos Cursos de Letras (3º semestre) e de Pedagogia (1ª Esfera), 2017/01, 2019/2 da Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat – Campus de Cáceres, contactando os prováveis entrevistados, e auxiliando-nos nas entrevistas, conforme orientação nossa, nos ajudou muito, poupando-nos do trabalho de procurar os falantes nativos. Para os alunos, segundo eles, foi muito produtivo porque vivenciaram a prática de pesquisa de campo, importante para a formação acadêmica deles.

A escolha dos entrevistados distribui-se em duas faixas etárias: a primeira, entre 38 a 60 anos (adultos mais novos) e, a segunda, entre 65 a 81 anos (adultos mais idosos). Optamos por essas faixas etárias porque os falantes, além de possuírem, uma linguagem estável/própria, bem definida e pouco influenciável, são mais receptivos que os mais jovens. São mais autênticos, não estão preocupados com o que o outro pensa deles. Os jovens procurados para dar entrevistas, ao aventarmos a possibilidade de uma entrevista, se recusaram veemente e até de maneira ríspida. Quanto ao grau de escolaridade, optamos pelos sem escolaridade e/ou que tenham cursado até a quinta série do Ensino Fundamental por supormos que, não sofrendo nenhuma ou pouca influência do ensino sistematizado, a probabilidade de encontrarmos a fala do nativo ainda intacta ou pouco modificada era maior.

Para preservar a identidade dos entrevistados, utilizamos os códigos F1e F2 (para mulheres) e M1 e M2 (para homens) seguidos das iniciais dos entrevistados, para poder identificá-los quando necessário. Por exemplo: (M1ERN)

Os critérios adotados, já mencionados, além da idade e sexo, para a seleção dos informantes foram:

- a) ser natural, sempre ter vivido na cidade de Cáceres e/ou ter morado em outra localidade por

pouco tempo;

- b) ser filho de pais cacerenses;
- c) ser casado com cacerense;
- d) sem escolaridade ou possuir no máximo a 5ª série do Ensino Fundamental.

As entrevistas foram realizadas, geralmente, na residência dos entrevistados e no horário determinado por eles. Elas aconteceram no terreiro (quintal) das casas sob árvores e/ou em varandas. Também aconteceram na residência da pesquisadora e no escritório do esposo dela.

Em geral, num ambiente livre de ruídos. Além das entrevistas formais, utilizamos também a observação participante (doravante OP) porque ela nos permite captar a fala autêntica, o falante não se sente observado, avaliado.

Antes de iniciarmos as entrevistas, nos apresentamos informalmente, dizendo o porquê da entrevista, apenas, com o “cacerense lidjítimu”, para registrarmos informações sobre o falar, a história, os costumes. Enfim, da vida do “verdadeiro cacerense”, ouvir a opinião deles, sobre esses assuntos. Falamos, também, da importância da colaboração/relatos deles para a preservação das raízes do povo cacerense. Uma vez que estamos percebendo/supondo que a maioria da população de Cáceres não é nativa, são migrantes de várias regiões brasileiras. Gente de fora, como o cacerense nato diz. Provavelmente isso, está contribuindo para a mudança da fala/pronúncia cacerense, principalmente, entre os mais jovens (adolescentes e adultos jovens). Por exemplo, em duas pré-entrevistas com adultos jovens (uma de dezenove anos e uma de trinta e oito anos) percebemos que elas não pronunciam as africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ], somente o ditongo [õw]: [solu'sõw], [eduka'sõw].

Além de registrar a fala e os costumes do cacerense, através de relatos pessoais, o nosso objetivo maior foi comprovar que o falar, identidade do povo cacerense, ainda está firme e forte, não só na voz dos mais velhos, mas também na fala dos pequeninos que convivem com esses adultos, autênticos cacerenses, que não se envergonham do seu passado, da sua fala, da sua gente. Durante as entrevistas, raras vezes houve interferência de outras pessoas (parente ou vizinho). Aconteceu uma vez, quando um filho querendo auxiliar o entrevistado que demorava para responder, antecipava a resposta ou tentava explicar o que queríamos. Mas, sutilmente conseguíamos contornar a situação e retornar à entrevista.

Quanto à atitude dos entrevistados, a maioria mostrou-se bem à vontade. Respondiam com detalhes às nossas perguntas e, éramos nós que encerrávamos as entrevistas porque não demonstravam pressa em terminá-las. Percebemos na fisionomia e na riqueza de detalhes o quanto

estavam sentindo-se valorizados. No término das entrevistas, reforçávamos nossos agradecimentos e o valor da contribuição deles para as gerações atuais e para as vindouras. Todos os entrevistados se prontificaram em nos atender sempre que precisássemos.

Não raro, os entrevistados, após as entrevistas nos brindavam com um delicioso cafezinho e bolinhos de chuva, ou limonada para quem não tomava café, e muita prosa.

Para as entrevistas utilizamos o Roteiro da Entrevista³⁴ (cf. apêndice 8.2) e a conversa livre, o que nos permitiu uma atitude mais flexível por exemplo, se um entrevistado não entendia a pergunta ou uma palavra, repetíamos a questão de outra maneira. Fato que aconteceu com a palavra “orgulho”, quando perguntados se tinham orgulho de ser cacerense, alguns respondiam que não tinham vergonha, porque para esses entrevistados, a palavra “orgulho” é sinônimo de “soberbo/soberbia” um sentimento ruim. Então retificávamos dizendo “satisfação/prazer/alegria” (O/a senhor/a sente satisfação, alegria de ser cacerense?). Também, utilizamos, para nossa segurança no que se refere à coleta fiel de dados um gravador marca Sony– 288 Hrs, uma máquina fotográfica Nikon D 5100. Tamanho: 132 KB Dimensão:2080 X1168 e uma Câmera Canon Power Shot SX40HS, tipo: Arquivo JPG. Tamanho: 2,80 MB Dimensão 4000 x 3000 e uma Câmera DSC – HX200V. Tipo arquivo JPG. Tamanho: 6,90 MB/7,14 NB.

As entrevistas foram analisadas qualitativamente porque nossa intenção era comprovar a presença dos fenômenos linguísticos das africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] e do ditongo –ão [ãw] > [õ/õw] na fala nativa da cidade de Cáceres, assim como registrá-los, não quantificá-los. E, em segundo plano, como os falantes dessas variantes se comportam em relação ao uso delas. Sentem vergonha ou não?

Referências aos parâmetros para a seleção dos informantes já foram ditas.

3.3 Transcrição fonética de alguns dados

Para a representação fonética dos vocábulos, tal como eles são pronunciados, adotamos o Alfabeto Fonético Internacional (doravante – AFI). Os símbolos fonéticos encontram-se entre colchetes: [] , e o sinal indicador da sílaba tônica, o apóstrofo (') está colocado antes da sílaba mais tônica/forte > [i'dozu], [d'ɔlar] e, não antes da vogal tônica da sílaba como é usado em alguns mini-dicionários, Michaelis por exemplo, [id'ozu], [d'ɔlar]. Empregamos os símbolos [ɪ] e [ʊ] em palavras terminadas em -e e -o como: elegante > [ele'gãɪ], jogo > ['ʒogʊ] e [R] (fricativo, vibrante

³⁴ O Roteiro de Entrevista foi elaborado com base no questionário utilizado por Macedo-Karim (2012).

múltiplo ou velar, dependendo do dialeto) em vocábulos iniciados pelo /r/forte e intervocálico: refrigerante > [Refrize'rãfi/ Refridʒe'rãte/ɪ], morraria > [moRa'ria]. Para facilitar a compreensão do leitor/interlocutor, empregamos os símbolos africados [tʃ] e [dʒ] adotados por Palma (1980) e Macedo-Karim (2012), concomitantemente com os símbolos das africadas [tʃ] e [dʒ] do AFI:

chá > [tʃã/'tcha], já > [dʒa/'dja]. A respeito das semivogais ou glides, elas serão representadas pelo fonema [y] para a semivogal /i/ e [w] para /u/: pai > ['pay], pau > ['paw], pão > ['pãw], alto > ['awto], sol > ['sow] (os dois últimos em variantes dialetais do Brasil).

Além dessas observações, adotamos a Observação Participante (OP), modelo de pesquisa criado por Malinowski (apud Goldenberg, 2009) que consiste em entrevistas/escutas realizadas face a face, em que se exige, para que a pesquisa de campo seja bem sucedida, o convívio permanente do pesquisador na comunidade pesquisada, para que possa “impregnar-se da mentalidade nativa”, em outras palavras o pesquisador deve viver, falar, pensar e sentir como os nativos. Essa experiência sociocultural-histórica e linguística a vivenciamos como nativa, o que nos possibilitou realizar, entrevistas em menos tempo. (MALINOWSKI, apud GOLDENBERG, 2009)

Também utilizamos, quando necessário, para representar os risos, gargalhadas, entendimento as onomatopeias: rrsrs (risos); kkkk para gargalhadas; hum... significa que entendeu e, outros realizados por Macedo-Karim (2012, pp.65-66):

- reticências para pausas e pausas de vírgulas;
- parênteses para marcar trechos em que há dúvidas sobre o que realmente foi falado pelo entrevistado;
- parênteses duplos para marcar comentário do analista;
- alongamento de vogal (aa, ee, ii...);
- pausas preenchidas, hesitação ou sinais de atenção (eh, ah, oh, ih, ahã, mhm, etc.). (MACEDO-KARIM, 2012, pp.65-66).

CAPÍTULO IV

MICRORREGIÃO DO ALTO PANTANAL

4.1 Cáceres-MT: o locus da pesquisa numa perspectiva sócio-histórico-cultural

Na Mesorregião Centro-Sul do Estado de Mato Grosso, localiza-se a microrregião do Alto Pantanal composta por quatro municípios: Barão de Melgaço, Cáceres, Poconé e Curvelândia.



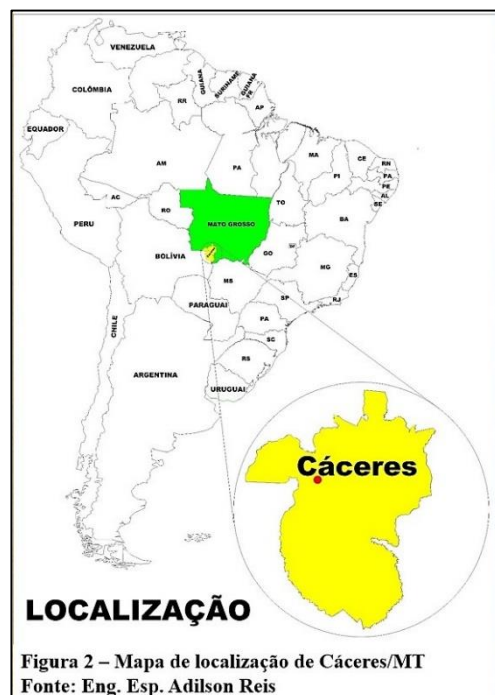
Figura 1: Representação cartográfica de localização das variantes linguísticas em estudo: bairros

O município de Cáceres (Fig.1), lócus da pesquisa, fica na região sudoeste do Estado de Mato Grosso, a 210 quilômetros da capital Cuiabá, com acesso pelas rodovias federais BR- 070 e BR – 174, pela rodovia estadual MT - 343 (Cáceres – Porto Estrela – Barra do Bugres). Limita-se com os municípios de Barra do Bugres, Curvelândia, Glória D’Oeste, Lambari D’Oeste, Porto Estrela e Mirassol D’Oeste (ao Norte), N. Sra. do Livramento (a Nordeste), Poconé (ao Sul e a Leste), Vila Bela da Santíssima Trindade (a Noroeste), a Lagoa de Uberaba (ao Sul) e, a Oeste, faz fronteira com a República da Bolívia (cidade de San Matias, a 90 quilômetros da cidade de Cáceres) e com o município de Porto Esperidião.

Sua área territorial abrange os distritos de Caramujo, Horizonte D’Oeste, Vila Aparecida e Nova Cáceres (antiga Sadia), totalizando 24.612 km². Conte (2006, p. 47), o considera “um dos maiores municípios brasileiros, e superior à área do Estado de Sergipe e quase cinco vezes maior que o Distrito Federal.” (CONTE, 2006, p.47).

População – Além das características físicas como: pele escura (parda), cabelos negros e lisos, às vezes cacheados, olhos pretos e/ou castanho-escuros e estatura mediana. Características, resultantes da miscigenação de brancos com os índios das antigas etnias locais (os caboclos), de negros com índios (cafuzos), de brancos com caboclos (mamelucos) ou com paraguaios e bolivianos que imigraram para a região em busca de trabalho. Mas um fato que nos chama a atenção é o linguajar nativo³⁵, considerado pelos migrantes e pelos próprios nativos a identidade do cacerense nato/“lidjitimu”. Em outras palavras, é a fala local que o distingue de outros brasileiros, ou seja, não é o biotipo o fator preponderante para a identificação do cacerense, mas o seu falar.

De acordo com o Censo de 2010 (IBGE), a população total do município de Cáceres é de 87.912 habitantes, sendo que 76.558 (87%) na zona urbana e 11.354 (13%) na zona rural.



³⁵ Consideramos nativo, o indivíduo nascido, criado e residente em Cáceres, ou que viveu a maior parte da vida no município de Cáceres, cujos ancestrais também são naturais do lugar.

4.2 Origem do nome Cáceres – MT

Etimologia - Cáceres, sobrenome de origem geográfica e cidade da Espanha. O termo vem do latim “**castrus**”, locativo de **castra**, designando acampamento, com síncope no “**t**” e com epêntese de um “**e**”. Era a Castra Caecilia dos romanos, do livro “Curiosidades Gramaticales”, 458, de Martines de la Vega (AN).

A denominação é uma homenagem a Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, um nobre português que governou Mato Grosso e que mandou fundar a Villa Maria do Paraguay, depois Villa de São Luiz do Paraguay, São Luíz de Cáceres, e pelo Decreto-Lei nº 208, de 26 de outubro de 1938, alterou a denominação do Município de São Luiz de Cáceres para Cáceres. (FERREIRA; SILVA, 2001).

4.3 Fundação de Cáceres - MT

A cidade de Cáceres, devido à fertilidade de suas terras, abundância de suas águas e outros atrativos, despertou o interesse de paulistas, nordestinos, mineiros, bolivianos, paraguaios, italianos e outros. Esse contato tão diversificado influenciou não só a linguagem, mas, também, as crenças, o comportamento, os valores, as tradições do nativo cacerense.

Cáceres, “A Princesinha do Paraguai”, nome carinhoso dado pelos cacerenses, fundada no século XVIII, em 6 de outubro de 1778 com o nome de Vila Maria do Paraguay, em homenagem a D. Maria I, rainha de Portugal, pelo Tenente de Dragões Antônio Pinto do Rego por ordem do Quarto Capitão-Geral de Mato Grosso, Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres³⁶. Cujo objetivo principal, sem menosprezar a fertilidade do solo regado por abundantes águas e cheio de pastagem, nas palavras de seu fundador “prenúncio de riqueza e prosperidade agrícolas”, e facilitar a comunicação e as relações comerciais entre os dois mais importantes centros populacionais da região mato-grossense, Vila Bela da Santíssima Trindade (então a capital de Mato Grosso) e Cuiabá, e com São Paulo, pelo rio Paraguai, era garantir a defesa e o incremento da fronteira

³⁶ Fidalgo português natural de Ladário, distrito de Viseu, ao Norte de Portugal. Governou Mato Grosso por 17 anos, 11 meses e 7 dias. Extraordinário administrador, organizou o censo populacional, tomou medidas higiênicas da ordem pública, do fomento agrícola e comercial, reparação de estradas e caminhos, proteção dos viajantes e defendeu, protegeu e resguardou o indígena de seus perseguidores, o homem branco. Também consolidou fronteiras, ocupando vazios demográficos.

sudoeste de Mato Grosso, assegurando assim a posse (o *Uti possidetis*)³⁷ das terras pertencentes à Coroa Portuguesa, conquistadas pelas Bandeiras.

De acordo com o historiador Januário, a cidade de Cáceres, localizada à margem esquerda do rio Paraguai, no ponto em que a estrada de Cuiabá a Vila Bela da Santíssima Trindade (antiga capital de Mato Grosso) atravessava o rio Paraguai, a princípio foi um entreposto criado em 1772 no governo de Luís Pinto de Souza Coutinho para registrar o ouro que por ali passava e evitar espoliações do meio-quinto, de que estavam isentos os moradores de Vila Bela da Santíssima Trindade. (JANUÁRIO, 2004).



Figura 3 – Representação da Praça Central de Villa Maria do Paraguai. NUNES, José Maria de Souza.
Fonte: Acervo Casa da Ínsua - Portugal

Com a mudança da capital do Estado para Cuiabá, em 1823, por decisão do Imperador D. Pedro I, Cáceres, de ponto intermediário entre os dois centros mais importantes Vila Bela da Santíssima Trindade e Cuiabá, se vê abandonada e entregue à sua própria sorte³⁸, ou seja, entregue a seus próprios recursos, abundantes no solo, na flora, na fauna, nos rios e nos pantanais; fatores preponderantes para o surgimento, em meados do século XVIII na Estrada Real que ligava Cuiabá a Vila Bela da Santíssima Trindade, da Fazenda Jacobina fundada a quarenta quilômetros de Vila Maria (Cáceres), pelo português Coronel de Milícias Leonardo Soares de Souza, um dos pioneiros da região. A fazenda prosperou tanto que, em 1827, era a maior e mais rica fazenda da Província,

³⁷ O *Uti possidetis* - Para garantir a posse e o progresso da povoação, necessitava-se de *gentes*. Para suprir essa falta, Albuquerque, acolheu cerca de 78 índios de ambos os sexos, desertores das províncias castelhanas dos Chiquitos e dos Moxos, que somados aos habitantes da Vila totalizavam 161 indivíduos (de ambos os sexos).

³⁸ Parece ser a “sina” do município de Cáceres porque isso acontece até os dias atuais. Cáceres vive/está alijada dos projetos políticos dos governantes.

com aproximadamente sessenta mil cabeças de reses, duzentos escravos e igual número de alforriados para os trabalhos dos canaviais, plantações de mandioca, feijão, cereais e café que abasteciam os núcleos adjacentes. Havia também engenho movido por força hidráulica.

Até 1856/1859, a fazenda Jacobina foi a responsável pelo desenvolvimento e subsistência de Villa Maria do Paraguai, que até 1827 não passava, como a descreveu Hercules Florense (1827) quando da sua passagem pelo local, de “dois renques de casas, em mau estado, de cada lado, uma grande praça, uma igrejinha sob a invocação de São Luiz de França, muros de separação por trás das casas, eis tudo.” (FLORENSE,1827, apud MENDES, 2009 p. 31-32).

Esta situação se reverteu a partir do desenvolvimento, via a navegação pelo rio Paraguai, do comércio com Corumbá (MS) e outras Praças. Outro fator crucial para o progresso da região foram as atividades agropecuárias e extrativistas com o surgimento de estabelecimentos industriais (fazendas Descalvados, Ressaca e Facão) representados pelas usinas de açúcar e as charqueadas.

A partir de 1860, Vila Maria do Paraguai alcança um crescimento extraordinário. Conforme Ferreira; Silva (2001), embora já contasse com sua Câmara Municipal, somente em 30 de maio de 1874, pela Lei nº 3, foi elevada à condição de cidade com o nome de São Luiz de Cáceres, em homenagem ao seu padroeiro São Luís de França, o Rei Luís IX, e ao seu fundador Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres. Em 26 de outubro de 1938, pelo Decreto-Lei nº 208, passa a denominar-se simplesmente Cáceres. (FERREIRA; SILVA, 2001).

4.4 Cáceres- MT e o Rio Paraguai





O rio Paraguai - Para a cidade de Cáceres, a sua fundação à margem esquerda do rio Paraguai foi/é um privilégio, pois até 1928 foi o rio, praticamente, a única via de comunicação entre Cáceres e as outras partes do mundo. A importância do rio não se restringe à navegação, mas foi através dele que povos de culturas diferentes para cá vieram, influenciando não só os costumes, mas também a linguagem do nativo. Por isso, a construção, em 22 de janeiro de 1928, do cais do porto, nomeado *Presidente Mário Corrêa*, foi um marco muito importante para a cidade. O meio de transporte da época mais utilizado pela população cacerense eram as lanchas (barcos a vapor) que partiam de Cáceres com destino a Corumbá (MS) e outras localidades, levando, além de passageiros, matérias primas de origem vegetal e animal (poaia ou ipecacuanha, borracha, charque, couro de gado vacum e de animais silvestres, etc), e voltavam carregadas de mercadorias finas (sedas, perfumes, cristais, louças, máquinas de costura da marca Singer, etc.) vindas da Europa. Dentre os barcos a vapor (“lanchas”), o Etrúria era o melhor, oferecia mais conforto aos passageiros, fazendo linha Cáceres – Corumbá (MS) – Montevideu (Uruguai), estabelecendo assim contato com outros povos, outras culturas, resultando na aculturação da região.

Sobre a importância do rio Paraguai e do vapor Etrúria, o médico cacerense Leopoldo Ambrósio Filho, o “Dr. Nito”, carinhosamente chamado pelos cacerenses, faz uma declaração³⁹:

³⁹ Mantivemos a escrita original como forma de homenagear o nosso Dr. Nito que cumpriu sua nobre missão, a de salvar vidas, senão pelo menos aliviar a dor do próximo.

É com doídas saudades, dessas que não nos abandonam mas, antes, vivem conosco, onde quer que estejamos, que escrevo esta crônica sobre o Etrúria que, para nós, foi, sempre, Cáceres sobre as águas do majestoso Paraguai. Mais de 60 anos sulcou êle o plácido rio, trazendo a própria vida para a nossa cidade, levando lágrimas de muitos que partiam e descarregando, aqui, alegrias de outros que voltavam. Se fôsse possível, por tanto que nos fêz e nos deu, o Etrúria deveria ter um monumento que falasse da gratidão da cidade e do povo. (AMBRÓSIO FILHO, 1968, p. 8).

Outro fato relevante para a cidade de Cáceres foi a construção, no início dos anos 60, da ponte Marechal Rondon sobre o rio Paraguai, facilitando-se, assim, a expansão em direção ao noroeste do Estado e ao Norte do País. Até então, a travessia do rio, de uma margem para outra, era feita em canoas, batelões e balsas. Com a construção da ponte, cresce assustadoramente o número de migrantes. Uns aqui permaneceram, outros seguiram em frente desbravando novas terras. Com eles vieram novos traços linguísticos, culturais e físicos que terminaram por influenciar não só a linguagem e a cultura locais, mas também as características físicas do nativo.



**Figura 6 – Antigo Porto Mário Corrêa.
Fonte: Acervo Eng. Esp. Adilson Reis.**

4.5 Cáceres-MT: passado e presente numa visão panorâmica.

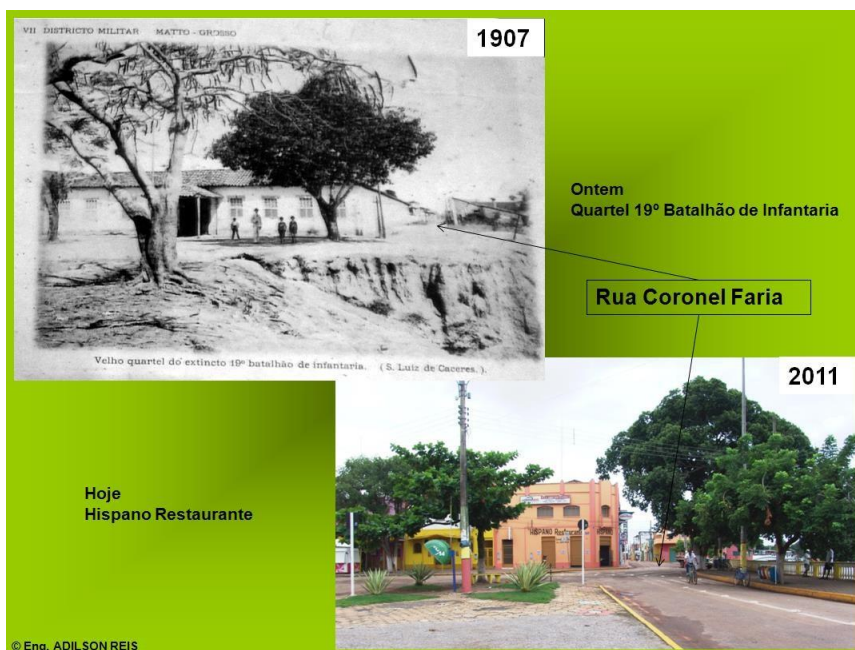


Figura 7: Cáceres-MT. Fonte: Eng. Esp. Adilson Reis

4.6 Centro Histórico: a Arquitetura



Figura 8 – Centro Histórico de Cáceres/Tombamento. Fonte: Acervo Eng. Esp. Adilson Reis

A maioria dos imóveis do Centro Histórico possui uma arquitetura eclética bastante rebuscada. Em outras palavras, segundo Araújo (2006, p.12), “Cáceres abriga, hoje, em seu Centro Histórico, exemplares únicos de estilo arquitetônico em Mato Grosso”. Dentre eles a Casa Rosa, “com suas janelas em estilo art-nouveau, ornamentadas com desenhos florais”(ARAÚJO, 2006, p.12), a Catedral São Luís, em estilo neogótico. Uma verdadeira réplica da Catedral de Notre Dame, em Paris - França; o Marco do Tratado de Madrid⁴⁰, de 1750 (no discurso do cotidiano designado de *Marco do Jauru*, devido a localização original, à margem direita do rio Paraguai, e próximo à barra do rio Jauru); o antigo prédio do Governo Municipal, inaugurado em 1929, desativado, até hoje, para reforma. Apesar de o Centro Histórico de Cáceres, devido à sua importância enquanto patrimônio urbanístico, histórico, artístico e arquitetônico, ser tombado de acordo com a Portaria nº 027/2002 do Tombamento Estadual e pelo Tombamento Federal Proc. nº 1542 – T- 07/DOU de 31/08/2010 como Patrimônio Cultural de Mato Grosso, alguns de seus imóveis foram reformados sem que houvesse qualquer preocupação com a preservação dos materiais ou com o estilo arquitetônico. Outros foram demolidos, para “dar lugar a edificações de dois pavimentos, alterando completamente a escala original do sítio histórico, que é de construções térreas”. (ARAÚJO, 2006, p.12-13).

Em alguns imóveis, sua beleza arquitetônica está praticamente encoberta por enormes placas de identificação de casas comerciais. Com essas atitudes, o Centro Histórico de Cáceres vai aos poucos perdendo suas características originais e com elas a memória de sua gente, seu passado, seu presente e futuro enfim, a história do povo cacerense.

4.7 Cáceres-MT: tradições socioculturais.

Cáceres, para Conte (2006, p.47), é “uma região de mosaico de culturas e também de fronteiras culturais, sofrendo influências andinas, amazônicas e das terras baixas sul americanas.” (CONTE, 2006, p.47).

Essa mescla de culturas influenciou sobremaneira, não só a língua portuguesa falada na região, mas também os costumes, as crenças, as lendas, as superstições, as religiões do povo cacerense. Em

⁴⁰ Marco de fronteira que definiu, conforme o Tratado de Madrid de 1750, os limites entre Portugal e Espanha. Foi construído em mármore de lioz, gravado por artífices europeus em forma de pirâmide quadrangular, com 20 palmos de altura. Apresenta, em duas de suas faces, as armas dos reinos de Portugal e Espanha e é encimado por uma cruz. Conforme Ferreira; Silva foi assentado na Praça da Matriz em 02 de fevereiro de 1883. (FERREIRA; SILVA, 2001)

Cáceres as festas, danças (cururu, siriri⁴¹, rasqueado), rezas, lendas, comidas e bebidas típicas são, praticamente, as mesmas das outras localidades mato-grossense fundadas no século XVIII, com ressalvas para a Festa de São Luiz e algumas comidas e bebidas.

A Festa de São Luís talvez a única em Mato Grosso se considerarmos a importância e a grandiosidade do evento. Realiza-se todo ano no dia 25 de agosto em homenagem a São Luiz (o rei Luís IX de França), Padroeiro da cidade, morto nessa data, na última Cruzada. Como dizem os mais idosos é dia de Santo de Guarda. Nessa data, além das cerimônias religiosas (missa e procissão acompanhada pela Banda do 2º Batalhão de Fronteira do Exército Brasileiro, há quermesse, um tipo de feira paroquial, com fins beneficentes, celebrada com grandes festejos: com barracas/barraquinhas ao ar livre, leilão de prendas doadas pelos paroquianos e devotos de São Luiz.

Na culinária cacerense, alguns tipos de comida possuem nomes diferentes dos nomes dados em outras localidades de Mato Grosso. Por exemplo, o arroz “maria isabel”, do cuiabano, é diferente do “arroz carreteiro cacerense” é feito de “otro djeitu”, como o cacerense fala, é mais corado, os pedaços de carne seca são maiores; “a farofa de “banana grande”, a banana é cortada em rodela e não em quadradinhos; “a modjica de pintado”, é “peixe ensopado”; “o risoto”, é “arroz silveira”; a bebida aluá/aloá cuiabano é feito com milho torrado e moído, açúcar, cravo/canela, já o aluá/aloá cacerense é feito em duas versões: uma idêntica ao aloá cuiabano, e a outra, à cacerense: aos ingredientes do aluá cuiabano acrescenta-se amendoim torrado e moído, talvez influência do “aluá de mani”, bebida boliviana feita somente com amendoim torrado e moído, e açúcar.

Às comidas encontradas em Cáceres, os portugueses e os paulistas, os primeiros colonizadores, acrescentaram o bacalhau, a sardinha, a carne e a gordura suínas, o azeite de oliva, a azeitona, o vinho, o chouriço (espécie de embutido à base de carne suína), rabada, rabanada, broas, biju (< fr. bijou = joia), vinha-d’alhos, sarrabulho (espécie de sarapatel), tripa (ou bucho/dobradinha com legumes), caldo verde (feito à base de couve, batata, bacon, cebola e azeite de oliva). Os três últimos são pratos tradicionais da culinária portuguesa.

Fazem parte, também, do cardápio cacerense a cabeça bovina assada, muito apreciada pelos

⁴¹ Trova cantada no Siriri (1): “Sinhá viuvinha/que vem do Belém/querendo casá mas [’nõw] / [’atʃa/’atcha] com quem/passei pra sua porta/a porta fe’fjõ/ fe’tchõ]/sereno da [’fjuva/’tchuva]” (MENDES, 2008). Trova (2): “O siriri, o cururu é a nossa [tradi’sõw]/Siriri [ba’tenu] [’parma]/Cururu de pé no [’fjõw]” (BAPTISTELLA, 1997).

nativos, e algumas comidas e bebidas herdadas do povo chiquitano da República da Bolívia como: o massaco, o marrau, a patasca, o locro, a saltenha e as bebidas “chicha” > [ˈtʃiʃa]/ [ˈtʃitʃa] e aluá de maní.

A comida cacerense também é fator de identificação do “cacerense le'djimu”, segundo os migrantes e os próprios nativos como podemos comprovar nas entrevistas realizadas. Talvez seja, o “DNA” do povo, porque o alimento sempre acompanhou o ser humano, independente de qual seja a sua língua. Há um aforismo que diz “Se você quiser conhecer um povo, coma a sua comida,” traduzido, mais ou menos, para o popular como “...se quiser conhecer quem é uma pessoa, coma um saco de farinha/de sal com ela.” Em outras palavras, a culinária é o retrato fiel de um país, tem uma representação antropológica importante, porque nela estão presentes as influências étnicas e culturais que enriquecem um povo. Por exemplo, dos guaranis herdamos a abóbora, o cará, o feijão, as várias espécies de batata, o amendoim, a mandioca e o gosto pelo milho e seus derivados: amido, a canjica, a quirela/quirera, o fubá, a farinha...; do povo Chiquitano, da República da Bolívia, nos vieram como já citamos, o massaco, o marrau, a patasca, o locro, a bebida chicha [ˈtʃiʃa], o aluá de mani, a saltenha, etc.

A respeito das lendas, existem três que os moradores mais antigos juram ser “fato e não boato”: a lenda do Pé-de-garrafa - Contam que o Pé de garrafa é um ser horrendo cujos pés têm o formato de fundo de garrafa. Para os mais idosos, ele habitava as matas virgens, e causava pavor aos caboclos que extraíam a raiz da poia (ipecacuanha). Muitas pessoas acreditam que esse ser é protetor das nossas matas.

O Minhocão, uma espécie de minhoca gigante, que vive no rio Paraguai. Há pescadores que juram ser verdade, falam até que já se depararam com esse monstro quando estavam pescando. Dizem que na época que não tinha água encanada para todos, as lavadeiras de roupas, profissionais que ganhavam a vida “lavando roupa de ganho”, como os antigos dizem. Como muitas delas não tinham com quem deixar os filhos, os levavam consigo. Contam que um menino, filho de uma dessas lavadeiras, o minhocão o pegou e sumiu com ele no rio Paraguai. Nunca mais souberam da criança.

O Cumbaru de Ouro – Dizem que sob um pé de cumbaru (uma árvore nativa) na Avenida Getúlio Vargas, aqui em Cáceres, havia um caldeirão de ferro cheio de ouro que um rico fazendeiro enterrou, mas não contou para a esposa nem para os filhos onde o enterrara. Então ele morreu e esse tesouro ficou enterrado sob o pé de cumbaru, mas como a notícia, como dizem corre,

começaram a procurar o tal caldeirão cheio de ouro. Dizem que um homem bem pobre e muito cristão, resolveu procurar o tal caldeirão de ouro. Umas pessoas dizem que ele achou o tal e ficou muito rico. Outros não acreditam....

Dentre essas lendas, conforme pudemos observar nas entrevistas, a mais conhecida é a Lenda da Serpente da Catedral ([“karte'da”], na fala do nativo). Segundo relatos, essa serpente é tão grande que a cabeça dela está no rio Paraguai e a cauda sob a Catedral São Luiz. Dizem que ela está amarrada com fios de cabelo de Nossa Senhora. Mas se as pessoas continuarem pecando esses fios poderão se arrebentar e ela comerá a população.

Outra lenda, muito comentada pelas pessoas mais idosas, é a da Porca do Pontilhão. Esse pontilhão era uma construção de madeira, hoje extinta, sobre um córrego que passava pela atual Praça Duque de Caxias, no centro da cidade. Conforme os moradores mais antigos, nas ruas/quarteirões próximos à praça havia muitos bordéis, e a prática do aborto era comum entre as meretrizes. Uma dessas mulheres morreu em pecado e foi condenada por Deus, a vagar por esse local na forma de uma porca, cujos filhos abortados eram os leitõezinhos que a seguiam. Então, todo ano, na Sexta-feira Santa, ela aparecia com seus filhotes para assombrar pessoas que não “guardavam” a Sexta-feira Maior.

Além dessas lendas, existem outras que povoam o imaginário do cacerense, mas pertencem também ao folclore de outros lugares do Brasil. Por exemplo: a Lenda da Mula sem Cabeça, do Saci Pererê, do Curupira, do Lobisomem, do Negrinho do rio e tantas outras por esse Brasil a fora.

CAPÍTULO V

CÁCERES-MT: UMA COMUNIDADE COM TRAÇOS LINGUÍSTICOS DO PORTUGUÊS ARCAICO

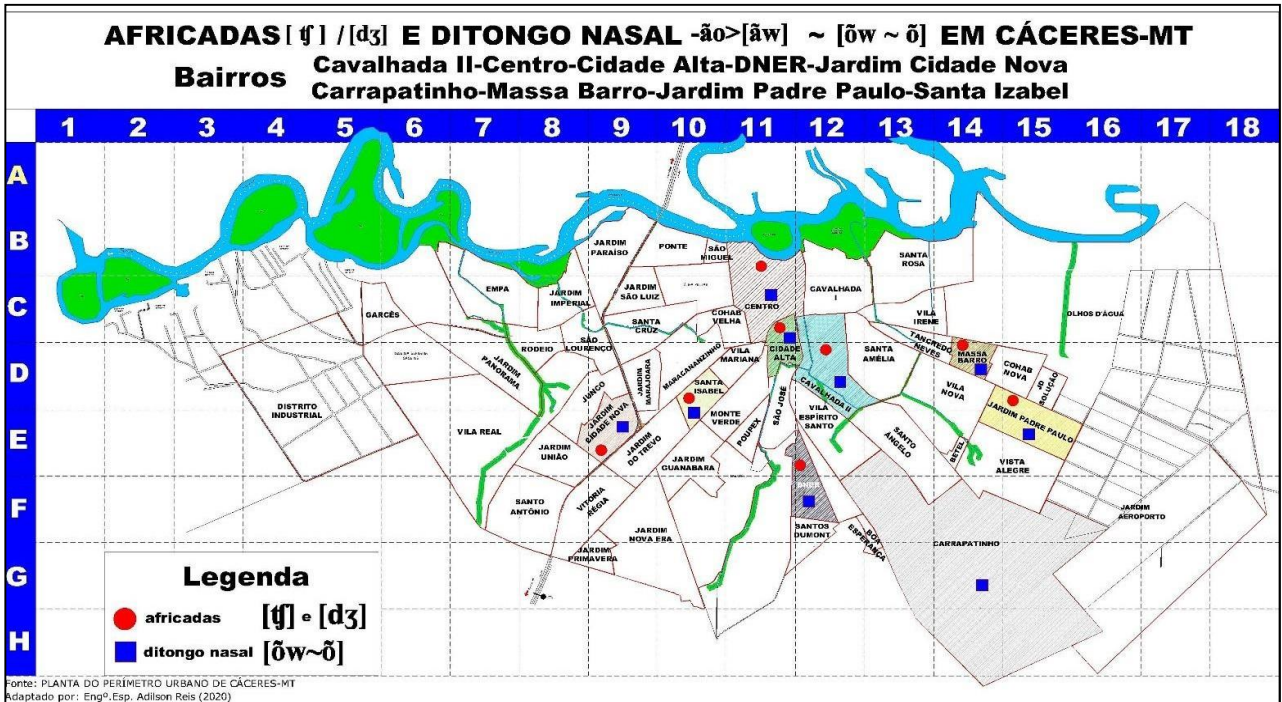


Figura 9: Representação cartográfica das Africadas [tʃ] e [dʒ] e do ditongo nasal -ão > [ãw] ~ [õw ~ õ] em nove bairros de Cáceres-MT.

O português falado na região de Cáceres possui dois traços fonético-fonológicos característicos da Região do Minho - Norte de Portugal - o português arcaico, uma língua que, segundo Ilari; Basso (2006, p.24), corresponde ao “período que vai da formação do Estado português até o apogeu das navegações” compreendido entre os séculos XII e XVI. (ILARI; BASSO, 2006, p. 24). Fenômenos linguísticos pouco explorados na literatura linguística do Brasil, por isso desconhecidos pela maioria dos brasileiros. Para os migrantes e para os próprios cacerenses, como já foi dito, esses traços são considerados identificadores do falar cacerense porque é, através deles, que os não nativos e os próprios nativos reconhecem se uma pessoa é ou não, cacerense. Esses fenômenos linguísticos, objeto de nossa pesquisa, são a permuta da terminação nasalizada do ditongo -ão > [ãw], em coda final, por [õ/õw]: cão > [kõ/õw] e as africadas alveopalatais [tʃ/tch] e [dʒ/dj] em contexto diferente das demais regiões brasileiras. Em outros termos, as africadas alveopalatais [tʃ/tch] e [dʒ/dj] ocorrem no lugar das fricativas [ʃ] e [ʒ], como em: chalé > [tʃa'le/tcha'lé], xale >

[ˈtʃale~ɪ/'tchale~ɪ]; gelo > ['dʒelo~ʊ/'djelo~u], jaca > ['dʒaka/djaca], etc. (Transcrições e Grifos nossos).

A análise das variações fonéticas/fonológicas: as africadas alveopalatais [tʃ/tch]e [dʒ/dj] e a permuta da terminação do ditongo nasal -ão [ãw] em coda final, por [õ/õw] características do português arcaico, presentes na fala de nativos da comunidade de Cáceres-MT, é um estudo de fenômenos linguísticos sincrônicos, mas numa abordagem diacrônica (histórica), cujo objetivo é investigar os processos históricos, linguísticos e extralinguísticos constitutivos dessas variantes como, também, identificar a origem dessas variações linguísticas e investigar os movimentos histórico-sociais que determinaram a vinda e a preservação desses traços linguísticos no falar cacerense.

O *corpus* utilizado, para a análise, constitui-se do conjunto de dados coletados (como já foi mencionado) em entrevistas. Também utilizamos palavras da obra *Os Lusíadas*, de Camões; trechos de textos do período arcaico da língua portuguesa (cantigas, testamentos, etc.), palavras recolhidas de programas de televisão realizados em Portugal pelo canal Mais GloboSat como “A hora do vinho”, com a apresentadora Cecilia Aldaz (Sommelière) nos quais aparecem palavras e expressões que estão presentes na fala do cacerense, assim como pratos típicos portugueses que fazem parte do nosso cardápio, provas vivas da presença portuguesa em Cáceres; a técnica de Observação Participante - OP, extremamente útil na coleta de dados do linguajar pesquisado. Ou seja, através de conversas informais e escutas de conversas espontâneas entre as pessoas, em repartições públicas (em filas), consultório médico, ruas e praças (vendedores ambulantes), feiras (vendedores, sitiantes, compradores), lojas (atendentes, fregueses), restaurantes (garçons, clientes), postos de gasolina (frentistas, clientes), festas tradicionais (festeiros, devotos, cururueiros...), pela televisão (brasileira e portuguesa), ocasião em que pudemos colher dados fidedignos sobre as peculiaridades linguísticas do “cacerense [le'dʒitimo/ʊ/le'djitimo/u]”. (Fala de um dos entrevistados).

Esses traços linguísticos estão presentes não só no município de Cáceres, mas também, em outras localidades mato-grossenses fundadas no século XVIII, que ficavam na rota de navegação como Cuiabá, Alto Paraguai e Diamantino, e nas comunidades adjacentes ao município de Cuiabá.

As africadas alveopalatais [tʃ/tch]e [dʒ/dj] também existem em outras regiões brasileiras, mas em contextos diferentes, por exemplo: tia > ['tʃia/'chia], dia > ['dʒia/'djia] do paulista, do carioca e outros; muito > ['muʃʊ/'mutchʊ], peito > ['peʃʊ/'petchu], do baiano; o ['tʃe/'tchê] do gaúcho, a

gíria ['tchurma], [tchere'rê] da Balada Tchê Tchê Rere, do cantor Gustavo Lima, que no caso do cantor e da gíria não são “marcas” do linguajar dessas pessoas, como acontece nas comunidades mato-grossenses onde elas são variantes do português brasileiro.

Além das variantes mencionadas, percebemos outros usos linguísticos na fala dos entrevistados isto é, outras características fonéticas, lexicais e morfossintáticas que serão apresentadas posteriormente.

5.1 Variantes linguísticas identificadoras do falar nativo da Princesinha do Paraguai: uma discussão fonética/fonológica.

Optamos por iniciar a nossa argumentação pelos traços linguísticos, considerados identificadores do falar nativo da comunidade de Cáceres-MT, as africadas alveopalatais [tʃ/tch] e [dʒ/dj] e a permuta do ditongo nasal -ão [ãw], em coda final, pelo monotongo [õ] < [ãw]: cão > [kõ] e pelo ditongo decrescente nasal [õw] < [ãw]: cão > [kõw]. Na sequência abordamos sucintamente os outros fenômenos linguísticos presentes no “falar cacerense.”

De acordo com Cagliari (1989, p.81), as línguas se transformam com o tempo. Em seu percurso elas evoluem, sofrem mudanças e com o tempo vão adquirindo características próprias “em função do seu uso por comunidades específicas” que também se transformam com o passar do tempo. Esses traços peculiares (modos diferentes de falar) de uma comunidade de fala são denominados variedades/variações/variantes/dialetos, pela Sociolinguística. O que diferencia uma variante de outra, conforme Cagliari (1989, p.81), não é a estrutura linguística, mas “os valores sociais que seus membros têm na sociedade.” Daí, não existir uma variante melhor ou pior que outra; não há o certo e o errado linguístico, mas o diferente. (CAGLIARI,1989, p.81).

Para Cagliari (1989, p.81), com o advento do rádio e da televisão criou-se um novo conceito de fala de prestígio, principalmente, a fala formal da televisão que está influenciando a fala das pessoas e comunidades.

O foneticista acrescenta que a variação linguística não resulta apenas da evolução histórica dos idiomas e de suas origens locais, geograficamente delimitada. Também não é “específica da sociedade estratificada à maneira de classes sociais e grupos étnicos”, mas também da atitude linguística de um único indivíduo, em diferentes circunstâncias da vida dessa pessoa, independente da classe social ou local a que pertença. (CAGLIARI,1989, p.81).

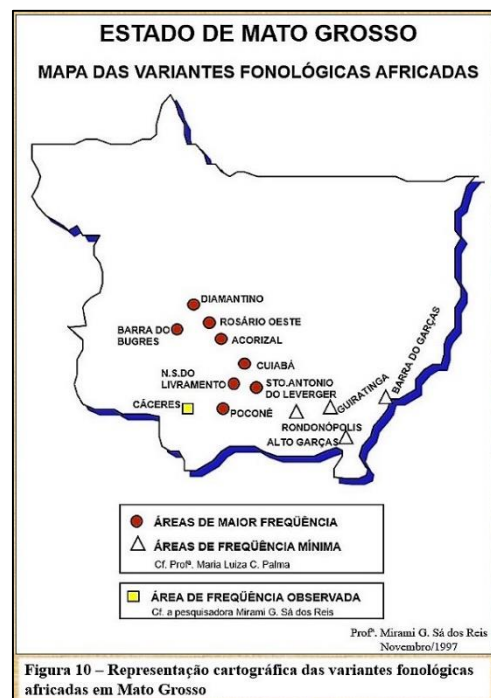
A língua portuguesa falada na região de Cáceres possui dois traços linguísticos, pouco explorados na literatura linguística do Brasil, considerados identificadores do falar cacerense, uma vez que, segundo os migrantes, turistas e os próprios nativos são eles a verdadeira identidade da fala nativa. É esse falar peculiar, diferente [ˈpõ/ˈpõw], [ˈʃuva], [ˈpeʃe/ɾ], [ʃuˈRaʃko/ʊ], [kaˈdʒu] que “denuncia” o cacerense. Estranho para alguns, esquisito, diferente para outros. Em outras palavras, o falar cacerense é marcado pelas africadas alveopalatais [tʃ/tch] e [dʒ/dj] em contexto diferente das demais regiões brasileiras e pela terminação nasalizada [õ/õw] em vez de [ãw]. Mas esse falar incomum, por isso desconhecido pela maioria dos brasileiros, tem uma razão de ser, enfim, uma história. Sobre esse dialeto existem estudos realizados em Mato Grosso, por Silva (1921), Drummond (1978), Palma (1980, 2005), Póvoas (1982), Arruda (1998), Santiago-Almeida (2000, 2005...), Silva (2000), Bisinoto (2007), Macedo-Karim (2012). Mas, ainda, é carente de estudos específicos, sobretudo nos seus aspectos histórico-sociais.

5.1.1 Africadas alveopalatais surda[tʃ/tch] e sonora [dʒ/dj].

Este estudo está alicerçado em quatro estudiosos, dentre outros, das variantes africadas alveopalatais, Palma (1980), Teyssier (1984), Santiago-Almeida (2005) e Camara Jr. (1985).

Nas palavras de Palma (1980), o fenômeno linguístico das africadas alveopalatais ocorre em vários municípios de Mato Grosso, com maior e mínima frequências.

Segundo a autora, esses traços linguísticos acontecem com maior frequência em Cuiabá, Poconé, N. Sra. do Livramento, Santo Antônio do Leverger, Acorizal, Rosário Oeste, Barra do Bugres e Diamantino; e em grau mínimo de frequência em Rondonópolis, Guiratinga, Barra do Garças e Alto Garças. (PALMA, 1980, p.45). (Mapa ao lado)⁴².



⁴² Mapa de autoria do Eng. Adilson Reis, em novembro de 1997.

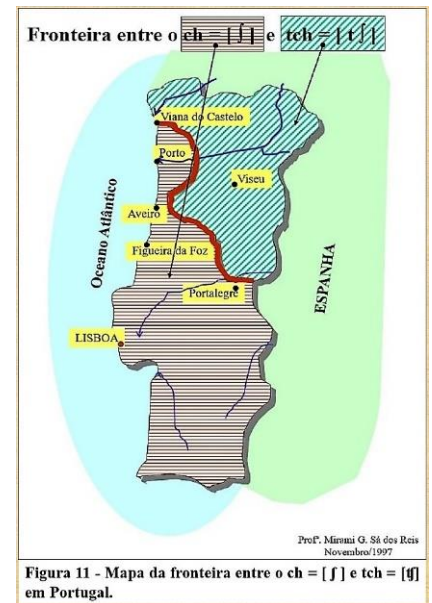
Mas, apesar de os municípios de Cáceres e de Porto Esperidião, naquela data, não constarem da lista de Palma (1980), essas variantes, também já ocorriam nestas localidades, assim como o ditongo nasal -ão [ãw] permutado por [õw/õ], na boca do nativo.

De acordo com Teyssier, a africada alveopalatal surda [tʃ/tch], data da segunda metade do século XIII (1ª fase do português arcaico), quando se estabelecem certas normas ortográficas, fato suscetível de ser comprovado no testamento de Afonso II (1214), período em que o dígrafo /ch/ para a africada [tʃ], na atualidade [tʃ/tch], já era utilizado. Exemplo: Sancho > ['sãtʃ > 'ʃu/'sãtʃu], chus ['tʃ > 'ʃuz/'tʃuz], consoante diferente da fricativa [ʃ], modernamente [ʃ], à qual se aplica a grafia *x*. O fonema [tʃ > tʃ/tch] de origem francesa, já era utilizado em Castela com o mesmo valor. Exemplos: chaga ['tʃ > 'ʃaga/'tʃaga], ancho ['ãtʃ > 'ʃo/'ãtʃo]. Mas a partir do século XVI, o fonema [tʃ] perde o seu elemento inicial e se confunde com [ʃ], e o /ch/ de 'chama' ['tʃ/'ʃama], passa a ser pronunciado [ʃama] como o 'x' [ʃ] da palavra *deixar* [dey'ʃar]. Em outras palavras, a africada alveopalatal surda [tʃ > tʃ/tch], grafada *ch*, que se distinguia da simples [ʃ], escrita *x*, passa a ser pronunciada [ʃ]. (Grifos e transcrições nossos).

Quanto à africada alveopalatal sonora [dʒ], no presente [dʒ/dj], Teyssier sustenta que a pronúncia das consoantes surdas *g* ou *j*, correspondia a uma única sonora [dʒ > dʒ/dj] como nas palavras *já* ['dʒa] e *trager* [tra'dʒer] que, em determinado momento, perdeu o seu elemento oclusivo inicial e passou à fricativa alveopalatal sonora [ʒ] > [ʒ]. Embora as duas africadas

alveopalatais [tʃ/tch] e [dʒ/dj] tenham perdido seu elemento oclusivo inicial, a oposição entre os dois pares de fonemas continua a manter-se porque o ponto de articulação dessas africadas alveopalatais não era o mesmo. No caso do fonema [tʃ/tch], a perda do do seu elemento inicial acarreta a confusão com o fonema [ʃ].

Mas, apesar de o fonema [tʃ] passar a [ʃ] e se tornar a norma da língua comum, a antiga pronúncia permanece na maioria das províncias do Norte de Portugal. Como podemos observar, no mapa ao lado,⁴³ a linha que separa a região onde [tʃ > tʃ/tch] se confundiu com [ʃ],



⁴³ Mapa adaptado pelo Eng. Esp. Adilson Reis, em novembro de 1997.

da região em que eles permanecem distintos, isto é, começa ao sul de Viana do Castelo, segue paralela ao litoral, deixando a oeste a cidade do Porto, reaproxima-se do litoral ao norte de Aveiro, atravessa depois todo o País, seguindo em linha sinuosa que encontra a fronteira espanhola ao norte do distrito de Portalegre. Pequenas ilhas do [tʃ/tch] subsistem no interior da zona do [ʃ], o que ocorre, por exemplo, perto de Figueira da Foz – foz do Mondego. (TEYSSIER, 2004, p.32- 59).

A respeito da ocorrência e permanência das africadas alveopalatais [tʃ/tch] por [ʃ] e [dʒ/dj] por [ʒ] que, segundo a literatura linguística, são fonemas pertencentes ao período arcaico da língua portuguesa, permanecem, ainda, na expressão oral de muitos cuiabanos e de nativos das cidades de Cáceres⁴⁴, Alto Paraguai e Diamantino, que serviam de rota à navegação, única forma de chegar à região na época, era transmitida de pai para filho e assim foi mantida durante anos porque, conforme Santiago-Almeida (2005), certamente encontrou nessas comunidades um ambiente propício/fertilizado principalmente pelas línguas indígenas, em particular o Boróro, que possuem tais fonemas.

Em relação à influência da língua Boróro, em nossos estudos sobre as consoantes africadas alveopalatais [tʃ/tch] e [dʒ/dj] do alfabeto fonético da língua Boróro (Cruz, 2012), e das línguas indígenas estudadas por Rodrigues (2002), nos permitem dizer que as consoantes africadas alveopalatais presentes, tanto na língua Boróro quanto nas línguas estudadas por Rodrigues (2002), não acontecem no mesmo ambiente das africadas alveopalatais “cacerenses”, se levarmos em consideração as grafias ch e x para [tʃ/tch] e j (a,e,i, o,u) e g (e, i) para [dʒ/dj].⁴⁵ (Grifos nossos).

Camara Jr. (1985, p.55) atesta que nos subsistemas dialetais existem quadros fonológicos que muitas vezes divergem do português padrão. Por exemplo, a africada ‘ch’ em Trás-os-Montes, em Portugal, assim como “a africada /tʃ/, em dialetos brasileiros, estendendo-se até a toda área do /ʃ/, que fica eliminado; ou, ao contrário, /ʃ/ substituindo a /s/, tanto em dialetos de Portugal (Norte) como no Brasil (zona de Goiás e Mato Grosso)”. (CAMARA JR.,1985, p.55).

As africadas alveopalatais [tʃ/tch] e [dʒ/dj] seguidas da vogal oral ‘i’ ou nasal ‘ĩ’, presentes

⁴⁴ Para o pesquisador Souza (2020) Cáceres-MT faz parte da Rota da Escravização.

⁴⁵ Fenômeno, também, observado pelo aluno Aparecido Ferreira do 3º Semestre de Letras 1999/1, residente na cidade de Porto Esperidião-MT.

na fala do nativo da cidade de Cáceres-MT, acontecem onde os segmentos fricativos [ʃ e ʒ] acontecem na maioria das outras variantes do português brasileiro. Ou seja, as africadas “mato-grossenses” [tʃ/tʃh] e [dʒ/dʒh] correspondem à pronúncia de palavras grafadas com ch e x, como nos exemplos da tabela fonética elaborada por Silva (1999, p. 59) e, adaptada por nós, em que comparamos a pronúncia de Cáceres com as pronúncias de Belo Horizonte e de Cuiabá, e o ambiente onde a africadas alveopalatais “mato-grossenses” ocorrem.

Tabela 5. As Variantes Africadas [tʃ/tʃh] e [dʒ/dʒh].

Contexto/Ambiente	Belo Horizonte	Cuiabá	Cáceres
chá	[ʃa]	[tʃa]/[tʃha]	[tʃa]/[tʃha]
acha	[aʃa]	[a'tʃa]/[atʃha]	[a'tʃa]/[atʃha]
já	[ʒa]	[dʒa]/[dʒha]	[dʒa]/[dʒha]
haja	[aʒa]	[adʒa]/[adʒha]	[adʒa]/[adʒha]
chia	[ʃia]	[tʃia]/[tʃhia]	[tʃia]/[tʃhia]
agia	[ʒia]	[dʒia]/[dʒhia]	[dʒia]/[dʒhia]
tia	[tʃia]	[tia]	[tia]
dia	[dʒia]	[dia]	[dia]

Em Cáceres, os segmentos africados [tʃ/tʃh] e [dʒ/dʒh] ocorrem em contextos diferentes das demais regiões brasileiras, isto é, não se realizam como nas regiões Sudeste, Norte e Nordeste do Brasil, onde as oclusivas [t] e [d] seguidas da vogal ‘i’ oral ou nasal ‘ĩ’ se manifestam como africadas alveopalatais [tʃ/tʃh] e [dʒ/dʒh] como em [tʃia/tʃhia], [tʃĩta/tʃhĩta] e [dʒia/dʒhia]. No “falar cacerense”, as oclusivas [t] e [d] seguidas de ‘i’ ou de ‘e’ final são pronunciadas como segmentos oclusivos [t e d]. Isto é, apresentam as pronúncias [tia] < tia e [dia] < dia. Fato observado na fala dos entrevistados quando em nenhum ambiente as oclusivas [t/d] manifestaram-se como segmentos africados [tʃ/tʃh] e [dʒ/dʒh]. Por exemplo: “Os antigo falava do lobisome, um catchorrõw preto.” “Credú!!!, Vooti! Deus nos livri”, “Ah!...rsrsrs..., nossa casa era de tchõw batidu, depois meu pai cimentô.”, “É uma tchacra confortavél, é de tidjolu, tem ar condicionadu. Bõw, ela podi tem dinheru.”, “Gostu de doci de leyti.” (Grifos nossos).

Cagliari (2002), Callou; Leite (2003) e Silva (1999), a respeito das africadas alveopalatais [tʃ/tʃh] e [dʒ/dʒh] presentes na fala das regiões Sudeste, Norte e Nordeste do Brasil, comentam:

Para o foneticista (2002) os fonemas /t/ e /d/ realizam-se alofonicamente com as variantes

alofônicas [tʃ/tch] e [dʒ/dj] diante de [i] e com [t] e [d] nos demais ambientes, isto é, diante de uma vogal diferente de [i]. Isto é, para Cagliari, os fonemas /t/ e /d/ realizam-se com os alofones [tʃ/tch] e [dʒ/dj] somente diante da vogal /i/ e com [t] e /d/, nos demais contextos, conforme regra formulada, por ele, para a africada surda [tʃ/tch]:

$$\begin{array}{l} tʃ \quad / \text{_____} i \\ /t/ > \\ t \quad / \text{nda (nos demais ambientes)} \end{array}$$

Cagliari (2002, p.43) sustenta que “[tʃ/tch] ocorre sempre diante de vogal anterior fechada [i] e [ɪ] e nunca diante de outra vogal ou consoante. Por outro lado, o [t] nunca ocorre diante de vogal anterior fechada e sempre ocorre diante de outro tipo de vogal ou de consoante”. (CAGLIARI, 2002, p. 43).

Supomos que o linguista esteja falando das africadas surda [tʃ/tch] e sonora [dʒ/dj] quando seguidas da vogal átona /e/, adotada em nossas transcrições como [ɪ], em final de palavra. Por exemplo: leite > [leytʃi/leytɕɪ], longe [lõdʒɪ].

Callou; Leite (2003, p. 59) referem-se às consoantes oclusivas /t/ e /d/ como fonemas que “apresentam uma variação sistemática a depender do contexto fônico e da região do país.” Citam como exemplo, o Rio de Janeiro onde “cada uma dessas consoantes apresenta diante da vogal [i] uma realização palatalizada, podendo realizar-se como africada” (CALLOU; LEITE, 2003, p.59).

Para as autoras, “a descrição da alofonia constitutiva dos fonemas /t/ e /d/ do dialeto carioca seria feita do seguinte modo:

$$\begin{array}{ll} [tʃ] \text{ ocorre diante de /i/} & [dʒ] \text{ ocorre diante de /i/} \\ /t/ & /d/ \\ [t] \text{ ocorre nos demais ambientes} & [d] \text{ ocorre nos demais ambientes} \end{array}$$

Uma descrição por elemento e processo, expressa formalmente por meio de regras de reescritura do tipo

$$t \rightarrow [tʃ] / _ > i,$$

que se lê ‘t é reescrito tʃ quando precede a vogal i’, ficava restrita aos processos de natureza histórica.” (CALLOU; LEITE, 2003, p. 59).

De acordo com o “gráfico-resposta” elaborado por Callou; Leite (2003) para a africada [tʃ], construímos um similar para a africada sonora [dʒ], uma vez que não consta da obra das autoras.

/d/ > [dʒ] > i, que se lê ‘d é reescrito dʒ quando precede a vogal ‘i’, ficava restrita aos processos

de natureza histórica.

Silva (1999, p. 57), referindo-se à ocorrência da palatalização de /t/ e de /d/ seguidos da vogal átona ‘e’ em final de palavra (-e), comenta que: “O que condiciona a ocorrência dos segmentos africados [tʃ/tch e dʒ/dj] nos dialetos que apresentam a palatalização de oclusivas alveolares é o fato da vogal imediatamente seguinte ser [i], [(embora ortograficamente a vogal possa ser registrada como e, conforme “bate”, “arde”)]. (SILVA, 1999, p. 57). (Grifos da autora).

Em Cáceres, para os falantes dos segmentos africados [tʃ/tch e dʒ/dj], a palatalização ocorre nos ambientes mencionados por Silva (1999), com uma ressalva, sobre a palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ seguidas de -e, pronunciada [i] em final de palavra, como em ‘dente’ e ‘pente’ > [ˈdẽtʃi], [ˈpẽtʃi]. Mas em outros casos, em que a vogal -e (final) é pronunciada [e], não acontece a palatalização (as africadas). Por exemplo, nas palavras ‘pente’ e ‘onde’, a pronúncia é [ˈpẽte], [ˈõde], não [ˈpẽtʃe/ˈpẽtche], [ˈõdʒe/ˈõdje].

Também, esclarecemos que, em Cáceres-MT, até o momento, inclusive em nossas entrevistas⁴⁶, não percebemos, a palatalização de /t/ e /d/ antes de /a/ e /o/ como na pronúncia das africadas baianas⁴⁷, ou seja, nos decursos -it- e -id- do português padrão, em que, frequentemente, desaparece o segmento condicionador /i/, como em “oito” > [ˈotʃu/ˈotchu], muito > [ˈmutʃu/ˈmutcho], prefeito > [preˈfɛʃu/preˈfɛtchu], peito > [ˈpɛʃu/ˈpɛtchu], doido > [ˈdodʒu/ˈdodju], etc.

As oclusivas /t/ e /d/ seguidas da vogal i/ĩ (oral ou nasal) como em: tinta > [ˈtʃĩta/ˈtchĩta], tipo > [ˈtʃĩpu/ˈtchipu]; ou da vogal ‘e’ em posição de coda final de palavras. Por exemplo: trote > [ˈtrõtʃi/ˈtrõtchi], onde > [ˈõdʒi/ˈõdji], as africadas alveopalatais surda [tʃ/tch] e a sonora [dʒ/dj], nesse ambiente, não são 100% correntes no falar cacerense. As oclusivas /t/ e /d/ permanecem como segmentos oclusivos [ˈtʃi/ɔ], [ˈtrõtʃe/ɪ], [ˈõde/ɪ], principalmente entre pessoas sem ou baixa escolaridade e, supomos, com idade acima de cinquenta anos.

⁴⁶ “...criei no tchá de **paratudo**...”, “...eu sei contá daquele **sufriemento**.”, “A pobreza nũ é **defeito** né? Porque aqui na **direita** razon nũ era por **prefeito** saí de lá prá limpá, mas pobreza, o povo nom aguento...” (M2 MJO); “...porque a bem da verdade, cacerense e poconeau é **tudo** iguá, é a mesma djente.”, “...non tinha **muita** violência como odje...” (MIERN).

As pronúncias [paraˈʃudʒu/paratchudju], [sufriˈmẽʃu/sufriˈmentchu], [deˈfeyʃu/deˈfeitchu], [diˈreyʃa/diˈreitcha], [preˈfeyʃu/preˈfeitchu], [ʃudʒu/ˈtchudju], [ˈmutʃa/ˈmutcha], nunca ouvimos em Cáceres-MT.

⁴⁷ Silva Neto refere-se à palatalização das consoantes oclusivas dento-alveolares no decurso -it do dialeto baiano como um traço importante do consonantismo desse dialeto. O -it se palatizou numa africada que é ts: “dessarte uma palavra como *oito* se pronuncia *otsu*, muito profere-se *mutsu* e assim por diante. Devemos lembrar que o mesmo traço de pronúncia se documenta nos falarea crioulos portugueses”. (SILVA NETO, 1979, p.625). (Grifos do autor). Santos (2012), por sua vez, afirma que as “africadas baianas”, como é chamada essa palatalização para os decursos -it e -id, são registradas quando a semivogal palatal alta está presente na sílaba anterior, ocorrendo com frequência o desaparecimento do segmento condicionador, como em: muntcho (= muito) e otcho (= oito).

É importante chamar a atenção para o fato de as africadas alveolopalatais surda [tʃ/tch] e sonora [dʒ/dj] presentes no “falar nativo” de Cáceres só ocorrerem onde os fonemas fricativos [ʃ] (grafado ‘ch’ ou ‘x’) e [ʒ] (grafado ‘j’, diante de qualquer vogal, e ‘g’ seguido de ‘i’ ou ‘e’) se manifestam nas outras regiões brasileiras.

Em nossas entrevistas atentamos para o fato de o falante que pronuncia [ˈʃuva/ˈtchuva], [ˈʃikra/ˈtchikra], [kaˈdʒu/kaˈdju], [dʒaˈnela], [ˈdʒelo~ʊ/ˈdjelo~ʊ], [ˈdʒira/ˈdjira] não fala [ˈʃuva], [ˈʃikara], [kaˈzu], [ʒaˈnela], [ˈʒelo~ʊ], [ˈʒira]. Portanto, as africadas alveolopalatais cacerenses [tʃ/tch] e [dʒ/dj] em distribuição complementar com as fricativas [ʃ] e [ʒ] caracterizam um fenômeno de alofonia. A africada surda [tʃ/tch] ocorre antes de todas as vogais orais ou nasais e a africada sonora [dʒ/dj] quando representada pela letra ‘j’, também, ocorre antes de todas as vogais orais ou nasais, mas quando representada pela consoante ‘g’ ocorre somente antes das vogais ‘i’ e ‘e’ orais ou nasais. Vejamos:

Ambiente: “falar nativo” de Cáceres-MT

/ch/ x/ —————> [ʃ] —————> [tʃ/tch] —————> [a, e, i, o, u] . Lê-se [tʃ/tch] ocorre diante de **qualquer** vogal oral ou nasal.

Exemplos: acha > [ˈatʃa/ˈatʃa], cheque > [ˈtʃɛke~ɪ/ˈtʃɛke~ɪ], xicra > [ˈʃikra/ˈtchikra], choque > [ˈtʃɔke~ɪ/ˈtʃɔke~ɪ], chumbo > [ˈtʃũbo~ʊ/ˈtchũbo~ʊ].

/j / —————> [ʒ] —————> [dʒ/dj] —————> [a, e, i, o, u] . Lê-se [dʒ/dj] ocorre diante de **qualquer** vogal oral ou nasal.

Exemplos: caju > [kaˈdʒu/kaˈdju], janela > [dʒaˈnela/djaˈnela], gelo > [ˈdʒelo~ʊ/ˈdjelo~ʊ], girá > [ˈdʒiˈra/djiˈra], jogo > [ˈdʒogo~ʊ/ˈdjogo~ʊ], julho > [ˈdʒuɫo~ʊ/ˈdjuɫo~ʊ], jambo > [ˈdʒãbo~ʊ/djãbo~ʊ].

/g/ —————> [ʒ] —————> [dʒ] —————> [i, e]. Lê-se [ʒ] ocorre diante das vogais ‘i’ e ‘e’ orais ou nasais.

Exemplos: agir > [aˈdʒir/ aˈdjir], gente > [ˈdʒɛte~ɪ/ˈdjɛte~ɪ]. (Transcrições e grifos nossos).

Amaral (1920, p.22) sobre o “ch” e o “j” palatais diz que “são explosivos, como ainda se conservam entre o povo em certas regiões de Portugal”. (AMARAL,1920, p. 22). Nas localidades portuguesas, onde ocorrem as palatais [tʃ] e [dʒ], interpretamos que a pronúncia dessas africadas, conforme Amaral (1920), corresponde à pronúncia da palavra inglesa “chief” > [ˈtʃiːf] e da palavra italiana “cielo” > [ˈtʃɛlo], para a primeira; e “majesty” [ˈmædʒəsti] (inglês) e “genere” [ˈdʒenere] (italiano) para a segunda. Como Amaral (1920) não faz referência às palavras grafadas com ‘g’

seguida de ‘i’ ou ‘e’, acrescentamos que no português brasileiro, falado em Cáceres-MT, possui a mesma pronúncia da letra ‘g’, em italiano: ‘giara > [‘dʒiaRa], gelo > [‘dʒelo], generale > [dʒene'rale]. (Transcrições e grifos nossos).

Ainda a respeito das africadas [tʃ/tch] e [dʒ/dj], Mota; Rollemberg(1997) atestam que essas africadas, comumente identificadas como ‘africadas baianas’, nos falares baiano, alagoano e sergipano ocorrem depois de semivogal palatal alta da sílaba precedente (nos decursos -it- e -id- da norma padrão do português), registrando-se com frequência, o desaparecimento do segmento condicionador ‘i’, como em [‘mũʃu/‘mutchu] < muito, [‘oʃu/‘otchu] < oito, [‘dodʒu/‘dodju] < doido e [‘peʃu/‘petchu] < peito. (MOTA; ROLLEMBERG,1997).

Silva Neto (1979), ao referir-se às “africadas baianas,” diz que os falares crioulos portugueses possuem a mesma pronúncia delas.

Cintra; Cunha (1985) mencionam que a pronúncia africada palatal [tʃ/tch] da grafia ch (emitido como fricativa [ʃ] na pronúncia padrão e em quase todos os dialetos centro-meridionais) está presente na maior parte dos dialetos portugueses setentrionais e na totalidade dos dialetos galegos: [‘ʃave/‘tchave] < chave, [a‘ʃar/a‘tchar] < achar em vez de [‘ʃave] e [a‘ʃar]. (Transcrições nossas).

Hauy (1989), assim como Teyssier (1984), afirma que esse fenômeno linguístico é característico da primeira fase do português arcaico quando se fazia perfeita distinção entre a pronúncia do dígrafo *ch* e a pronúncia do grafema *x*, por isso, raramente havia confusões gráficas na escrita desses fonemas, como acontece no português atual.

De acordo com Teyssier, a grafia dessa variante é passível de ser comprovada em documentos e poesias do período arcaico do idioma português, como, já mencionado.

Já Huber atesta que “No Norte de Portugal ainda hoje se pronuncia o *ch* como o esp. *ch*, ital. *ce* (mas não como o alemão *tsch*), enquanto “no Sul de Portugal, a partir do Mondego e ao norte deste rio, ao longo da costa litoral, quase por toda a parte até Viana” (Cornu § 133) o *ch* soa aproximadamente (não inteiramente) como o francês *ch* (cf. G. Viana, in *România XII*, 46 e 72). (HUBER, 1986, p.100).

Mattoso Camara Jr. afirma que nos subsistemas dialetais “há quadros fonológicos muitas vezes divergentes do português padrão. Basta citar, em Portugal, a africada *ch* em Trás-os-Montes (...). Também a africada /tʃ/, em dialetos brasileiros, estendendo-se até a toda área do /ʃ/, que fica eliminado; ou, ao contrário, /ʃ/ substituindo-se a /s/, tanto em dialetos de Portugal(Norte) como do Brasil (zona de Goiás e Mato Grosso)” (MATTOSO CAMARA JR.,1985, p.55).

Rodolfo Ilari (1992, p.250), ao referir-se às variedades de sujeitos não-escolarizados (sic) do português do Brasil (PB) falado, cita “a conservação das africadas [tʃ] e [dʒ], comuns igualmente ao Norte de Portugal, e a ocorrência delas como variantes de [ʃ] e [ʒ] em Mato Grosso.” (RODOLFO ILARI, 1992, p. 250).

Para Santiago-Almeida (2000), a ocorrência das africadas [tʃ] e [dʒ] por [ʃ] e [ʒ] respectivamente, segundo a literatura linguística, são fonemas pertencentes a um ou mais períodos do idioma português. Portanto, supomos que foram trazidos pelos colonizadores, como é o caso do fundador de Cáceres, o Capitão-General Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, oriundo do Distrito de Viseu, ao Norte de Portugal, onde, conforme estudiosos, já mencionados, as africadas, ainda, são faladas, ou seja, permanecem na expressão oral dessas localidades portuguesas e no falar nativo cacerense, assim como na fala nativa de outras comunidades mato-grossenses fundadas no século XVIII.

A respeito da africada [tʃ], Malmberg (1954) afirma que essa pronúncia ocorre em certas regiões do Minho ou das Beiras.

Mais recentemente, na opinião de Lagares; Monteagudo (2012), a consoante [tʃ] passa a [ʃ], em palavras como *chave*, *choro*, *fechar*, *encher*, uma inovação que se originara no Centro-Sul de Portugal a partir do século XVII e que passa à língua padrão de Portugal no século XVIII, mas o galego mantém a antiga africada, igual aos dialetos portugueses setentrionais que mantiveram a variante conservadora até o século XX.

Ainda, conforme, os autores, a africada [tʃ] existe, como dialeto, em São Paulo e Mato Grosso, fenômeno que foi atribuído ao contato com o Tupi. Hipótese não aceita pelos dois autores. Para eles, essa hipótese não procede, é inverossímil porque “como poderia acontecer que por influência de línguas indígenas se recuperasse a pronúncia antiga [tʃ] a partir da inovadora [ʃ]” para a pronúncia de palavras como *chave*, *cocho*. (LAGARES; MONTEAGUDO, 2012, p. 91).

5.1.2 A permuta do ditongo nasal -ão [ãw], em coda final, por [õ/õw]: uma discussão de dados e resultados.

Neste subtítulo, retomamos nossas discussões de dados e resultados sobre as terminações nasalizadas [õ/õw] > [põ/põw] usadas no lugar de [ãw] > [pãw], que, também, são traços linguísticos identificadores do “falar nativo” de Cáceres-MT.

Para Carvalho; Nascimento (1969), no latim clássico havia três ditongos: **-ae**, que na sua

passagem para o português simplificou-se, um tendência do latim vulgar, em é: caelu > céu; - **au** que permaneceu em algumas palavras do português: audace > audaz e, em outras transformou-se em -**ou** com em: tauru > touro, e, sem que haja explicação fonética alterna-se com o ditongo - **oi**: ouro > oiro, cousa > coisa, louro > loiro. Já o ditongo -**oe**, na sua passagem para o português, sofre monotongação > ê: poena > pena, foeno > feno. Destes, permanecem na língua portuguesa os ditongos **au** e **ou** ~ **oi**. No entanto, no português há muito mais ditongos que se formaram na fase evolutiva dos romances (origem românica) como é o caso dos ditongos: -**ai** que resultou da síncope de um fonema consonantal, no interior da palavra: vanitate > vaidade e da transposição de um fonema para outra sílaba (hipérese): rabia > raiva; -**oi** resultante da vocalização de um fonema consonantal no interior da palavra; nocte > noite, regnu > reino; -**ei** que pela epêntese de uma semivogal desfez o hiato (a-re-a) transformando-se em ditongo > areia; e pelo fechamento (oclusão) de timbre das vogais **e** e **o** passam a **i** e **u**: malo > mao > mau; velo > veo > véu; amatis > amades > amaes > amais.

Sobre o ditongo nasal final -ão [ãw], do português moderno, Carvalho; Nascimento (1969) afirmam que ele representa as formas do português arcaico *am, ã, om, õ*, correspondentes às terminações latinas -anu, -ane, -one, -udine, -ant, -unt. Por exemplo: veranu > verão; pane > pão; ratione > razão; solitudine > solidão; dant > dão; sunt > são. (CARVALHO; NASCIMENTO, 1969, pp. 54-55). (Grifos nossos).

Silva (2006, p.71), referindo-se a esse assunto, afirma que “durante o período arcaico que começa a processar-se a ditongação das vogais nasais /õ/ e /ã/, em posição final de nomes e verbos.” SILVA, 1991, p.74; 2006, p.71).

Para a autora (1991, 2006), essa ditongação converge na direção do ditongo [ãw], do latim -one, -ane e do etimológico -anu (como em mão < manu), que já no século XVI é típica do diletto padrão português e possivelmente de dialetos do sardo. No entanto, há dialetos populares do Norte de Portugal em que o ditongo [ãw] resulta em [õũ], com uma etapa anterior [õ], que segundo Silva (2006) alterna com o ditongo [õw] tanto para os derivados -one, como de -ane e -anu. Por exemplo: -one (leone > leon > leõ > leão), de -ane (panis > pane > pon > pão) e -anu (veranu > veron* > verão). Como no falar cacereense “..**nõ** naci aqui, mas consideru que sô cacereense porque criei aqui e...”; “se **nõ** tem dinheiro **nõ** atcha...” (M1 ERN); “Sim, uma filha de criaçõw”. (F2 AMS). (SILVA, 1991, p.74, 2006, p.71). (Grifos nossos).

Ainda sobre esse assunto, Silva (1991, 2006) reconhece que essa convergência no dialeto

padrão já existia desde a segunda metade do século XV, passível de ser comprovado em poesias do Cancioneiro Geral de Garcia de Rezende, onde palavras oriundas das três origens (-one, -ane e -anu) rimam indiferentemente, enquanto no Cancioneiro Medieval galego-português, nas Cantigas de Santa Maria, ocorre excepcionalmente a rima -am (< lat. -ane) e -ão (< lat. -anu), cujos dados sugerem os limites cronológicos dessa mudança que levou à convergência em ditongo nasal, vogais nasais distintas ([ã], [õ]). (SILVA, 1991, 2006).

A respeito da alternância do ditongo decrescente nasal final [ãw] para a vogal nasal simples fechada [õ], variação linguística registrada no falar da comunidade de Cáceres-MT, a pesquisadora Silva (2000), detecta, na cidade de Cáceres-MT, a presença do ditongo [ãw] que alterna com sua etapa anterior [õ]. Um fator importante observado pela autora é que o processo de alternância/substituição atinge todas as classes gramaticais, “mas é na negativa, representada pelo não, que a variante [ãw] incide com maior frequência”. (SILVA, 2000, p. 96).

A autora (2000), também, revela que o processo de substituição em relação à variável tonicidade silábica aplica-se tanto às palavras oxítonas quanto às monossilábicas, cabendo a estas a maior incidência da forma variável [ãw]. Fato, também, observado por nós quando das entrevistas realizadas em nove bairros de Cáceres, como podemos perceber nas falas de nossos entrevistados: “...**nõ** < não) naci aqui, mas consideru que **sõ** (< **sou**) cacerense porque criei aqui e tenho **sastifaõ**” (< satisfação); “se **nõ** tem dinheiro **nõ** atcha...” (< não...não); “Sim, porque naquela época **nõ** tinha luz direto como odje”. (< não); “**Nõ** existia o tar de **ladrõw**” (não...ladrão). (M1 ERN); “Sim, uma filha de **criaçõw**.” (< criação). (F2 AMS). (Transcrições e Grifos nossos).

Silva (2000) conclui sua pesquisa/estudo, afirmando que “os índices globais da análise da variação do segmento /-ão/ na comunidade de Cáceres, sinalizam para um quadro que caminha para uma mudança em favor da variante [ãw] e conseqüente desaparecimento do [õ]”, causado pelo contato direto com a fala de migrantes das mais diversas regiões do Brasil. (SILVA, 2000, p.97).

Retomando o assunto sobre a ditongação das vogais nasais /õ/ e /ã/, em posição final de nomes e verbos, Maia (1986) atesta que já no século XVI, no português literário e na língua culta do centro de Portugal, as terminações -anu > ão, -one > -on, -ane > -an, já se tinham uniformizado em -ãõ, e, que “a pronúncia -õ era tida pelos gramáticos da época como característica da região interamnense”. (MAIA, 1986, p. 604).

Observemos essa uniformização, nos excertos 1 e 2⁴⁸:

1 - Poesia lírica “Vilancete II” que, de acordo com Vasconcelos, pertence ao século XVI: “Se esperanças inda i houvesse/Que por tempos se faria/Que ãa ora me **não** temesse, /Isto me satisfaria;/Mas eu **não** sei por que via/Se possa fazer que assi/**Não** moura como vivi”.

2- Fragmento do texto “Do que passou Palmeirim de Inglaterra em companhia da donzella que o leuaua cõsigo”, do séc. XVI: [...] a sua pressa **não** consentia nenhũ repouso...Assi passar**ão** todo aquelle dia & noite se repouso nenhũ leuãdo ja as caualgaduras tã cãsadas q **não** se podi**ão** bulir, ao outro dia pela manhaã quando a alua rompia, passar**ão** pelo pee de hum castello... (VASCONCELOS,1970, p.103). (Grifos nossos).

Quanto à explicação sobre a ditongação de [õ], [ã] em [ãw], conforme o estudo comparado das línguas românicas, não há regras fonéticas estabelecidas que as explique. O que existe refere-se somente à ditongação [ãũ], não levando em consideração a variante [õũ], de atuais dialetos considerados “fala de matuto”, “fala de bugre”, “fala de gente sem estudo”, “arcaizante” e “regional”, ou seja, uma variante não prestigiada/não padrão.

Essa variante [õũ] já no século XVI foi recusada pela norma, ou seja, considerou-se como pronúncia de prestígio o ditongo nasal [ãũ] em detrimento da realização [õũ]. Esta variedade, na cidade de Cáceres-MT, percebemos, ainda, é considerada como “português estropiado”, “fala de gente atrasada, sem estudo”, “fala de bugre”, etc.

Teyssier (2004), outro estudioso dessa variante, atesta que por volta de 1500, todas as palavras do português, primitivamente terminadas “em -an (-am) e -on (-om) convergiram para uma só terminação em -ão. Como “é o caso das formas verbais tônicas: dan > dão, cantarán > cantarão (futuro), son > são; e as formas verbais átonas: cantáran > cantárão > cantaram (mais-que- perfeito); cantarón > cantaram (pret. perfeito)”. O mesmo ocorre com o advérbio *entón* e a negação *non* (antes apenas sob a forma tônica) que passam a *então* e *não*. (TEYSSIER, 2004, pp.55-56). (Grifos do autor).

Para o linguista (2004), apesar de a tendência a se pensar que as duas explicações são igualmente verdadeiras e que se completam, não há uniformidade de opiniões entre os estudiosos da língua sobre as causas dessa transformação. Uns consideram-na uma “evolução puramente

⁴⁸ O fragmento 1, “Vilancete II”, foi transcrito da obra de José Leite de Vasconcelos “Textos Arcaicos”, 5 ed., p. 102. No que se refere à autoria, está confuso. Quanto ao excerto 2, transcrito do Novo Manual de Língua Portuguesa, F.T.D. – Curso Complementar: gramática histórica (1926, p. 610) não consta o autor.

fonética e outros, resultado de ações analógicas complexas”. (TEYSSIER, 2004, p.56).

O autor (2004) diz, ainda, que na realidade, o ditongo -ão já era geral em Portugal. Essa evolução ocorreu no português do Centro-Sul e só em uma parte no português do Norte, mais precisamente no Minho. Onde as antigas palavras terminadas em -on não passam a -ão, mas a [õu] como em [trubõu] < trovão, [ferrõu] < ferrão, chegando esta categoria a absorver as antigas palavras em -an [kõu] < can (arc.) > cão. (TEYSSIER, 2004, p.56).

Já nos estudos de Santiago-Almeida (2005, p. 79), a variante [ãw] é um ditongo decrescente nasal que no falar cuiabano “apresenta-se com seis formas distintas: [ãw], [õw], [õ], [ã], [ũ], [u]”, ou seja, além da conservação do ditongo [ãw] > [ĩtãw] < então; [lãpiãw] < lampião, conserva-se o ditongo ão, mas realizado como [õw]: [vio'lõw] < violão; [ij'tõw] < estão; [fo'gõw] < fogão e, reduz-se os ditongos ão/am a [õ], a [ã], a [ũ] e a [õ]/[u]: [grava'sõ] < gravação; [ĩ'tõ] < então; ['falã] < falam; [nũ] < não; [no'tarõ] < notaram”. (SANTIAGO-ALMEIDA, 2005, p. 79). (Grifos nossos).

Ainda sobre o ditongo -ão, Santiago-Almeida (2005) declara que nos manuscritos do século XVIII registram-se apenas ocorrências da forma **-am** ao lado de **-aõ**. (SANTIAGO-ALMEIDA, 2005, p. 79).

Essas ocorrências estão registradas no “Diário da viagem de Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres de Lisboa para o Rio de Janeiro (1771 e 1772)” do qual transcrevemos alguns trechos: “hum capit**am** tenente e hum capel**ão**...”; “ tempo claro pela manh**am** se avistav**ão** humas baleas...”; “...pela manh**am** ainda 4- navios da nosa conserva apareci**ão**.”; “Aparecer**ão** alguns gafanhotos e huns passarinhos piquenos.”; “Vir**ão**oce muito bando de avoadores.”; “...apanharam muitas cachorras as 8 horas da noite deo hum furac**ão** de vento...”; “Mar ch**ão**, deu o capit**am** palmatoada em 3 mosos.” Daí supormos que a forma **-am**, no século XVIII, já se realizava [ãw] como na pronúncia atual. (Grifos nossos).

Em Cáceres, no falar nativo, durante as nossas entrevistas e em observação participante (OP) constatamos a presença das formas [õw], [õ], [ã], [ũ], [u] idênticas às do falar cuiabano, estudadas por Santiago-Almeida (2005). Vejamos alguns exemplos transcritos dessas entrevistas:

(MIERN) - “...o paderu detchava os [põ], brutel**õ** de p**õ**)” (< pão, brutelão de pão); “[N**õ**] existia o tar de [ladr**õw**]...” (< não, ladrão). “N**õ** tinha muita violência como odje.” (< não), “As festa de tradis**õ** daqui era o siriri e o cururu.” (< tradição), “... S**õw** Luís que é o padroero daqui, mas antigamente tinha otras festa de santu como de S**õw** Binidito, S**õw** J**õw**, S**õw** Sebasti**õw**.” (< são). “O cacerense n**õ** é artu.” (< não).

(M2MJO) - “Oia **nũ** triminei o estudu...” (< não); “...se o pantaná entchesse o gado ia todo prá esses rincõ...” (< rincão), “Antigamente era melhor, mas era muito dificutroso, né? Odje saio daqui e **vô** armoçá em Cuiabá, antigamente ia a cavalo durava sete dia. Tinha que levá sua matulinha na lata, a paçoca. Odje melhorô.” (< vou, melhorou). “Ah!...**vô** comê um petche” (< vou); “...atchar**õw** eu competente pro trabaio . (< acharam). “Eles me eledjeru capacitado prá quarqué trabaio, eles me atchar**ũ** (< elegeram, acharam),...”. “A djente **nũ** podi sair do estilo que a djente é.” (< A gente **não** pode...). Esse processo não ocorre quando o falante responde somente “Não.” Por exemplo, se perguntar ao falante “Você viu a minha bolsa?” Resposta: “Não.” Neste caso, ainda, não ouvimos “Nũ”. Mas se ele acrescentar outra palavra à resposta, como ‘Não vi’ > **Nũ** vi.”

(F2TDA) - “Petchi? **Nũ** como muito porque aqui é muito caru prá djente comprá” (< não). “**Nũ** é feito **cũ** mandioca porque a gente...” (< não...com). “Djá pesquei muĩĩtu, odje **nũ** pesco mais porque o rio é lõdje” (< não). “Eu atcho que é mintira porque a overa, o ovo dele é uma bola de lado a lado ent**õw** aquilo quando bota é muito petchinho, é muito petche, **nũ** vai acabanu assim fácil. É que eles **nũ** sabe pescá. < então, não, não). “...o piso era de cupi massava cupi e djogava água e djogava areia e batia no tch**õw** com uma tora de pau, aí ficava liso.” (< chão). “...aí diz que quando mata porco é djogá as tripa no rio prá **now** rebentá a corrente” (< chão). “Nós **nũ** fala carne de sol, a djente fala carne seca”. (< não). “Putchero prá nós é ensopad**ow**, sop**õw**”. (< ensopadão, sopão). “Nũ senti, nem dor de cabeça.” (< não). “..., **nũ** sei porque **nõw** **vô** na festa.” (< não, não, vou). (Transcrições e Grifos nossos).

Percebemos, também, que algumas pessoas na pronúncia da palavra “irmã” dizem “irmá”, em outros casos “ermá” (OP). Ou seja, em “irmá” houve a desnasalização da desinência -ã < irmã. No segundo caso, ocorre primeiramente a permuta da vogal alta anterior ‘i’ pela vogal média-alta anterior ‘e’. Já no final da palavra ocorre a desnasalização da vogal nasal [ã]: irmã > ermá/ irmá.

Santiago-Almeida (2005), assim como Silva (1991, 2006), atesta que o ditongo nasal decrescente português [ãw] e suas formas no plural são alterações das terminações latinas -anu, -ane e -one. Ou seja, nas terminações -anu (pl. -anus) ocorreu a síncope do ‘n’ e a nasalação da vogal precedente: anu > ão (manu > mão; pl. anus > ãos: manus > mãos). Já no caso das terminações -ane e -one, além da síncope do ‘n’ e da nasalação da vogal precedente, houve a apócope do ‘e’ com ‘em’: -ane > -ã, que se neutralizou em -ão (pane > pã > pão, pl. -anes > ães: panes > pães); -one > om/on/õ que também se neutralizou em -ão (notione > noçon > noção; pl. -ones > ões: notiones > noçõs > noções), cujas formas intermediárias e arcaicas, como: can (arc.) > cão; coraçõn (arc.) >

coração; aman (arc.) > amam; amaron (arc.) > amaram, são passíveis de comprovação nos manuscritos setecentistas.

Huber (1986), ao tratar da nasalização do *o* antes do N latino, afirma que já no Cancioneiro Geral - CG de 1516, provavelmente em fins do século XV as desinências latinas -anu, -ane e -one já estavam reduzidas a -am = -ão, como podemos observar nas rimas: a) -anu com -one vilaão: coraçam (I, 396); b) -anu com -ane > mão: Joham (II, 356) e c) -one com -ane > tençam : pam (III, 583). (HUBER, 1986, pp. 63-64).

Quanto ao sufixo latino -tudine que também evoluiu para o ditongo -ão, na opinião de Huber (1986), passou pelas seguintes fases: *-doẽ > -dom (port. mod. -dão).

Portanto, o ditongo final -ão [ãw] do português moderno representa as formas -am, -ã, -om/on, -õ do português arcaico, correspondentes às terminações latinas -anu, -ane, -one, -udine, -ant, -unt presentes nas palavras: ver**anu** (ver**ão**), pane (p**ão**), oratione (oraç**ão**), multitud**ine** (multid**ão**), dant (d**ão**), sunt (s**ão**).

Vasconcellos (1956, pp. 135-136) (sobre as fases evolutivas do ditongo nasal -ão elabora o seguinte esquema:

	1	2	3	4	5	6
Época A (lat. vulg.):	-one	-udine	-anu	-ane	-onu	-ana
Época B (pré e proto-hist.):	*-õe	-õe	-ão	*-ãe	-õe	-ãa
Época C (até o séc. XIV):	-õ	-õe, -õ	-ão	-ã	-õo	-ãa
Época D (séc. XIV-XV):	-õ, *-õo	-õe, -õ, *-õo	-ão	-ão	-õo, -õ	-ãa, -a
Época E (do séc. XV-XVI em diante):	-ão	-ão	-ão	-ão	-õ	-ã

e, nos chama a atenção para o fato de que “a fase⁴⁹ ‘õo’ está ainda hoje representada no falar interamnense e talvez em parte do beirão (costumo escrever -õu para maior clareza)”. Nesses falares, conforme o autor, “o povo confunde os ditongos, e diz por exemplo põu por pão, bão por bõ; tal confusão resulta de influência da língua literária, porque os rústicos, ouvindo dizer aos cultos

⁴⁹ O mesmo -om > (-õ) que “continua a viver em galego hoje; (...) ficou também em parte de Entre Douro e Minho e da Beira, mas, pelo menos no Baixo-Minho e no Baixo-Douro, evolucionou em -õu, como actualmente se diz.” (VASCONCELLOS, 1956, p.133).

pão e bom, como que se corrigem.” (VASCONCELLOS, 1956, pp. 135-136).

O filólogo (1956, p.136) acrescenta que “o moderno ditongo -ão tem não só a origem indicada nas tabelas 1 a 4, mas ainda outras: alçapão, por alça + põe, foi tirado do plural alçapões, por causa da correspondência entre -ões e -ão; alivanhão provém de a linha vã; Requião do germânico-latino Riquilani. Além d’isso o sufixo -ão, do lat. -anus, pode juntar-se a nomes que não são de origem germânica, o que se vê em aldeão, derivado de aldeã, nome arábico.” (VASCONCELLOS, 1956, p. 136).

5.2 Outros traços linguísticos na linguagem nativa de Cáceres-MT

Apresentamos algumas peculiaridades lexico-morfossintáticas e semânticas do português brasileiro, em uso na fala de nove bairros da cidade de Cáceres. São vocábulos e expressões vivenciados no nosso cotidiano e exemplos transcritos de entrevistas realizadas com falantes nativos. Os entrevistados estão representados pelas iniciais F ou M (sexo) e dos nomes. Por exemplo > (M1ERN), e os obtidos em operação participante, usamos a sigla OP.

Dentre os traços linguísticos observados, temos:

1 - Harmonização vocálica do fonema ‘o’ final para ‘u’, causada pelo alçamento da vogal média-alta [o] em posição postônica. Este tipo de alçamento, segundo Silva (2015, 49), “...é sistemático e presente em praticamente todas as variedades do português brasileiro”. Por exemplo: [povu] < povo, [ratu] < rato, [venenu] < veneno, [quedju] < queijo; [sussegadu] < sossegado, [empregu] < emprego, [poconeanu] < poconeano, [bordoadu] < bordado, [puluídu] < poluído, [toca-discu] < toca-disco. (M1ERN); “nu” < no, sitiu < sítio, atchu < acho, gostu < gosto, matu < mato, muitu < muito, preferidu < preferido, caru < caro, pintadu < pintado, batidu < batido, barru < barro, etc. (F2TDA). (Grifos nossos)

2 - Harmonização vocálica do fonema ‘o’ medial para ‘u’, resultante do alçamento da vogal média-alta [o] em posição pretônica: [musquitu] < mosquito, [sussegadu] < sossegado, [acustomadu] < acostumado, [puluídu] < poluído. (M1ERN); “Quando eu era criança i iscutava essas história num **c**unsiguia **dur**mi, era a noiti interinha sem **dur**mi cum medu **duz** bitchu” (F1MGPS). (Grifos nossos).

Amaral (1920, p. 23) afirma que “a mudança de ‘o’ para ‘u’ só se manifestou em Portugal, ao que parece, a partir do sec. XVIII”. (AMARAL, 1920, p. 23).

3- As palavras proparoxítonas transformam-se em paroxítonas. Segundo Amaral, “nos vocábulos exdrúxulos, a tendência é para suprimir a vogal da penúltima sílaba e mesmo toda esta,

fazendo grave o vocábulo: [ridico] < ridículo, [legite] < legítimo, [cosca] < cócega”. (AMARAL, 1920, p. 23).

Este tipo de ocorrência encontramos na fala do entrevistado (MIERN): ‘ledjimu’ < legítimo, ‘abóbra’ < abóbora. Isto já acontecia no latim vulgar porque a tendência da fala popular era o uso das paroxítonas. Por exemplo, a palavra calda (port. paroxítona) < calda (lat. vulgar, paroxítona) < calīda (latim clássico, proparoxítona).

4- Nasalização das vogais ‘i’ e ‘e’ nas sílabas pretônicas: “inguá” < igual (Amaral (1920, p. 23); “indentidade” < identidade, “indioma” < idioma, “inlegal” < ilegal (MIERN); “inzame” < exame (OP); “inzempro” < exemplo (AMARAL, 1920, p. 23); “inzempro” < exemplo (M2MJO).

Para Amaral, “a nasalação de *e* inicial seguido de *x* é fenômeno observado em tempos afastados da língua: enxame < examen, enxada < exada, enxempro < exemplo” (AMARAL, 1920, p. 23).

5 - Assimilação regressiva - Mudança do fonema vocálico ‘e’ medial em ‘i’ (fonema semelhante): “piqueno” < pequeno; “minina” < menina, “pirigo” < perigo, “piqui” < pequi (M1PCS).

6- Dissimilação – substituição de ‘i’ por ‘e’: “vezinho” < vizinho, “mesturada” < misturada, “rezão” < razão, “peor” < pior (M2MJO). Em sua gramática de 1536, Oliveira registra algumas dissimilações como: “memorea” < memória, “deferête” < diferente, “carpenteiro” < carpinteiro, “menenice < meninice, “estoreador” < historiador’. Nas entrevistas, percebemos estas pronúncias: ‘eu fez’ < eu fiz (verbo no pretérito perfeito do indicativo, primeira pessoa do singular), “Vergina” < Virgínia. (OLIVEIRA, 2000).

De acordo com Amaral (1920, 23), “O caipira ainda conserva, como remanescente **do que aprendeu dos portugueses**, a este respeito” (AMARAL, 1920, p.23). (Grifos nossos).

7 - Síncope da semivogal ‘u’ e ‘i’ nos ditongos ‘ou’, ‘ei’ e ‘ai’ gera a monotongação: “otro” < outro, “otras” < outras, “pexe” < peixe, “paderu” < padeiro, “padroero” < padroeiro, “primero” < primeiro (M2MJO); “demas” < demais, “mas” < mais (MIERN).

Oliveira (2000), também fala a respeito desse traço linguístico considerado uma das características do latim vulgar, a monotongação resultante da síncope da semivogal ‘u’ como ocorreu com os vocábulos orivez < ourives; aurum (lat. clássico) > orum (lat. vulgar) > ouro (português atual).

8- Apócope/supressão da consoante /r/ na desinência do infinitivo dos verbos: “escamá”

<escamar, “corrê” < correr, “í” < ir ; e em final de sílaba de outras classes gramaticais: “artá” < altar, “melhó” < melhor, “Daqui uns dia eu vortu pra capi...” < “Daqui uns dias eu volto para carpir...”, “A djente podia andá até artas horas sussegadu” < “A djente podia andar até artas horas sussegadu” (M1ENR); “tremô” < tremor, (M2MJO).

9- Apócope da consoante lateral alveolar [l] em final de palavras: “iguá” < “igual”, “catedrá” < “catedral”, “sá” < “sal”, “djorná” < “jornal”, “quintá” < “quintal”, “Precisa mudá...ter mas hospitá pra atendê o pobre” < “Precisa mudar...ter mais hospital para...”, “...o pessoar de fora tá acabanu, vem leva até petche piquenu...” < “...o pessoal de fora...pequeno.” (M1ERN); “ Festa tradicioná” < “festa tradicional” (M2MJO); “Moro no Taquará” < “Taquaral” (M1PCS). (Transcrição e grifos nossos).

10 -Permuta da consoante lateral alveolar [l] pelo fonema [r] - (Rotacismo/ Rotacização) no final de sílaba: “A djente podia andá até artas horas sussegadu”, < “A gente podia andar até altas horas sossegado”, “Por exempru, a djente fala...” < “Por exemplo, a...”, “Nunca arguém debotchô de mim.” por “Nunca alguém debochou de mim.”, “Eu assistu o djorná nacional < “Eu assisto ao Jornal Nacional”, “As bebida tradicional é o aluá, licor de piqui... < “As bebida (sic) tradicional é o aluá, licor de piqui... (M1ERN); “...mas não é iguar o do corgo” < “mas não é igual ao do córrego”, “carne sargado” < “carne salgada”; “Se nõw conseguimos pegá pro armoço, só pego prá djanta”. < “Se não conseguimos pegar para o almoço, só pegamos para a janta.” “O pacu gosta de sarsitcha...” < “O pacu gosta de salsicha”, “Nós ia de bicicleta ou de tcharrete” < “Nós íamos de bicicleta ou de charrete”, “pessoar” < “pessoal”, “exempru” < “exemplo”, “artu” < “alto”, “arguem < “alguém”, “vortu” < “volto” (M1PCS); “Baía da Vorta” < ... da Volta”, “...arrof sem sar” < ... sal [‘saw], “O sinar da cruz, fazia da testa até nu imbigo,...” < sinal [si‘haw] da cruz..., “...vem quarqué tropicassõw.” < ... qualquer, “Incrusive eu sô cadastrado numa coisa de viola de cotcho prá cantá cururu.” < Inclusive..., “...eu acredito que tem é o tar de lobisome”. < tal de..., “...odje eu vô armoçá em Cuiabá.” < almoçar, “Odje, por exempro djá gosto...” < ...exemplo... (M2MJO); “Eu prantu um monti di pranta medicinar” < “Eu planto um monte de planta medicinal (F1MGPS); “ Resorvi detchá de assisti porque é pecadu fartá missa por causa de novela” < “Resolvi deixar de assistir porque é pecado faltar missa por causa de novela”, “Gerarmente os bandido...fica sorto...” < “Geralmente...ficam soltos; (F2AMS); “confrito” < conflito, “repreto” < repleto (OP). (Grifos nossos).

11 - O lambdacismo (<λ, letra grega), um pouco mais raro, mas existe. É a permuta da consoante

tepe alveolar [r] pela lateral alveolar [l]. Talvez o falante preocupado com a hipercorreção comete o lambdacismo: galfo < garfo, interpletá < interpretar, cadalço < cadaço, malmita < marmita (OP); almazém < armazém. (OLIVEIRA, 2000). (Grifos nossos).

Marroquim, em princípio, atribui a permuta do ‘l’ pelo ‘r’ à influência do tupi e que se tornou um fenômeno geral na linguagem popular: carçada, fôrgo, sordado, arvura, por [kaw'sada] < calçada; [fowgo] < fôlgo; [sow'dadu] < soldado; [awvura] < alvura” (MARROQUIM, 1945, p.37). Mas à página 40, retifica dizendo que “a passagem de l a r começou com efeito na formação do português: platu (m) > prato; clavum > cravo” (MARROQUIM, 1945, p. 40), etc.

12 - Emprego da consoante oclusiva bilabial sonora, inicial ou medial /b/ pela consoante constrictiva fricativa labiodental sonora /v/ e vice-versa (Betacismo): “brabu” por bravo (MIERN), “Vai barrê o terrero”. por ...varrer..., “Comprei um trabessero bõw pra coluna” por ...travesseiro..., “bassora” por vassoura; “berruga” por verruga; “mangaba” por mangava (fruta), “bespa” por vespa; “bamo” por vamos, “assobiar” por assoviar; “Aonde a senhora comprou bassora de piaçavo.” “A fronha do trabessero rasgô” (OP).

Este traço linguístico pertence ao português arcaico que permanece no Norte de Portugal e na fala do nativo cacerense. Em Portugal, são vendidos como “souvenirs” (lembranças) os “Lenços dos Namorados⁵⁰” (Cf. anexo 9.1), nos quais estão escritos pequenos textos que deixam transparecer a fala cotidiana do povo português, onde aparece o uso da consoante oclusiva bilabial sonora /b/ no lugar constrictiva fricativa labiodental sonora /v/, como nas frases: “Bai carta feliz leuando/ Nas asas dum passarinho/Cando bires o meu amor/Dale um abraço e um vejinho.”; “Meu Manel bai pró Brazil/Eu tomem bou no bapor/Gardada no curaçaõ/Daquele qué meu amor.” (Grifos nossos).

Sobre as causas da permuta da consoante oclusiva bilabial sonora inicial ou medial /b/ pela consoante constrictiva fricativa labiodental sonora /v/, Carvalho; Nascimento (1969, p.58) dão a seguinte explicação, “as consoantes mediais sonoras ou sofreram síncope, ou permaneceram ou se alteraram”. No caso da consoante /b/, ou se modificou em /v/: caballu > cavalo, faba > fava, rabia > raiva, debere > dever, arbore > árvore; ou sofrera síncope: ibam > iam, praebenda > prenda; ou se mantivera inalterada: bene > bem, navigio > navio, verecundia > verecundya > vergonça >

⁵⁰ Lenços de Namorados – Os lenços de namorados são histórias de amor, retratadas nos desenhos policromáticos bordados sobre a brancura do linho. Adere –Minho – Portugal. Comprado em Lisboa em 2018.

vergonha. (CARVALHO; NASCIMENTO,1969, p.58).

Em Oliveira (2000, p.39), temos casos de alteração da consoante /b/ para a consoante /v/, o que nos leva a supor que a escrita e a pronúncia da consoante /b/ em palavras que, atualmente, são grafadas e pronunciadas como /v/ é anterior à consoante ‘v’. Por exemplo, “...gêgibas de cima co as costas da língua...” > “...gengivas...” (OLIVEIRA, 2000, p.39).

Lagares; Monteagudo (2012, p.92-95) afirmam que casos de betacismo como barrer, bassora, berruga são idênticos ao do galego. “É um fenômeno antigo que abrange todo o norte da Península desde as origens, incluindo também os dialetos setentrionais do português (e do catalão), sendo que o castelhano padrão do centro da península distinguia /b/ e /v/ até o século XVI”. (LAGARES; MONTEAGUDO, 2012, pp.92-95)

Sobre o betacismo, Garambone (1998, p. 54-6) conta que D. Pedro I, sentido-se traído pelos compatriotas, em um de seus artigos faz uma crítica envolvendo o uso do b pelo v: “... Este país que lhes deu de comer, de vestir, de calçar, que lhes derreteu o alcatrão que tinham nas mãos, e por fim lhes tirou, a alguns, o costume que tinham de dizer **binho** em lugar de **vinho**, **voi**, **bac**a, **cav**ra, **diav**o, **vatuque**, em duas palavras que lhes fez perder o maldito vício de trocarem o **v** pelo **b** (...)” (GARAMBONE,1998, p. 54-6).

Como podemos perceber esse falar há muito está entre nós. Em Cáceres, em nossas entrevistas, principalmente na fala de pessoas com mais de 60 anos, ouvimos “Vai **barrer** o terrero”, “Onde você comprô **bassora** de piaç**abo**?”, “Comprei um **trabessero** que é bom pra coluna.”

Quanto à permuta do ‘b’ pelo ‘v’ em palavras que, na atualidade, são grafadas e pronunciadas com ‘b’, assistimos/ouvimos pelo Canal Mais GloboSat em uma entrevista realizada na Quinta Chocapalha a 30km de Lisboa, para o Programa “Um brinde ao vinho” da apresentadora/sommelière Cecilia Aldaz, a fala da entrevistada Sandra Da Silva que pronuncia o fonema [v] no lugar do fonema [b] “Fiquei a **travalhar** até 2015”.

13– Redução da desinência **-ndo** do gerúndio dos verbos para **-no**, conforme os exemplos transcritos de nossas entrevistas: “acab**anu**”, “Ele tava até su**anu** pra me fazê”, “Odje, por exemplo, djá gosto, tô gost**ano** daqui. Agora tô ador**ano** aqui.”, “...punha lá no coisa, outro tava acend**eno** o fogo,” (M2MJ); “...contrar**iano** os parentes que nã queria detchá casá co estranhu, antigamente nã aceitava, daí prá cá que foi mud**ano**.”, “T...passô mōw na ropa dele e saiu corren**o**, porque quando pega ropa dele, ele desvira.”(M1PCS); “...tava preto de petche com**enu** candjiquinha entõ era só panhá.”, “Odje o petche tá poco, o pessoar de fora tá acab**anu**, vem, leva até petche

piquenu...”.(M1ERN); “Eu tava conversano, a pessoa falou “mas vocês não é daqui não?...ah! porque o seu tom de voz é diferente...não sei por quê?”, “...pelo sutaque parece que tava falano errado, mas nũ é isso.” (EVPS, em conversa informal); “O nosso Paraguai tá cabano. Os turista, prá mim atcho que vem só desfrutá e detchá litcho.” (M1JMRJ). (Grifos nossos).

A redução acima descrita ocorre mais na fala, mas as pessoas com pouco grau de escolaridade escrevem como falam.

14 – Hipértese das consoantes ‘r’ e ‘s’, ou seja, transposição de um fonema de uma sílaba para outra: ‘catredá’ < catedral (M1ERN), ‘largato’ < lagarto, ‘cardeno’ < caderno; ‘sastifaçõ’ < satisfação (M2MJO). O nativo cacerense, alguns, além de falar “largatixa” também falam “largatiça”. Nesta palavra, além da hipértese ‘largatixa’, o fonema fricativo alveopalatal surdo [x] transforma-se no fonema fricativo alveolar surdo [s] “largatiça” > [largat’isa]. (OP).

15 – Aférese, isto é, supressão de um fonema ou sílaba no início do vocábulo: “tava” < estava (M1ERN e M2MJO), “...tô gostanu” < ...estou gostando (M2MJO); “nhora cavuca, ranca a raiz descasca ele e réla prá fazê < A senhora cava, arranca a raiz, descasca ela/descasca-a e rala para fazer. (M1PCS).

16 – A não flexão de gênero e de número (nesta última, marcada apenas pelo artigo ou pelo numeral) resulta na ausência de marca formal de concordância nominal: “banana fritu” por banana frita; “tripa grosso” por tripa grossa; “sopa de mandioca com banana maduro” por sopa de mandioca com banana madura; “carne sargado” por carne salgada; “Comia que até lambia os beijoØ” por Comia que até lambia os beijos ; “Isca que ele qué é sarchitcha, ainda tem que travessá nele cũ palitu porque ele é mole pode dismantchá.” por Isca que ele (o peixe) quer é salsicha, ainda tem que atravessar nela um palito porque ela é mole pode desmanchar.; “Punha o pacu sargado prá secá nũ mesõw “Novela nũ assistu porque assisti ele, tem que sê todo dia. A mea muié e os filhoØ assisti.” < Novela não assisto porque assistir ela/para assisti-la, tem que ser todo dia. A minha mulher e os filhos assistem. (M1PCS); “as pessoaØ” < as pessoas; “...cerca de trêf anoØ” < ...cerca de três anos (M2MJO). Em relação à ausência de marca formal de concordância nominal, observamos que esse fenômeno linguístico ocorre com mais frequência em nomes (substantivos, adjetivos...) do que em determinantes. Vejamos: “lambia os beijoØ”, “os filhoØ,” “...cerca de trêf anoØ.”(M2MJO).

17– Contração da preposição ‘para’ com o artigo definido plural ‘os’: “...fazê serenata pros aniversarianteØ.” < ...para os aniversariantes (M1ERN).

18-Apócope da desinência número-pessoal singular (-u) do verbo no pret. perf. do indicativo, e a contração da preposição ‘com’ + o pronome pessoal do caso reto ‘eles’: ‘Acabô **queles**’ < Acabou **com eles**. (M1ERN).

19- Palatalização do ditongo ‘ia’ em [lh]: “sandalha” < sandália, “família” < família, “Orélha”, “Aurelha” < Aurélia, “Julha” < Júlia, “Ogênio” < Eugênio. (OP).

20- Despalatalização/iotização do fonema palatal /lh/ [λ]: “...atcharõw eu competente pro **trabaio**” < trabalho (M2MJO); “...até minha “muié” conheci aqui. <... mulher... (M1ERN); “cuié” < colher, “...aqui é o “mió” lugá prá vivê” < ...aqui é o melhor lugar para viver. (F1MGPS); “Vai comê petche, a “muié” djá sabe o arroz tem que tá fria prá comê com o petche quenti,...”(M1PCS).

Linguisticamente o que justifica essa variação é a aproximação entre os pontos de articulação da palatal /λ/ e da semivogal /y/.

21- Redução do ditongo -ão a [ũ] no advérbio ‘não’ > ‘nũ’: “A djente **nũ** podi sair do estilo que a djente é.” < A gente não pode sair do estilo que a gente é. (M2MJO). Esse processo não ocorre quando o falante responde “Não” desacompanhado de outras palavras. Por exemplo, se perguntar ao falante “Você viu a minha bolsa?” Resposta: “Não.” Neste caso, ainda, não ouvimos ‘Nũ’. Mas se ele acrescentar outra palavra à resposta, como ‘Não vi’ > “Nũ vi”.

22- Transformação do ditongo nasal -om/on [õw] em -ão [ãw]: batom > [batãw], som > [sãw], bom > [bãw], PROCON > [procãw], no “falar nativo” de Cáceres-MT. Outros exemplos transcritos das entrevistas realizadas por nós: “Fui dar parte dele no [prokãw], o safadu me vendeu as coisa estragado.”, “Gosto do [batãw] cremoso, hidrata o lábio.” (OP); Em conversa informal, com a empregada doméstica RSMM. Ela perguntou-nos “Qual é a pronúncia certa da palavra PROCON? É “[prokãw]” ou é [prokõw]?” Então perguntamos: Como você fala? Ela respondeu-nos “Falo [prokãw]”. Perguntei: Por que [prokãw], se a palavra é escrita ‘PROCON? Ela nos disse: “Falo assim porque se falar [prokõw], as pessoas vão rir di mim, porque fal[ãw] que cacerense fala: [põw], [nõw], [Sebaftiõw], fala errado. Na fala de RSMM, a causa da hipercorreção resulta do preconceito linguístico sobre “o falar nativo”.

23- Metátese ou Transposição de um fonema na mesma sílaba: “pregunto” < pergunto; “percisá” < precisar. (OP).

24 -Prótese ou Acréscimo de um fonema no início de uma palavra: ‘Eu nũ **alembro**’ < Eu não me lembro, “**avoar**” < voar.” “Tô muito **aperseguido** de festa de santo.”

25 - Ditongo arcaico no “falar cacerense”: “...essas **fruita** de pegá o pacu, larendjinha, roncador nós pegô muito pacu no pé da **fruitera** de larendjinha.” < “...essas **frutas** de pegar o pacu laranjinha,

roncador nós pegamos muito pacu no pé da frutera de laranjinha...” (M1PCS).

26 - Nas formas verbais em que o acento tônico recai em /ou/, este às vezes se contrai em /ó~ô/ ou /u/: “Ela me robô, sempre é o home que **rôba** a moça e ela me robô rrrsss...” < “Ela me roubou, sempre é o home que **rouba** a moça e ela me roubou rrrsss...”, “**truxe**” < (trouxe), “**sube**” < (soube) (M2MJO).

27- Metafonia verbal – No falar nativo de Cáceres, alguns verbos como: fechar, beber, apanhar, chamar, por exemplo, têm a pronúncia aberta no presente do indicativo: “O guaraná eu **bébo** ele só cedo” (M1PCS); “ Gosto de fedjõw, mas só **bébo** o cardo...”(M1JMRJ) , ‘apânho’, ‘chámo’ em vez de ‘bêbo’, apânho, châmo como afirma Nascentes (1953, p. 97), para quem a metafonia verbal “varia muito da forma correta nas classes semiculta e inculta. Como em Portugal se pode ouvir.” (NASCENTES,1953, p. 97).

28 – Pronome raramente usado: “Agora **nhora** (< senhora) vê menina de dez, doze ano com filho no braço. Antigamente moça só ia namorá com vinte ano”, “.. **nhá** (< senhora) tchegô de conhecê ele? < ... a senhora chegou de conhecer ele? (M1 PCS).

29 – Ditongação de monotongo: “...roncadô é uma **fruita** que o pacu gosta. Prá pegá pacu é só ficá debatcho da **fruitera** da larandjinha.” (...roncador é uma fruta que o pacu gosta. Para pegar pacu é só ficar debaixo da frutera da laranjinha.) (M1PCS).

Sobre esses traços linguísticos citados, Silva Neto (1979, pp. 478, 479,500,504) afirma que são expressões e vocábulos característicos do século XVI, ou seja, do período arcaico do idioma português. Por exemplo, as palavras almario por armário (Lambidacismo); cramar, craro, ingrês, púbrico, simprez (Rotacismo) por clamar, claro, inglês, público; permuta da vogal alta pretônica ‘u’ e da vogal média-alta ‘e’ pela alta pretônica ‘i’ em palavras como: umbigo > imbigo , menina > minina; permuta da vogal média-alta ‘e’ pela baixa-central ‘a’ e pela vogal média-alta ‘o’ ou pela vogal alta ‘u’: semear > samear, somos > semos, semana > somana/sumana, etc.

Além dos exemplos citados, temos algumas expressões e frases coletadas nas entrevistas e na observação participante, como:

Lambido Sem-vergonha, cínico;

Afobado = desesperado, ou como Nascentes (1953) diz atarantado.

Aloitar Entrar em luta corporal, quase sempre entre garotos. Tipo de brincadeira;

Aluado Mal humorado;

Amolar = “Ah! Não amola!” = Ah! Não me perturbe” (NASCENTES, 1953).

Apurado Apressado, nervoso;

Arca caída/peito aberto = Certo mal à altura do estômago. “Tô com uma dor na boca do estômago”;

Assuntar = observar, prestar atenção “Só tô assuntano, ocê”; Arubuservano = É uma advertência = Cuidado com o que você faz! = “Tô de olho!”, “Só tô arubuservanu ocê. Cuidado!;

Aúfa = Muito, bastante - “Já trabalhei aúfa! Agora queru descançá”;

Bamburro = Emaranhado de cipós ou ramos de árvore “Ele tava escondido no bamburro”;

Bocadinho⁵¹, expressão portuguesa, comum na fala do cacerense, refere-se à pequena quantidade de alguma coisa ou quando se pede para alguém aguardar um pouco que logo será atendido. Usada pelos portugueses no dia a dia. Esta expressão encontra-se registrada no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2009, p. 302).

Bulir = importunar com brincadeiras de mau gosto, que irritam, perturbam, magoam, etc. Atualmente, ouve-se mais a versão inglesa “bullying.”

Cachorrada = Coletivo de cachorros/cães ou um doce feito com leite talhado/cortado/coalhado e com açúcar; falcatrua;

Chinchá [ʃĩˈtʃã] = Puchar com força/raiva o cabelo de alguém;

Chuçar/tchuçar = Furar, espetar;

Chulin = cachorro. Também é usado para chamar o cachorro. “Vem, Vem chulin...”

Corre duro! = Correr muito rápido! “Corre duro, se não ocê num ascança ele”;

Curtido/Lambido = Sem-vergonha, cínico;

Enleiar = Enrolar, enroscar;

Embandeirar = Acompanhar outras pessoas. Geralmente dita aos meninos, pelo responsável por eles. “Não quero ver ocê embanderado cum ninguém, vai sozinhu!”;

Fofar = Fartar-se, encher, demasiado: “A festa tava boa, tinha de um tudo. Comi até fofá.”;

Foveiro = Velho, desbotado: “Vô comprá otru, esse djá tá fovero”;

Gente de fora = Pessoas que não são mato-grossenses “Ela casou com gente de fora”;

Gente de quem? = De que família? “Você é gente de quem?”;

(NASCENTES, 1953).

⁵¹ Bocadinho, expressão portuguesa, comum na fala do cacerense, quando se refere à pequena quantidade de alguma coisa (pouquinho) “Quero só um bocadinho”. Também significa um curto período de tempo. “Espera um bocadinho que eu já atendo”. Essa expressão ouvimos em Évora e Lisboa (2000), cujo significado é o mesmo do falar cacerense.

Na chincha/Tchintcha = Submisso “Trago ela/ele na tchintcha”;

Obração = Desinteria, diarreia;

Pampeiro = Algazarra, confusão, muito barulho;

Parrudo = Pessoa forte de costas largas;

Pilado = Pálido;

Pinicar = coçar, comichar, beliscar. “Não aguento maḡ essa cocera, pinica o corpo intero” (Uma mulher referindo-se à dengue);

Pousar = Pernoitar, passar a noite “A comadre pousou em minha casa;”

Quebra-torto = Desjejum bem reforçado. Espécie de pequeno almoço servido no café da manhã. “Vou sair depois do quebra-torto”;

Que nem cachorro de bugre = Pessoa que anda muito, não para em casa; andarilho “Esse povo parece cachorro de bugre, não para em lugar nenhum”;

Quiçaça = Vegetação rala, mas de difícil acesso, matagal;

Rebuçar = Cobrir-se com cobertor/manta para se proteger da baixa temperatura/do frio “Rebuça essa criança, tá frio!”. Não se usa essa expressão para se agasalhar com paletó/casaco/blusa de lã, etc.;

Salvar = Cumprimentar;

Sapear = Olhar/Assistir festas do lado de fora do ambiente onde acontece o evento;

Sem graceira = Antipatia, chateação “Deixa de sem gracera!”;

Sem eira nem beira > “ F... não tem nem eira, nem beira” = Dentre os significados, desde o referente aos beirais dos telhados das antigas habitações e afins, nos interessa, para o nosso estudo, é o que diz respeito ao adágio (como os portugueses dizem). Ou seja, tanto em Portugal como em Cáceres, essa expressão tem uma explicação popular: dizia-se, conforme (Flores, 2020) que as famílias com menos posses tinham uma telha (**eira**), os remediados tinham duas (**beira**) camadas de telhas. E os mais abastados tinham na cobertura das casas três camadas de telha, **eira**, **beira** e **tribeira**, respectivamente, de cima para baixo. Daí o dito popular “se o sujeito não tem eira, nem beira, quer dizer que ele não tem recursos, é pobre”; “Essa tipologia dos beirados foi levada pelos portugueses, no século XIX, senão antes, para o Brasil”. (FLORES, 2020).

Tacuru = Fogão rústico, construído com três pedras/tijolos, dispostos em triângulo;

Taludo = Forte, crescido;

Tcha/tcho = Pronome possessivo adjetivo equivalente a seu/sua/senhor(a). Exemplo: “Tcha (=

sua) casa”. “Tcho (=seu) pai e tcha (=sua) mãe”. “A tcha (senhora) Ana mora dotru ladu da rua”;

Tidjuco = Lama / barro;

Terrero = Quintal de residência;

Tombeira = Caminhão basculante, geralmente empregado nas grandes construções para transportar areia, brita, entulhos etc. As pessoas costumam dizer, quando acontece alguma coisa muito ruim: “...parece que fui atropelado por um tombeira, estou todo dolorido...”

Trupicar = Tropeçar com o pé em algo;

Uciera/Cieza = Assanhamento, sem-vergonhice, libertinagem;

Variado = Nervoso, agitado, louco;

Vôte! = Interjeição que exprime espanto, repulsa: “Vôte! sai di mim!” “Otru exempru é a palavra “vote”, uso quando é uma coisa que cê nom gostô, fala Vote!” (M1 ERN). A respeito desta interjeição, Nascentes (1953) comenta “cabe apenas mencionar uma ou outra interjeição usada pelas classes semicultas e incultas: ô (em vez de ó), vote!...” (NASCENTES, 1953, p. 115).

Xixir = Evacuar, defecar;

Muitos exemplos citados, por Silva (1921), são encontrados, ainda hoje, em Portugal, como a pronúncia *home* por *homem*, presente no dialeto do Minho; o dígrafo *lh* transforma-se em /l/: “Já le disse” por “Já lhe disse”, tal como em Portugal; o mesmo grupo *lh* tem o valor de *i* em: muié (mulher), canaia (canalha) presentes também na fala dos Estados do Amazonas e Pará; a expressão “por amor de” (= por causa de) dizem “pramóde”.

No falar do nativo de Cáceres ouvimos: “pola” = pelo (a contração da preposição ‘per’ com o artigo definido ‘o’): “Pola amor de Deus num faz isso.” (OP).

Consideramos este assunto relevante, mas inesgotável, talvez nem mesmo um trabalho específico sobre, possa esgotá-lo por isso, damos por encerrada esta ‘seção’ porque a língua é dinâmica, não para. Prova disso, são essas falas populares e, como Bechara (1988) diz a respeito da língua: “... é um fenômeno cultural. Ela não existe em si mesma: fora do homem é uma abstração, e no homem é o resultado de um patrimônio cultural que a sociedade a que pertence lhe transmite.” (BECHARA, 1988).

5.3 Hipóteses interpretativas sobre a gênese do “falar cacerense”

Em busca da gênese do falar peculiar da comunidade nativa de Cáceres, as pessoas em geral e

mais tarde os estudiosos do assunto começam a cogitar algumas hipóteses que consideramos, ainda nebulosas, sobre a origem dessa variedade em uso na fala do nativo cacerense. Suposições que nos inquietaram e nos levaram a questioná-las, ou seja, a buscar a veracidade dessas afirmações. Porém, quando se quer chegar a uma “certeza” sobre o objeto de uma pesquisa, no caso nosso ‘o falar cacerense’, devemos recorrer não só aos estudos científicos realizados sobre o assunto, mas também a outros recursos que possam nos auxiliar em nossos estudos sobre a origem de dois traços linguísticos característicos do português arcaico e dos fatores sócio-histórico-culturais, linguísticos e extralinguísticos que contibuíram para a preservação, em pleno século XXI, desses fenômenos linguísticos presentes no “falar nativo” de Cáceres-MT: as africadas [tʃ] e [dʒ] e a permuta do ditongo-ão [ãw] por [õ/õw].

Sobre a origem dessas variantes existem três hipóteses: duas interpretações “populares” e uma levantada pelos estudiosos do português brasileiro (PB) na tentativa de explicar a origem desse falar. No entanto, como foi dito, há dúvidas sobre essas conjecturas a respeito da origem do “linguajar nativo” cacerense. Qual delas é a verdadeira?

A primeira hipótese, a substratista, segundo Santiago-Almeida resulta da miscigenação do idioma português trazido pelos colonizadores e colonos portugueses e, também, pelos bandeirantes paulistas, muitos destes filhos de portugueses, com a língua do povo Boróro com quem mantiveram contato amiúde. (SANTIAGO-ALMEIDA, 2005).

A segunda, conforme interpretações “populares”, considera que o ditongo [õw/õ] e as africadas [tʃ] e [dʒ], resultam da influência da língua espanhola falada no país vizinho, a República da Bolívia cuja fronteira com o município de Cáceres-MT fica a 90 km, sobre o português do Brasil. (Hipótese adstratista). Esta é a hipótese, mais aceita pelas pessoas leigas.

Já terceira hipótese, a da transposição/herança do português europeu, falado e escrito, a partir do século XII/XIII ao século XVI, período do português arcaico, trazido diretamente para cá pelos colonizadores e colonos portugueses, e também pela “fala caipira” dos bandeirantes paulistas, que lideraram a marcha para o sertão brasileiro, por mais de duzentos anos após a chegada dos portugueses que vieram, em sua maioria, do Norte de Portugal. Sobre esse assunto, Santiago-Almeida diz que a forma como os cuiabanos falam não é exclusiva de Cuiabá: “Não é característica única de Cuiabá. Essa forma de falar tem história. Veio com Cabral (Pedro Álvares) e nos séculos 17 e 18 com as pessoas atraídas pela mineração.” (SANTIAGO-ALMEIDA, 2005).

Época em que a grafia dos fonemas [tʃ] e [dʒ] era representada por ‘ch’, para o primeiro (chave

> [ʃave/tchave], e ‘j’ (a, e, i, o, u) e ‘g’ (e, i), para o segundo como na pronúncia do nativo cacerense para as palavras cajá [ka'dʒa/ca'dja], gema > [dʒema/'djema]. Nesta hipótese, incluem-se as terminações nasalizadas [õ/õw] [põ/põw] em vez de [pãw], modalidade do português usado do século XII a meados do século XVI quando não existia o ditongo nasal -ão [ãw].

Das três hipóteses, a mais aceita pelos pesquisadores/estudiosos é a terceira porque conforme estudos realizados por Silva Neto (1941, 1979), Teyssier (1984), Câmara Jr. (1985), Haug (1989), Santiago- Almeida (2000, 2005, 2010), Naro; Scherre (2007) dentre outros, atestam ser essas variantes africadas, assim como as variantes nasalizadas [õ/õw], em final de sílabas > [põ/põw] substituindo a variante padrão [ãw] > [pãw], traços linguísticos característicos do período arcaico da língua portuguesa, ou seja, do português falado e escrito, do século XII/XIII ao século XVI.

Silva(1991, p.74) sustenta que “há dialetos populares portugueses do Norte em que a ditongação resulta em [õũ], com uma etapa anterior [õ], tanto para os derivados de -one (leone > leon > leõ), como de -ane (panis > pane > pon > pão) e -anu (veranu > veron* > verão).” (SILVA, 1991, p.74).

Estas variantes linguísticas, registradas nas frases a seguir, ouvimos durante as entrevistas em nove bairros de Cáceres-MT: “Se [nõw] tem dinheiro [nõw] [ʔaʃa/'atça]. (M1ERN), “Agó...na [ẽʔẽte/en'tchente] esse [baiõw/baiom] tava preto de [peʃe/'petche] comenu [kã'dʒiã/can'djiquinha] [ẽ'tõw/en'tõw] era só apanhá. (M1ERN), “[ʔodʒe/'odje] tá difícil. Até os [pro'dʒeto/pro'djeto] que a [dʒẽte/'djente] faz...perde muita semente por farta da [ʔfuva/'tchuva]. (M2MJO).

Nestas frases, se compararmos a pronúncia atual dos vocábulos “não” e “então”, na fala dos nossos entrevistados [nõw] e [ẽ'tõw/en'tõw], com a grafia **non** e **enton** no português arcaico, da Cantiga da Ribeirinha (1189 ou 1198), podemos dizer que estas palavras são, como atesta Cardeira(2009, p. 20): “pistas que a escrita oferece para a compreensão da oralidade. É esse trabalho quase detectivesco do estudo dos textos antigos, aliado a observação das variedades actuais da língua, que nos permite esboçar uma história da pronúncia do português desde a sua fase arcaica até aos nossos dias.” (CARDEIRA, 2009, p. 20).

Portanto, podemos dizer que um estudo histórico nos mostra que, como diz Possenti, “muitos juízos relativos a línguas e falantes podem ser apenas falsos.” (POSSENTI (2012, p. 38). Por isso, a busca pela verdadeira procedência das africadas [ʃ] e [dʒ] e do ditongo -ão [ãw~ õ~õw], do português falado em Cáceres-MT não termina aqui, continua...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O avanço dos estudos linguísticos em Mato Grosso, nas últimas décadas, tem possibilitado a investigação e o conhecimento da linguagem humana sob os mais diversos prismas. Contudo, há muito que se fazer pois, conforme Souza (2020), nem 10% dos fenômenos linguísticos foram estudados. As formas diferenciadas de se praticar uma língua constituem um dos objetos mais instigantes da pesquisa linguística, em virtude das possibilidades de se compreender, a partir desses estudos, questões fundamentais não apenas sobre o funcionamento da língua nos seus aspectos internos, como também sobre a vida histórica e sociocultural dos falantes, os processos históricos que determinam a heterogeneidade linguística, as relações de força política que definem as práticas languageiras através do tempo e os fatores que justificam a preservação de dois traços linguísticos característicos do português arcaico, presentes em nove bairros da cidade de Cáceres-MT: a permuta da terminação nasalizada do ditongo -ão [ãw] pelo ditongo nasal [õw] e pelo monotongo [õ], e das africadas alveopalatais surda [tʃ] e a sonora [dʒ] no lugar das consoantes fricativas alveopalatais surda [ʃ] para <ch> e <x> e sonora [ʒ] para <j> seguido de qualquer vogal e, <g> (e, i), considerados “português estropiado”, próprio de falantes “analfabetos” porque como declara Possenti, a falta de conhecimento histórico “mostra que muitos juízos sobre termos e expressões da atualidade desprezam o passado da língua”. (POSSENTI, 2012, p. 38).

O português falado na região de Cáceres possui traços linguísticos, pouco explorados na literatura linguística do Brasil, considerados identificadores do falar cacerense, uma vez que, segundo os migrantes e os próprios nativos são esses traços a identidade do “falar nativo” cacerense, ou seja, são as africadas [tʃ/tch] e [dʒ/dj] em contexto diferente das demais regiões brasileiras, e as terminações nasalizadas [õ/õw] que permitem saber se a pessoa é ou não cacerense.

As africadas [tʃ/tch] e [dʒ/dj] “mato-grossenses”, presentes em Cáceres, ocorrem em ambiente diferente das africadas usadas nas demais regiões brasileiras, Sudeste, Norte e Nordeste, como já foi mencionado, onde as africadas se manifestam na pronúncia das consoantes oclusivas /t/ e /d/diante da vogal i (oral ou nasal): [ʃia/'tchia] , [dʒia/'djia], [ʃita/'tchita] e, em alguns casos, quando seguidas da vogal /e/ átona em final de palavra: [leytʃi/'leytchi]; enquanto no falar nativo de Cáceres, as variantes africadas [tʃ/tch] e [dʒ/dj] ocorrem na pronúncia do dígrafo ‘ch’ e dos grafemas ‘x’, ‘j’ (diante de qualquer vogal), e ‘g’ (i,e): chá [ʃa/'tcha], xícara [ʃikara/'tchikara/'ʃikra/'tchikra], xadrez [ʃa'dref/'tcha'dref]; jaca [dʒaka/'djaka], gilete

[dʒi'lete/ɪ/dʒi'lete/ɪ]. Quanto às oclusivas /t/ e /d/ seguidas da vogal i/ĩ ou e átona, em coda, permanecem como segmentos oclusivos [t]/ [d]: ['tia], ['dia], [ley'te/ɪ] na fala dos cacerenses. (Grifos e Transcrições nossos).

A respeito do uso da terminação nasalizada do ditongo -on [õ/õw], conforme Silva (1991), Teyssier (1984, 2004), Santiago-Almeida (2000, 2005, 2010) entre outros, já acontecia do século XII a meados do século XVI quando não existia o ditongo nasal -ão [ãw].

As variantes linguísticas estudadas, conforme os pesquisadores mencionados, são características do período arcaico do idioma português, quando se fazia a distinção entre a pronúncia de 'ch' e 'x' > [ʃ] para o primeiro e [ʒ] para o segundo. Sobre a africada alveopalatal sonora [dʒ], Silva Neto (1979) diz haver indícios de que esta, embora tenha existido no português antigo, desaparecera no século XV. Isto nos assegura que esta variante, presente na fala do nativo cacerense, como nos atestam as frases coletadas em conversas informais: “Ocê teno ['tʃa/'tcha] casinha e dinheiro pra comê tá bom demaʃ”, “Ah! Esses restaurante sem ar condicionado, prefiro comê no ['dʒuba/'djuba]”, existiu e, ainda, está presente não só na fala do Norte de Portugal, na região do Minho, mas também no falar nativo da cidade de Cáceres-MT.

Já o ditongo -ão [ãw], usado em substantivos e verbos, que em latim terminavam em -one, -udine, os primeiros, e -unt os últimos, era representado por -om [õ/õw]: sermom (< sermone) > sermão; soidom (< solitudine) > solidão; amarom (amarunt) > amarão, do qual, supomos, resultou o ditongo nativo de Cáceres. O qual podemos perceber nesta frase proferida por um entrevistado: “[a'tʃarõw/a'tcharõw] eu competente pro trabaio, eles me eledjeru capacitado prá quarquê trabaio” (F2MJO).

Em relação à pronúncia nasal padrão [ãw] e a pronúncia popular [õ/õw]: pão > ['põ ~'põw], usadas no lugar de [ãw] > ['pãw], de acordo com Silva (2000), está ocorrendo a alternância entre as pronúncias, em decorrência do preconceito que o falar nativo vem sofrendo. Quanto às oclusivas /t/ e /d/ seguidas da vogal i/ĩ ou e átona, em coda, na fala de cacerenses, supomos, com mais de 40 anos permanecem como segmentos oclusivos [t]/[d]: ['tia], ['dia] e ['leyte/ɪ]. (Transcrições e Grifos nossos).

Ainda a respeito das africadas alveopalatais [ʃ] e [dʒ], Rodrigues (2002, p.32) e Cruz (2012, pp.29-37) atestam que:

a) na língua dos índios Kadiwéu (descendentes dos antigos Guaikurú), que vivem na Serra de Bodoquena, em Mato Grosso do Sul, existem dez consoantes oclusivas, também distribuídas nas

séries surda e sonora, dentre elas, a palatal [tx] > [nioGotxegi] > jacaré, e [dj] > [NoGodjegi] > peixe. Outras línguas mencionadas por Rodrigues que, também, possuem as palatais [tʃ/tch] e [dʒ/dj] são: em Guaraní Mbiá do Paraná > [dʒ/djakaré] > jacaré, [dʒ/dj agwareté] > onça; em Tapirapé do Araguaia [tʃ/tchãkãré] > jacaré, [tʃ/tchãwãrã] > onça; em Parintintí do rio Madeira [dʒ/djakaré] > jacaré, [dʒ/dja'gwára] > onça. (RODRIGUES, 2002, pp. 23 -32). (Grifos nossos).

b) a consoante africada alveopalatal [dʒ/dj] da língua Boróro corresponde na língua Umutína aos fones /z/, /j (y)/ e /ʒ/ como nos vocábulos: [dʒura] > costela; [dʒorugudu] > cinza; [dʒori]/dʒoru] > fogo; [dʒorito] > acender fogo; [dʒatugugo] > piaba-açu; [kodʒa-ri] > tossir; [dʒatugo] > cajá; [dʒorididi] > fumaça; [dʒoi] > caitetu; [dʒure] > sucuri. (CRUZ, 2012, p.29-66). (Grifos nossos).

Conforme Cruz, a comparação lexical entre a língua Boróro e a língua Umutína feita por Rodrigues em 2007, permitiu-lhe estabelecer a seguinte correspondência sonora entre as duas línguas: as consoantes z, j (y), ʒ da língua Umutína correspondem à africada alveopalatal [dʒ] do Boróro, em palavras que nomeiam os elementos da natureza, partes do corpo humano, plantas, qualidades, estados e ações mais comuns, são as que mais evidenciam o parentesco genético entre as duas línguas. (CRUZ, 2012, p.32).

A respeito do exposto por Rodrigues e Cruz (2002, 2012), nossas reflexões nos levam a conjecturar que, embora as línguas indígenas estudadas por Rodrigues (2002) e Cruz (2012) possuam em seu alfabeto fonético as variantes africadas alveopalatais [tx] e [dj], elas não acontecem no mesmo ambiente das africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] “cacerenses”, se levarmos em consideração a grafia ‘ch’ e ‘x’ para [tʃ] e j (a, e, i, o, u) e g (e, i) para [dʒ]. Fato que nos leva a discordar da hipótese substratista, influência da língua Boróro sobre as africadas do “falar cacerense”.

Em relação à influência da língua espanhola, falada na República da Bolívia, sobre o “falar nativo” de Cáceres não somos favoráveis a essa hipótese (adstratista), apesar de concordarmos que o português falado em Cáceres não passou incólume ao contato quase diário com a língua espanhola de falantes bolivianos, assim como também em relação aos idiomas indígenas falados na região, em outros tempos. Referindo-nos à influência do espanhol fronteiriço, discordamos porque, mesmo que a pronúncia e a grafia espanhola ‘ch’ > [tʃe] coincida em alguns vocábulos com a escrita portuguesa do Brasil e, que a quarta letra do alfabeto espanhol, possua pronúncia semelhante à pronúncia do falar cacerense [tʃe/tche], nem todas as palavras do português pronunciadas [tʃ/tch] tem a mesma grafia e pronúncia em espanhol. Por exemplo: chover > esp. llover > [ʎo'βer]), chifre > esp. cuerno, asta > ['kwerno]), cheiro > esp. olor, aroma > [o'lor/a'roma], chão > esp. suelo, tierra

> ['swelo/'tjeRa]), chave > esp. llave > ['laβe]), cheirar > esp. inhalar, oler > [iña'lar, o'leɾ], chorar > esp. llorar > [ʎo'rar], chuva > esp. lluvia > ['luβja]. Se ouvirmos alguém falar “Vai [tʃover/'tchover], isto não é “portunhol” muito menos espanhol porque, como já dissemos “chover” em espanhol é [ʎo'βeɾ], o mesmo pode acontecer se um espanhol ou outro falante de espanhol pronunciar [tʃo'veɾ/'tcho'veɾ], ele não está falando espanhol, mas “portunhol”. Se estiver em Cáceres, estará, no mínimo, falando o “cacerensês”. Mas há palavras portuguesas, no dialeto cacerense, que são grafadas e pronunciadas como no espanhol: churrasco [tʃu'Rasko], chiclete/chicle > [tʃikle), etc. Uma palavra que nos chamou a atenção, nas entrevistas, foi a pronúncia do vocábulo chapéu > [tʃa'peo/'tcha'peo]⁵², que é a mesma pronúncia do espanhol “chapeo” > [tʃa'peo/'tcha'peo], que também recebe o nome “sombbrero” [sõbrero]. (Transcrições e grifos nossos).

Sobre a gênese das africadas alveopalatais surda [tʃ] e sonora [dʒ] e, da permuta da terminação nasalizada do ditongo -ão [ãw] pelo ditongo nasal [õw] e pelo monotongo [õ], os estudos de Teyssier (1984-2001), Silva Neto (1979/1986), Cintra e Cunha (1985), Santiago-Almeida (2000, 2005, 2010), Naro; Scherre (2007) dentre outros, nos dão segurança para nos atrevermos a dizer que, dentre as três hipóteses sobre a origem dos traços linguísticos africados [tʃ] e [dʒ] e do ditongo nasal [õw]~[õ] do “falar nativo” de Cáceres-MT, a que nos parece mais coerente, portanto, crível é a hipótese da herança portuguesa, ou seja, essas variantes linguísticas vieram com os colonizadores e colonos portugueses, com os bandeirantes paulistas, muitos destes filhos de portugueses, para desbravar e tomar posse do atual território mato-grossense, ou seja, garantir o *Uti possidetis*.

Contudo, parece-nos que o longo período de isolamento geográfico por que passou a região, em decorrência da distância e das dificuldades de acesso às principais metrópoles brasileiras, impediu a comunicação com o idioma renovado trazido pelos portugueses que aportavam no litoral brasileiro, seja o fator mais relevante nesse processo de permanência das variantes estudadas, em nove bairros, da cidade de Cáceres.

Esperamos que o conhecimento sobre a origem e a razão da permanência das variantes objeto de nosso estudo, contribua para os estudos presentes e futuros sobre o português falado em Mato Grosso, especialmente sobre o “falar cacerense” e, dessa forma possamos esclarecer que esse “falar estranho”, feio para uns e diferente, engraçado para outros, tem sua razão de ser, tem seu DNA. Enfim, esse “falar” peculiar dos municípios mais antigos do Estado de Mato Grosso, como a cidade

⁵² De acordo com Ribeiro (1885), “também os minhotos e transmontanos dizem tchapéo”. (RIBEIRO, 1885, apud GONÇALVES, 2002, p. 21)

de Cáceres, tem sua razão de ser, de existir, tem um passado, ou seja, tem uma história que deve ser estudada para que se possa conhecer, compreender e difundir esses traços linguísticos que vieram de além mar e aqui “fincaram raízes” como diz o cacerense lidjítimu. Em outras palavras, esses traços linguísticos, presentes na fala do nativo cacerense, são um retrato vivo do que já foi padrão na língua portuguesa do século XII ao século XVI/XVII.

Portanto, de tudo o que adquirimos ao longo de nossos estudos, o mais importante foi a confirmação/certeza de que essas variantes fonético-fonológicas incomuns no Brasil, por isso desconhecidas pela maioria dos brasileiros, inclusive por autores de obras da área que, não raro, as confundem com as africadas baianas, variedade do falar de algumas comunidades dos Estados da Bahia, Sergipe e Alagoas. Daí considerarmos que o “falar nativo” pertence ao povo mato-grossense, àqueles que aqui estavam e/ou chegaram (índios, portugueses, bandeirantes paulistas e africanos). Ou seja, esse falar incomum, o “falar mato-grossense” presente, também, em Cáceres, um dos quatro municípios que compõem a Microrregião do Alto Pantanal do Estado de Mato Grosso, é um patrimônio linguístico do Estado de Mato Grosso que merece um olhar histórico e linguístico para que possa ser conhecido na sua essência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. Léxico regional, léxico rural ou vocabulário de curiosidade? Um olhar sobre aspectos lexicais de Cuiabá. In SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. & COX, Maria Inês Pagliarini (Orgs). Vozes cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso. V. 5, Cuiabá – MT: Cathedral Publicações, 2005. (Coleção Tibanaré de Estudos Mato-grossense
- ALDAZ, Cecilia (Sommelière). Programa “Um brinde ao vinho”. Televisão GloboSat. 10 de agosto de 2018.
- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. v.1, 2 ed., São Paulo: Cortez, 2001.
- AMBRÓSIO FILHO, Leopoldo. Crônicas de anteontem. Guanabara : Gráfica Auriverde, 1968.
- ARAÚJO, Bernadete Durães. Patrimônio cultural. In ARAÚJO Bernadete Durães; CONTE, Cláudio Quoos; CAMPOS FILHO, Luiz. Cáceres Vila Maria do Paraguai. Cuiabá: BDA, 2006.
- ARRUDA, António. O linguajar cuiabano e outros escritos. Cuiabá: Ed. do Autor, 1998.
- BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa. 37 ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BIENNÈS, D. Máximo. Uma igreja na fronteira. São Paulo:TOR , 1987.
- BISINOTO, Leila Salomão Jacob. O “falar cacerense” é tema de pesquisa de mestrado, da Universidade do Estado de Mato Grosso: Cáceres –MT, maio/2001, Ano 04, nº 105, p.2.
- _____. Atitudes sociolinguísticas: efeitos do processo migratório. Campinas: Pontes, 2007.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.
- BUENO, Francisco da Silveira. Antologia arcaica: trechos, em prosa e verso, coligiadas em obras do século VIII ao século XVI. 2ed., São Paulo : Saraiva, 1968.
- CAMACHO, R. A variação linguística. In Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 1º e 2º graus. Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, 1988.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e linguística.v 3. São Paulo: Scipione, 1989 (Série Pensamento e Ação no Magistério)
- _____.Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas -SP: Mercado de Letras, 2002 (Coleção Ideias sobre Linguagem).
- _____; MASSINI-CAGLIARI, Gladis. Fonética. In MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). Introdução à linguística: domínios e fronteiras. 2 ed., São Paulo: Cortez, 2001.

CALDEIRA, Marta Amaral. Jornal Correio do Minho. 03 de março de 2018. Disponível em <https://correiodominho.pt/noticias/rio-inaugura-mais-um-troco-da-variante-do-cavado>. Em CAMARA JR, J. Mattoso. História e estrutura da língua portuguesa. 4 ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

_____. Sinais de transcrição fonética usados no livro. In CAMARA JR., J. Mattoso. Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa. 27 ed., Petrópolis. RJ: Vozes, 2009.

CARDEIRA, Esperança. A pronúncia do português. Lisboa: CESEM/Núcleo Caravelas, 2009. Disponível em <http://www.caravelas.com.pt> Acesso em 07/03/2020.

CARVALHO, Dolores Garcia; NASCIMENTO, Manoel. Gramática histórica. 14 ed., São Paulo: Ática, 1969.

CARVALHO, Carlos Gomes de. Mato Grosso: terra e povo- um estudo de geo-história, v.1, Cuiabá : Edições Verde Pantanal, 2001.

CASTILHO, Ataliba T. de. O português do Brasil. In Linguística românica. São Paulo: Ática, 1992.

CASTRO, Vandersí Sant'Ana. A Resistência de Traços do Dialeto Caipira: Estudo com Base em Atlas Linguísticos Regionais Brasileiros. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp, 2006.

CAVALCANTE, Else Dias de Araújo; COSTA, Maurim Rodrigues. Mato Grosso e sua história. Cuiabá: Edição dos Autores, 1999.

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. Para conhecer sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2015.

CONTE, Cláudio Quoos. A Vila Maria do Paraguai. In ARAÚJO, Bernadete Durães (orgs.) et al. Cáceres: Vila Maria do Paraguai. Cuiabá: BDA, 2006.

COPELLO, Marcelo. Os sabores do Douro e do Minho: histórias, receitas, vinhos. São Paulo: Editora Senac, 2008.

COUTINHO, Ismael de Lima. Gramática histórica. 7 ed., Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.

COX, Maria Inês Pagliarini. O rotacismo no falar cuiabano: a potência da voz meluca em uma variedade do português brasileiro. In ALMEIDA, Manoel Mourivaldo Santiago; COX, Maria Inês Pagliarini (orgs). Vozes cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso. v. 5, Cuiabá-MT: Cathedral Publicações, 2005 (Coleção Tibanaré de Estudos Mato-grossenses)

CRYSTAL, David. Dicionário de linguística e fonética. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1988. CRUZ, Mônica Cidele da. Povo Umutina: a busca da identidade linguística e cultural. 2012 (Tese de Doutorado).

- CUNHA, Antônio Geraldo da. Vocabulário ortográfico nova fronteira da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís F. Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. 2 ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- _____. Breve gramática do português contemporâneo. 12 ed., Lisboa: João Sá da Costa, 1999.
- DELSON, Roberta Marx. Novas vilas para o Brasil - Colônia: planejamento espacial e social no século XVIII, Brasília: Edições Alva-Ciord, 1997.
- DELVAUX, Nestor. Português no curso colegial. 12 ed., São Paulo : F.T.D. S/A, 1967 (1ª Série).
- DETTONI, Rachel do Valle. A concordância de gênero no falar cuiabano: a trajetória de uma mudança linguística em curso. In ALMEIDA, Manoel Mourivaldo Santiago; COX, Maria Inês Pagliarini (orgs). Vozes cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso. v. 5, Cuiabá-MT: Cathedral Publicações, 2005 (Coleção Tibanaré de Estudos Mato-grossenses)
- Dicionário Informal. Diferença entre palavras. Disponível em <https://www.dicionarioinformal.com.br/diferença-entre/canjiquinha/canjica>. Acesso em 16/05/2020
- Diccionario de bolsillo de la lengua española. Sociedad General Española de Librería, S.A. ALCOBENDAS-MADRID, 1988.
- DRUMMOND, Maria Francelina Ibrahim. Do falar cuiabano. Cuiabá: Grupo Gazeta, 1978. (Cadernos Cuiabanos 5).
- DUBOIS, Jean et al. Dicionário de Linguística. São Paulo: Cultrix, 1973.
- FARACO, Carlos Alberto. História sociopolítica da língua portuguesa. São Paulo: Parábola, 2016.
- FERREIRA, João Carlos Vicente. Mato Grosso e seus municípios. Cuiabá: Secretaria de Estado da Cultura, 1997.
- _____: SILVA, José de Moura e. Cidades de Mato Grosso: origem e significado de seus nomes. 3 ed., Cuiabá: Buriti, 2001.
- FIORIN, José Luiz. As línguas mudam. Revista Língua Portuguesa, nº 24, São Paulo: Segmento, 2007, p. 38-9.
- FREYRE, Gilberto. Diário da viagem de Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres de Lisboa para o Rio de Janeiro (1771). In Contribuição para uma sociologia da biografia. Cuiabá-MT: Fundação Cultural de Mato Grosso, 1978.
- GIL, Beatriz Daruj et al. Modelos de análise linguística. São Paulo: Contexto, 2009.

- GONÇALVES, Maria Filomena. Notas sobre as relações entre a história e a historiografia da língua portuguesa: problemas e métodos (com base em exemplos oitocentistas). In MASSINI-CAGLIARI, Gladis et al. (Orgs.). Descrição do português: linguística histórica e historiografia linguística. Araraquara; UNESP, FCL, Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2002.
- GRANDO, Beleni Saléte. (coord.) Cultura e dança em Mato Grosso. Cuiabá: Central de Texto, 2002.
- GUIMARÃES, Lauristela (org.) et al. Danças e festas religiosas: a cultura popular. Cuiabá: Primeira Página, 2011.
- HAUY, Amini Boainain. História da língua portuguesa. v. I, São Paulo: Ática, 1989 (Série Fundamentos).
- HORA, Demerval da (org.). Diversidade linguística no Brasil. João Pessoa-PB: Ideia, 1997.
- _____; BALTOR, Cristiane da Silva. Estudo Variacionista do objeto direto anafórico no falar pessoense. In CASTILHO, Ataliba T. de et al. (orgs.) Descrição, história e aquisição do português brasileiro. São Paulo: Fapesp, Campinas: Pontes, 2007.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- HUBER, Joseph. Gramática do português antigo. Trad. Maria Manuela Gouveia Delille. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.
- ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____.Linguística Românica. São Paulo: Ática, 1992.
- LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. Como falam os brasileiros. 3 ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- LIMA, José Leonildo. A variação na concordância do gênero gramatical no falar cuiabano. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp, 2007.
- LUCCHESI, Dante. Caldeirão de Culturas. Revista Discutindo Língua Portuguesa: Escala. Ano 1, nº 2.
- MACEDO-KARIM, Jocineide. A Variação na concordância de gênero no falar da comunidade de Cáceres-MT, Araraquara-SP, Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista- UNESP, 2004.
- _____. A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT: aspectos linguísticos e culturais. Tese de Doutorado – IEL – Unicamp, 2012.

- MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Pequeno vocabulário do português arcaico. Salvador- BA: Edufba; Brasília: Unb, 2014.
- MAIA, Clarinda de Azevedo. História do galego-português: estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI. Lisboa: Gulbenkian, 1986.
- MALMBERG, Bertil. A fonética: no mundo dos sons da linguagem. Lisboa: Livros do Brasil. MARIANI, Bethania. Colonização linguística. Campinas: Pontes, 2004.
- MARROQUIM, Mário. A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco. 8 ed., São Paulo: Nacional, 1945.
- MASSINI-CAGLIARI, Gladis et al. (Orgs.). Descrição do português: linguística histórica e historiografia linguística. Araraquara; UNESP, FCL, Laboratório Editorial, São Paulo : Cultura Acadêmica, 2002.
- MENDES, Natalino Ferreira. (2009). História de Cáceres: história da administração municipal. 2 ed., Cáceres-MT: Editora da Unemat.
- MORI, Angel Corbera. Fonologia. In MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). Introdução à linguística: domínios e fronteiras. 2 ed., São Paulo: Cortez, 2001.
- MOTA, Jacyra. A variação diafásica no português do Brasil. Rev. de Letras nº 24 –vol. ½- jan/dez-2002.
- NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Origens do português brasileiro. São Paulo: Parábola, 2007.
- NASCENTES, Antenor. O linguajar carioca. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
- NAVARRO, Fred. Assim falava lampião: 2500 palavras e expressões nordestinas. São Paulo: Estação da Liberdade, 1998.
- Novo Manual de Língua Portuguesa F.T.D. – Curso complementar: gramática histórica. Rio de Janeiro-RJ/São Paulo-SP/Belo Horizonte-MG,1926, p. 610. Autor (Não consta).
- OLIVEIRA, Fernão de. Gramática da linguagem portuguesa (1536). Edição Crítica e Semidiplomática e Anastática. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. Fev./2000.
- PALMA, Maria Luiza Canavarros. Variação fonológica na fala de Mato Grosso: um estudo sociolinguístico. Rio de Janeiro, 1980, 124 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- _____. O falar cuiabano em Mato Grosso- estigma, status e atalhos. In ALMEIDA, Manoel Mourivaldo Santiago; COX, Maria Inês Pagliarini (orgs). Vozes cuiabanas: estudos linguísticos

- em Mato Grosso. v. 5, Cuiabá-MT: Cathedral Publicações, 2005 (Coleção Tibanaré de Estudos Mato-grossenses).
- PAGOTTO, Emílio Gozze. Variedades do português no mundo e no Brasil. *Ciencia Cult.* vol. 57, nº 2, São Paulo, abr./june/2005.
- PEREIRA, Helena B. C.; SIGNER, Rena. *MICHAELIS: minidicionário espanhol-português, português-espanhol.* São Paulo: Melhoramentos, 1993.
- POSSENTI, Sírio. Palavras congeladas. *Revista Língua Portuguesa*, nº 80, São Paulo: Segmento, junho de 2012.
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas.* 4 ed., São Paulo: Loyola, 2002.
- ROBERTO, Tania Mikaela Garcia. *Fonologia, fonética e ensino: guia introdutório.* São Paulo: Parábola, 2016.
- SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. Ecos fonético/fonológicos no falar cuiabano. In SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. & COX, Maria Inês Pagliarini (orgs). *Vozes cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso.* v. 5, Cuiabá – MT: Cathedral Publicações, 2005. (Coleção Tibanaré de Estudos Mato-grossenses).
- SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. Aspectos fonológicos do português falado na Baixada Cuiabana: traços de língua antiga preservados no Brasil. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2000.
- _____; ARAUJO, G.A. Aspectos do ditongo nasal /ãw/ no falar cuiabano. *Signotica (UFG)*, V. 22 (2), 2010.
- _____. Entrevista. *Jornal Diário de Cuiabá.* 10 de julho de 2005.
- SILVA, Franklin Cassiano. *Subsídios para o estudo da dialetologia em Mato Grosso.* 1921.
- SILVA, José Pereira da. *Gramática histórica da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: O Autor, 2010.
- SILVA, Mariza Pereira da. Um estudo de variação dialetal: a alternância de [ãw]~[õ] final no português falado na cidade de Cáceres-MT. Dissertação de Mestrado. Campinas –SP: IEL-Unicamp, 2000.
- SILVA NETO, Serafim. *História da língua portuguesa.* 3 ed., Rio de Janeiro: Presença/MEC, 1979.
- _____. *Manual de gramática histórica.* Rio de Janeiro, 1941.
- _____. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil.* 5 ed., Rio de Janeiro: Presença, 1986.

- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. O português arcaico: fonologia. 4 ed., São Paulo: Contexto, 1991. (Repensando a Língua Portuguesa).
- _____. O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. Abreviaturas, convenções e alfabeto fonético. In O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.
- SILVA, Thaís Cristófar da. Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo : Contexto, 1999.
- _____. Dicionário de fonética e fonologia. São Paulo: Contexto, 2015.
- SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.
- SOUZA, Antônio Carlos Santana de. 17/10/2020.
- SOUZA, Ulisdete Rodrigues de. Um olhar crioulo nos cenários sócio-histórico do Brasil e do Estado de Mato Grosso. In SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. & COX, Maria Inês Pagliarini (Orgs). Vozes cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso. v. 5, Cuiabá – MT: Cathedral Publicações, 2005. (Coleção Tibanaré de Estudos Mato-grossenses).
- TARALLO, Fernando. A pesquisa sociolinguística. 6 ed., São Paulo: Ática, 1999.
- TEYSSIER, Paul. História da língua portuguesa. Lisboa: Sá Correa, 1984.
- _____. História da língua portuguesa. Tradução Celso Cunha. 2 ed., São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- VASCONCELLOS, J. Leite de. Sinais e abreviaturas. In VASCONCELLOS, J. Leite de. Lições de filologia portuguesa. 3 ed., Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1959.
- _____. Textos arcaicos. 5 ed., Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1970.
- _____. Lições de filologia portuguesa. 3 ed., Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1959.
- _____. Carolina Michaëlis. Lições de filologia portuguesa. Lisboa: Revista de Portugal – Série A, 1911/12 e 1912/13.

APÊNDICES

8.1 Ficha de Identificação do Entrevistado

O Entrevistado

1. Número do áudio do entrevistado:

1.2. Nome:

1.3. Sexo:

1.4. Naturalidade:

1.5. Estado civil:

1.6. Naturalidade:

1.7. Escolaridade:

1.8. Profissão:

1.9. Atualmente:

1.10. Endereço atual:

1.11. Você já morou fora da cidade de Cáceres? Por quanto tempo?

2. O pai

2.1. Naturalidade:

3. A mãe

3.1. Naturalidade:

4. Observações quanto ao comportamento do entrevistado durante a entrevista.

8.2 Roteiro de entrevista

Data:

Nome do Entrevistado:

Idade:

Data de Nascimento:

Estado Civil:

Escolaridade:

Endereço:

n°

Bairro:

Cidade:

Profissão:

1 – O senhor/ A senhora/Você nasceu em Cáceres? E seus pais?

2 – O senhor/ A senhora/ Você tem filhos, netos? Quantos?

3 - O senhor/ A senhora /Você gosta de morar em Cáceres? Por quê?

4 – Na sua opinião, antigamente Cáceres era melhor para se viver que hoje? Por quê?

5 – O senhor/ A senhora /Você gosta de peixe? Que peixe o senhor/ a senhora /você prefere? O senhor/ A senhora /Você come muito peixe? Como o senhor/ a senhora /você faz o peixe? Como o senhor/ a senhora /você chama a costela de pucu frita? E aquela feita com caldo, mojica? E a comida feita com caldo de peixe e farinha de mandioca? O senhor/ A senhora /Você pesca/pescou? Hoje os pescadores dizem que o peixe está desaparecendo. Isso é verdade?

6 – O senhor/ A senhora / Você conhece uma fruta grande, com a casca grossa como se fosse uns espinhos? Ela é cheirosa. Perto do restaurante Kaskata tem uns dois pés. Os pescadores dizem que ela umas das melhores iscas.

7 – O senhor/ A senhora / Você conhece alguma lenda/história que os mais antigos falavam, por exemplo, de assombração? O senhor/ A senhora / Você já ouviu falar da Serpente da Catedral? Do Minhocão no rio Paraguai?

8 – O senhor/ A senhora / Você conhece uma fruta grande, com a casca grossa como se fosse uns espinhos? Ela é cheirosa. Perto do restaurante Kaskata tem uns dois pés. Os pescadores dizem que ela uma das melhores iscas.

9 – O senhor/ A senhora / Você já ouviu falar de casa de chão batido? Conheceu alguma? Por que esse nome “chão batido”?

10 – O senhor/ A senhora / Você já ouviu falar de casa de chão batido? Conheceu alguma? Por que esse nome “chão batido”?

- 11– O senhor/ A senhora / Você já ouviu falar de um lugar/buraco muito fundo que havia/tinha na antiga estrada para Cuiabá, que uma vez um carro caiu nele e não conseguiram encontrar o veículo?
- 12 – O senhor/ A senhora / Você já morou em chácara? Gosta de chácara para morar ou só para passear?
- 13 – Antigamente, em Cáceres não havia/tinha padarias. Então os cacerenses não comiam pão?
- 14 – Fale sobre as festas tradicionais de Cáceres. Qual é a festa de santo mais importante de Cáceres?
- 15 – Quais as comidas, doces e bebidas típicas/tradicionais de Cáceres? O senhor/ A senhora / Você gosta de doce? Para o senhor/ a senhora / você qual é o doce mais gostoso? Como é feita a paçoca?
- 16 – O senhor/ A senhora / Você tem televisor/televisão? O senhor/ A senhora / Você assiste algum programa? Quais? O que o senhor/ a senhora /você acha da televisão?
- 17 – No seu tempo de juventude havia/tinha serenatas? Fale um pouco sobre elas.
- 18 – Em Cáceres é muito quente. No tempo das chuvas fica mais fresco. O senhor/ A senhora / Você gosta mais do tempo de chuva ou do tempo da seca? Por quê?
- 19 – Antigamente em Cáceres não havia/tinha supermercados. Mas existiam casas que vendiam de um tudo. Como se chamavam essas casas?
- 20 – No seu tempo de criança e juventude, tinha geladeira? Se não tinha, como as pessoas conservavam as comidas?
- 21 – O senhor/ A senhora / Você conhece o Pantanal? Já morou no Pantanal? O senhor/ A senhora / Você sabe o que é um coricho? No Pantanal há/têm animais perigosos?
- 22 – Ao acordar, o cacerense, principalmente os mais idosos, tem como costume escovar os dentes, tomar primeiro o guaraná e depois o café? O senhor/ A senhora / Você toma guaraná? Por quê?
- 23 - Para descontraírmolos/relaxármolos, vamos fazer uma brincadeira. O senhor/ A senhora / Você vai completar estes ditos/ditados que o povo gosta de falar:
- “Filho de,é.”
- “Não deixe parao que se pode fazer”
- “O que os olhos não veem, o não sente.”
- “Quem não tem., caça com gato.”
- 24 – O senhor/ A senhora / Você sabe fazer trovas/repentes/improvisos? Por exemplo, O senhor/ A senhora / Você é capaz de fazer rimas com as seguintes palavras: sabão, coração, carvão.

8.3 -TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, _____ anos, R.G. _____ residente à, na cidade de _____, Estado de _____, autorizo a pesquisadora, Mirami Gonçalves Sá dos Reis responsável pela pesquisa, aluna regular do Curso de Pós-Graduação (Doutorado em Linguística) do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Registro Acadêmico 087104, orientanda da Prof^a. Dr^a. Vandarsi Sant’Ana Castro, a utilizar meus depoimentos para análise científica no âmbito do projeto de pesquisa intitulado *Aspectos fonológicos/fonéticos na fala do Alto Pantanal: uma abordagem histórica*. Atesto que o material por mim concedido poderá ser utilizado pela pesquisadora descrita acima, e somente por ela, para qualquer espécie de publicação/divulgação, uma vez que a referida pesquisadora assume a garantia da não utilização das informações obtidas em prejuízo de minha pessoa. Reconheço que a pesquisadora responsável tem como objetivo identificar a origem, descrever a evolução e investigar as causas responsáveis pela preservação do falar característico da cidade de Cáceres-MT. Ou seja, a maneira como o nativo cacerense pronuncia palavras como: chuva [tchuva], xícara [tchicara], junto (djuntu] e pão [põ/põw], e que sua pesquisa pretende oferecer contribuições para os estudos da língua portuguesa falada em Mato Grosso. Reconheço, ainda, que a concessão de meus depoimentos e de outros documentos a essa pesquisa não envolve qualquer tipo de remuneração e que a minha participação como voluntário/informante não gera nenhuma despesa a mim. A pesquisadora responsável assume que os sujeitos da pesquisa não serão identificados em qualquer das formas de divulgação do estudo e de seus resultados, preservando, assim, o anonimato dos mesmos. Assegura, ainda, que não há riscos previsíveis para a realização desta pesquisa. Declaro ter recebido uma cópia do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para recurso ou reclamações referentes aos procedimentos adotados nessa pesquisa, a pesquisadora responsável informa o telefone da secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa da UNICAMP [(19) 3521-8936], e o *e-mail* do comitê (cep@fcm.unicamp.br). Para contato com a pesquisadora responsável, o telefone é: (65) 3223- 4824.

Cáceres-MT, _____ de _____ 2012.

(Assinatura)

